Fenômeno editorial nos Estados Unidos
Mais de 2,5 milhões de cópias vendidas

A *garota* do CALENDÁRIO

OUTUBRO

Audrey Carlan

Audrey Carlan

A garota do calendário

OUTUBRO

Tradução
Andréia Barboza

Editora
Raïssa Castro

Coordenadora editorial
Ana Paula Gomes

Copidesque
Lígia Alves

Revisão
Cleide Salme

Capa e projeto gráfico
André S. Tavares da Silva

Diagramação
Daiane Cristina Avelino Silva

Foto da capa
© Mayer George/Shutterstock (casal)

Título original
Calendar Girl: October

ISBN: 978-85-7686-564-3

Verus Editora Ltda.
Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C278g

Carlan, Audrey
A garota do calendário [recurso eletrônico]: outubro / Audrey Carlan; tradução Andréia Barboza. - 1. ed. - Campinas, SP: Verus, 2016.
recurso digital (A garota do calendário; 10)

Para Drue Hoffman

A estrada tem sido longa.

Quando comecei, você ofereceu ajuda e orientação no momento em que eu mais precisava.

Obrigada por compartilhar comigo o seu conhecimento.

Obrigada pelo apoio e pela amizade.

Espero que você goste deste volume e do homem peculiar que é Drew Hoffman.

SUMÁRIO

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

A garota do Calendário | Novembro

1

1

Silêncio. Foi isso que me recebeu quando entrei na casa de Wes, em Malibu. *Minha* casa. Não sei o que eu esperava. Talvez tivesse passado pela minha cabeça que o universo de repente se abriria e entregaria o paraíso na terra na forma do meu homem, em segurança e em solo americano, no conforto da nossa casa. Porque era basicamente isto: *nosso* lar. Wes foi inflexível para que eu mudasse minha maneira de pensar sobre o lugar a que Gin se referia como "a mansão de Malibu". Ele disse que a alternativa seria encontrarmos uma casa nova juntos. Eu não queria isso. Sinceramente, preferia mergulhar em tudo o que ele era. Inteiro. Único. Glorioso.

Wes trabalhou duro para conquistar tantas coisas ainda na juventude. Ele não era arrogante nem ganancioso. As linhas harmoniosas e a decoração descontraída imploravam que as pessoas ficassem à vontade e refletiam essa mentalidade. Enquanto eu caminhava pelos cômodos escuros e vazios, me reconectei com as coisas dele, mas havia mudanças. Algo estava diferente. Olhei ao redor, analisando e procurando as diferenças sutis que haviam surgido desde a última vez em que eu estivera ali, dois meses antes.

Na prateleira sobre a lareira de pedra, havia a estatueta de uma bailarina, com um palmo de altura. A perna longilínea estava estendida para cima, as mãos a seguravam pelo tornozelo enquanto a bailarina se equilibrava na ponta do outro pé. A peça era da minha mãe. Ela me mostrava exatamente como uma bailarina fazia aquele movimento, se equilibrando na ponta dos pés e inclinando o corpo para trás. Minha mãe foi corista em Las Vegas, mas, antes disso, dançou balé clássico e contemporâneo. Eu amava ver seus movimentos. Enquanto limpava a casa, ela rodopiava ao som de uma música que só ela mesma podia ouvir. Seu cabelo negro chegava quase à cintura e balançava ao redor do corpo como uma capa escura. Aos cinco anos, eu achava que ela era a mulher mais linda do mundo e a amava como a mais ninguém. Aquele amor era inapropriado, mas a estátua, não. Ela ganhou um lugar de destaque na prateleira de pedra, e, por mais que eu quisesse derrubá-la no chão, decidi deixá-la ali. Se eu não tivesse ficado com ela, era mais um item que teria sido doado. Às vezes as lembranças machucam, mesmo

as muito bonitas.

Eu me virei e observei a sala de estar. Em uma mesinha de canto havia uma fotografia emoldurada que eu reconheci. Maddy. Foi tirada um dia antes de ela começar a faculdade. Eu a segui por todo o campus, como um cachorrinho perdido. Mads, por sua vez, saltitava, segurando minha mão e balançando nossos braços. Fomos de sala em sala para que ela me mostrasse cada uma das turmas e o que aprenderia ali. Sua felicidade era exuberante, e eu a apreciei, sabendo que, naquele momento, minha menina, minha irmã caçula, faria algo surpreendente por si mesma. Já tinha feito. Eu estava mais que orgulhosa. O céu era o limite, e nada ficaria em seu caminho.

Continuando minha expedição, fui até a cozinha e encontrei um mosaico de fotos presas por ímãs na geladeira. Fotos aleatórias que eu havia tirado da geladeira do meu minúsculo apartamento tinham sido colocadas aqui. Maddy, Ginelle, pops. Havia também algumas novas. Fotos que eu nem tinha imprimido. Wes e eu. A foto de um jantar e uma selfie que tiramos na cama, mostrando apenas nosso rosto. Ele tinha incluído as duas. Aquilo foi o começo de tudo. Passei os dedos sobre seu sorriso. Muito confiante e sexy, me abraçando apertado em sua cama. Meu peito se comprimiu e eu esfreguei onde doeu. Em breve. Ele estaria em casa em breve. Eu precisava ter fé. Confiar na jornada. Agora, mais do que nunca, eu precisava acreditar nas palavras que havia tatuado no pé.

Entrando no cômodo que havia se tornado o nosso quarto, parei de repente, boquiaberta e de olhos arregalados.

— Puta merda. — Olhei com admiração para a foto à minha frente. Uma foto minha.

Foi o último retrato que Alec tirou de mim, em fevereiro, na plataforma de observação do Space Needle, admirando a vista de Seattle. Meu cabelo estava balançando nas costas, como um leque de mechas negras. Naquele dia, eu me senti liberta. Livre do fardo que meu pai havia, sem querer, colocado sobre meus ombros, da exigência de ser o que o cliente precisava — tudo isso sumiu naquele instante de paz. Naquele momento, eu era apenas Mia, uma garota admirando uma beleza real, vendo a paisagem à sua frente pela primeira vez.

Eu não podia acreditar. Weston havia comprado a peça mais cara que Alec criara de mim. Quer dizer, em nossas conversas ao longo do ano, eu acabei lhe contando sobre Alec. Bem, não os detalhes centrais da história; apenas o básico. Fiz questão de falar a ele sobre a arte, sobre a maneira como cada peça tinha me mudado e me permitido ver a vida, o amor e a mim mesma de maneira mais clara. Nós estávamos na cama, nus, enrolados um no outro, quando revelei quanto eu devia a Alec por aquela lição. Quanto

pareceu errado aceitar o dinheiro dele pelo que havia me dado, mas não tive escolha.

Segurando o telefone, procurei nos contatos e apertei o botão de ligar.

— *Ma jolie.* A que devo o prazer extremo de ouvir sua voz? — Alec atendeu naquele tom suave e sensual, que me lembrou de tempos melhores e mais felizes que passei embaixo do francês pecaminoso.

Virando, me acomodei na cama, sentando de pernas cruzadas, e olhei para o quadro.

— Eu, hum, não posso acreditar... — Em vez de terminar, virei o celular, tirei uma foto da peça e enviei para ele, colocando novamente o aparelho no ouvido. Pude ouvir o som de notificação da mensagem que mandei.

— Mia, *parle avec moi*, você está bem? — Seu tom era ansioso.

Minha voz tremeu quando observei todos os ângulos da beleza pendurada sobre a cama de Wes. *Nossa* cama.

— Veja a mensagem que eu mandei.

— Eu não gosto muito desse tipo de comunicação, *chérie*.

— Só olhe — gemi, esperando que ele me atendesse.

Pude ouvir alguns cliques.

— Ah, *mais oui*, você está se vendo, *non*?

Há momentos na vida em que tudo o que se deseja é entrar pelo telefone e estrangular a pessoa com quem se está falando. Eu estava vivendo um desses momentos.

— Você não está entendendo, Alec. Por que eu estou *me* vendo no quarto do meu namorado?

Alec ofegou.

— *Ma jolie*, você tem um *copain*? Um namorado? — A palavra rolou em seu sotaque francês e quase me fez esquecer que eu estava irritada por ele não estar se concentrando. — Você fez um compromisso para a vida. *Félicitations!* — ele me parabenizou, ainda sem me falar sobre o motivo de a tela estar ali.

Gemi.

— Alec, querido, preste atenção.

Ele murmurou:

— Ah, *chérie*, você sempre tem a minha atenção. Especialmente quando está nua para mim. Eu me lembro exatamente da sensação de ter você nos braços naquele mês. Você se lembra, *oui*?

— Alec, nós não vamos passear pela estrada das lembranças agora. Eu preciso de respostas. Suas. Como é que essa peça veio parar aqui no meu quarto?

Ele riu e suspirou.

— Sempre ansiosa. Talvez a intenção tenha sido te fazer uma surpresa, *compte tenu de votre amant*.

Meu francês estava enferrujado, já que eu não estudava nem falava com Alec fazia alguns meses, mas, basicamente, ele disse que tinha sido uma surpresa do meu amante.

— O Wes comprou?

— Não exatamente.

Minha coluna se retesou, e eu cerrei os dentes com tanta força que podia quebrar pedras entre eles.

— Este não é o momento de ficar acanhado. Desembucha, francês.

Ele fez um som estranho.

— Desembuchar é um hábito repugnante, do qual eu não participo.

Revirei os olhos e caí de costas na cama.

— Alec... — avisei.

— O seu amante não pagou pela obra — ele disse de forma clara.

— Então como ela veio para aqui?

Conseguir informações do meu francês quando ele, obviamente, não queria fornecê-las era mais difícil do que impedir que um homem gozasse depois de uma rodada de sexo. Impossível.

Finalmente, ele suspirou.

— *Ma jolie*, vou ser honesto com você. *Oui?*

Como se eu precisasse responder. Ele sabia o que eu queria, mas respondi assim mesmo:

— *Oui. Merci.*

— O seu amante fez contato com o meu agente. Ele queria comprar *Adeus, amor*. Eu estava me recusando a vender.

Aquilo me surpreendeu. Alguém que criava arte especificamente para ser vendida e compartilhada com o mundo estava se recusando a vender uma peça?

— Por quê? Não faz sentido.

Ele murmurou novamente, evitando se comprometer.

— Porque sim. Eu te amo e queria ter certeza de que a sua beleza seria apreciada pelas pessoas certas. Eu tinha regras para cada tela. Havia duas das quais eu não planejava me separar.

— E quais seriam?

Sua voz baixou para o rosnado sexy que eu conhecia muito bem.

— Eu gosto de nos observar no nosso momento de amor. Pendurei *O nosso amor* na

minha casa na França. *Je ne pouvais pas m'en séparer* — ele disse, e eu quebrei a cabeça tentando juntar as palavras em algo que fizesse sentido. Acho que ele afirmou que não podia se separar dela.

Eu ri.

— Alec, que bobagem. O objetivo da exposição era compartilhar a arte.

— Ahhh, mas eu queria que ela fosse vista pelos olhos certos. Vendi as outras peças para pessoas que verifiquei. Fui conversar pessoalmente com elas.

Balancei a cabeça e umedeci os lábios secos. As emoções giravam dentro de mim, olhando para a tela, falando com Alec, sentindo falta de Wes. Eu me sentia como se estivesse lidando com as consequências de um furacão. Estava tentando juntar os pedaços dos meus pensamentos e sentimentos, ainda que eles não se encaixassem bem.

— E esse quadro? Como chegou até aqui?

— Eu falei com o seu Weston. Ele me disse quem era e explicou que conhecia os termos do nosso relacionamento. Eu esperava *grabuge*.

— Lixo? — Ele esperava lixo? O quê?

— *Merde. Non*. Como se diz isso... bagunça?

— Confusão? — Eu ri.

— *Oui*. Confusão. Mas ele foi muito cavalheiro. Disse que tinha visto as obras na internet e queria comprá-las.

— Comprá-las? Todas?

— *Oui* — Alec respondeu, como se aquilo não fosse nada. Achei muito estranho o fato de meu surfista descontraído querer gastar milhões em fotos... minhas. Nós definitivamente íamos conversar sobre o mau uso do seu dinheiro suado depois que ele voltasse. *Meu Deus, espero que ele volte.*

Eu me levantei e andei pela casa rapidamente, procurando de sala em sala. Não vi mais nenhuma tela.

— E então...

— Eu disse que não. Que ele só podia ficar com uma. Se ele escolhesse a certa, eu venderia para ele.

Caramba, o Alec era um cara esquisito. Complexo, peculiar, amoroso, expressivo, exigente, extremamente bom de cama, mas completamente bizarro. Bem, todos os artistas são, não é? Ninguém pode delimitar ou rotular a natureza estranha deles.

— E...?

— Ele escolheu bem. Escolheu você.

O jeito como ele falou isso enviou ondas de formigamento para cima e para baixo

em meus braços. Eu os esfreguei, abraçando meu corpo, já que não tinha ninguém ali para fazê-lo por mim.

— Todas as fotos eram minhas, Alec.

— *Non*. As outras eram de momentos da sua vida, experiências, e algumas coisas que você fez pela arte. Essa imagem é resultado direto de quem você é hoje. E ele a quis. Então eu permiti que ele tivesse você.

A palavra "tivesse" soou estranha em sua língua.

— O que isso quer dizer?

— Considere um presente para você e ele. Para o amor de vocês.

— Você deu para o meu namorado uma tela que vale duzentos e cinquenta mil dólares?

— Na verdade, vale quinhentos mil.

— Puta que pariu!

— Mia. *Je t'aime*. De qualquer forma, eu ia lhe dar metade do que ganhasse com ela. Pelo menos assim você tem uma bela lembrança de quem você é todos os dias. Adorei saber que ele pendurou sobre a cama de vocês. Ele não poderia ter escolhido lugar melhor para essa imagem.

Funguei e lágrimas se formaram em meus olhos.

— Eu também te amo, sabia? Do nosso jeito — falei, com sinceridade.

Ele riu.

— *Oui*. Eu sei, *ma jolie*. — E, assim como o nome da tela, ele terminou a nossa ligação com duas palavras: — Adeus, amor.

Eu esperava que aquela não fosse a última vez que eu ouvia o meu francês selvagem falar. Mesmo que, basicamente, ele estivesse de certa forma dando sua bênção para Wes e para mim, eu ainda o queria na minha vida. Ele sempre seria uma parte desta jornada, e eu o amaria até o fim. Eu apenas amava Wes com mais intensidade. Estava *apaixonada* por ele e precisava que ele voltasse para casa.

A noite estava mais fria que da última vez em que eu estivera ali, mas fazia semanas que eu estava sentindo frio. Olhei para as estrelas e me perguntei se Wes podia vê-las de onde estava. Mesmo tendo prometido a mim mesma que esperaria que ele fizesse contato, peguei o celular e liguei. Caiu direto na caixa postal. A tensão invadiu meu corpo enquanto eu regulava a respiração, tentando não entrar em pânico. Ele

provavelmente estava dormindo. O homem estava se curando de um tiro no pescoço, pelo amor de Deus. *Relaxa, Mia. Você falou com ele ontem.*

— Oi, hum... Sou eu. Eu só queria ouvir sua voz. Estou em casa. Em... hum... Malibu. — Olhei para as ondas do mar, escuras ao longe. Quando falei novamente, minha voz tremeu: — A casa está vazia. Eu não sei onde a Judi está. — As ondas quebravam na costa, e o vento balançava meu cabelo, me deixando com mais frio ainda. — Adorei que você desempacotou as minhas coisas. Ou talvez tenha sido a Judi, embora eu espere que tenha sido você, na tentativa de misturar a nossa vida. — Puxei as linhas soltas da costura da calça jeans. — Wes... Meu Deus, que saudade. Não quero dormir na nossa cama sozinha.

Apesar de tentar segurá-las, as lágrimas vieram assim mesmo, e algumas traidoras escorreram pela minha bochecha. Eu não sabia mais o que dizer para que Wes soubesse quanto eu precisava dele. Quanto eu o queria. Eu achava que não conseguiria viver uma vida bonita sem ele.

— Lembre-se de mim — sussurrei e desliguei.

Para nós, esse pedido significava tanto quanto qualquer outra declaração de amor que pudéssemos fazer um ao outro — se não mais. Olhei mais uma vez para o céu, me virei e fui para o meu antigo quarto. Se eu não podia ter a coisa real, não dormiria na cama que nós dividíamos.

Leve. Foi assim que eu me senti. A sonolência me atingiu enquanto braços fortes me abraçavam apertado. Aconcheguei-me mais ao calor, esfregando o nariz nele, inalando o perfume masculino familiar. As poucas noites em que pude dormir tranquilamente eram sempre repletas de lembranças dele. Em vez de afastá-las, esta noite eu me entregaria a elas. Deixaria a alegria de tê-lo aqui comigo, cuidando de mim, se infiltrar em meus ossos, envolver meu coração e protegê-lo. Imaginei Wes me colocando na cama. Na nossa cama. O travesseiro tinha o cheiro dele, de mar, areia e aquele algo a mais que era puramente Wes. Ele permanecia lá. Esfreguei o rosto no algodão macio.

— Estou com saudade de você... — Minha voz falhou enquanto uma lágrima rolava.

Um toque leve como uma pluma deslizou em meu rosto.

— Eu estou aqui. Com você — ele sussurrou em meu ouvido. Sonhos são magníficos, pela capacidade de ser cruéis e esplêndidos ao mesmo tempo. Me dando

tudo o que eu queria, só para desaparecer de manhã.

Meus olhos se abriram e, em minha exaustão, vi um corpo. O dele.

— Não vá embora. Fique aqui. — Pisquei rapidamente, tentando manter os olhos abertos. A janela estava escancarada, deixando que a brisa fria do oceano entrasse. Aconcheguei-me na colcha pesada, puxando-a até o queixo. E então eu estava envolta em calor. Um braço envolveu minha cintura, e eu adorei aquilo no sonho. Senti-lo tão perto, me abraçando, sua respiração aquecendo meu pescoço.

Seu corpo se enrolou no meu por trás, e eu me encaixei no Wes imaginário, sem me importar que ele não estivesse realmente ali. Eu fingiria que ele estava e, por uma noite, dormiria bem. A forma como ele me abraçou, se aninhou em meu pescoço, era tão real. Apertei as mãos ao redor do braço que estava em minha cintura e o trouxe para descansar entre os seios, encostando os lábios nos nós dos dedos e inspirando sua essência profunda dentro da alma. O bastante para que, quando eu acordasse, de manhã, tivesse a impressão de que ele realmente esteve lá. Seu suspiro pesado fez cócegas perto da minha orelha. Lágrimas escorreram quando fechei os olhos com força, sem querer que aquela miragem desaparecesse. Por fim, o calor em minhas costas e a sensação de paz ao meu redor camuflaram minha tristeza e angústia.

Das profundezas do sonho, ele falou:

— Durma, linda. Eu vou estar aqui. Nunca mais vou te deixar.

— Que bom — murmurei para o meu Wes do sonho e o segurei com mais força, conforme Morfeu me levava para seus braços. Wes me apertou ainda mais, trazendo um lampejo de reconhecimento para a superfície. Cada parte do corpo dele me tocava de alguma forma. Exatamente como ele faria se estivesse aqui. Suspirei e me deixei afundar.

O som da sua voz parecia distante e confuso quando ele falou:

— Eu me lembrei de você, Mia. Todos os dias que fiquei sequestrado, você estava lá comigo. Eu sobrevivi das lembranças de você.

2

Um calor absurdo atingiu minha pele, ondulando sobre cada curva até estar avassaladoramente quente. O peso que emanava o calor tornava difícil me mexer. Tentei movimentar as pernas, mas elas estavam presas. Havia uma perna peluda em cima das minhas coxas. Espere. *O quê?* Quando meu cérebro começou a funcionar, tudo dentro de mim enrijeceu. Meu coração começou a bater tão forte que eu parecia ter um tambor dentro do peito, alto o suficiente para acordar a pessoa que dormia a meu lado. Imediatamente minha pele ficou fria e úmida. A ansiedade fez os receptores de medo despertarem.

Muito lentamente, movi os braços, tensa e preparada para atacar. Apertei a mão em punho, preparei o cotovelo para golpear, me inclinar e rolar, como tinha aprendido na escola, na aula de defesa pessoal. Só então pararia. Golpear. Me inclinar. Rolar. Repeti o mantra mentalmente. Golpear. Rolar. Cair. Realmente cair pela lateral da cama e correr feito louca.

Um gemido masculino soou atrás de mim, e os dedos que me seguravam me apertaram mais ainda.

— Posso ouvir os seus pensamentos. — A voz estava rouca de sono.

Bem quando eu estava prestes a atacar e utilizar o método de golpear/me inclinar/rolar, aquela voz acabou com o plano, como se fosse uma faca afiada cortando uma fita de cetim. Uma nova sensação me envolveu, ao mesmo tempo em que um arrepio atingiu minha pele, seguido de calafrios incontroláveis. Lágrimas se formaram em meus olhos e eu me virei. O aperto forte ao meu redor cedeu apenas o suficiente para que eu pudesse me mover. Eu estava cara a cara com o único homem que eu queria mais que o próprio oxigênio.

Wes.

As lágrimas caíram. Sua mão se aproximou e segurou meu rosto.

— Sentiu minha falta? — Ele sorriu e eu perdi a cabeça.

Rápida como um ninja, rolei sobre seu corpo e montei em seus quadris. Uma parte muito impressionante daquele corpo também estava ansiosa para dizer oi, mas eu

chegaria lá mais tarde. Minha boca já estava em ação. Espalhei beijos por todo o seu rosto. Na testa, nas bochechas, ao longo do queixo barbudo que fazia cócegas e provocava meus lábios. Evitei o pescoço, onde um curativo cobria a ferida.

Meu Deus, não acredito que ele está aqui em carne e osso.

Finalmente, grudei a boca na dele. Ele a abriu imediatamente. Não esperei nem meio segundo para torná-lo meu.

Sua língua estava quente, molhada, e era tudo o que eu tinha sonhado durante os últimos dois meses. Segurei seu rosto, e nossas línguas se entrelaçaram. As mãos de Wes subiram e desceram em minhas costas, seus quadris pressionaram meu centro, tanto me acalmando quanto acendendo um fósforo sobre o desejo que queimava dentro de mim.

Ele se afastou brevemente do beijo, com um rosnado feroz.

— Eu preciso estar dentro de você, Mia. Me faça inteiro.

Sem perder o toque de seus lábios, me desloquei, ficando de joelhos para conseguir tirar sua cueca. Lutei com a peça, tentando abaixá-la o máximo que conseguisse, então a empurrei por suas pernas. Ele terminou de tirá-la e agarrou meus quadris. Seu membro era longo, grosso e estava duro como pedra, orgulhosamente ereto, esperando para me possuir.

Não houve necessidade de preliminares, toques suaves ou palavras sensuais. Aquilo não era fazer amor ou transar com a pessoa de quem você sentiu saudade depois de um longo período. Não, aquilo era uma *exigência*. Animalesca, repleta de um senso implacável de adoração e necessidade carnal.

Fiquei de joelhos mais uma vez, espalhei a gota perolada na ponta de sua grossa ereção, gemendo conforme salivava com o desejo de chupá-lo, mas eu precisava mais daquela conexão intensa. Sentei nele com força e gritei quando seu pau entrou bruscamente em mim. O ar deixou meus pulmões enquanto meu interior apertava e pulsava ao redor de seu membro duro. Inclinando-me para a frente, apoiei a palma das mãos em seu peito, na direção do coração, e olhei em seus olhos verdes brilhantes.

— Wes... — bati de leve em seu peito —, você é de verdade.

— E você é um colírio para os olhos. — Ele inspirou, seu olhar me dizendo tudo. Quanto ele sentiu a minha falta. Seu desejo por mim. E que o amor que sentíamos o tinha trazido de volta para casa. — Caramba, você é linda demais. — Ele segurou meus quadris com força, deixando hematomas com a intensidade.

Eu não me importava. Queria sua marca em mim. Saber que ele havia me marcado fisicamente significava que ele estava em casa, em carne e osso, para provocar aquilo.

Eu nunca mais o deixaria ir embora.

Wes passou as mãos em minha camiseta regata. Eu a tirei e a joguei para o lado. Então o cavalguei, e ele respirou com força por entre os dentes e fechou os olhos.

— Não feche os olhos! — Minha voz tremeu.

Wes lambeu os lábios, me puxou para cima, para que seu pau quase saísse de dentro de mim, antes de deixar a gravidade assumir e me fazer descer novamente. Nós dois ofegamos com a profundidade. Seu membro inchou enquanto eu o apertava.

— Por quê, baby? — ele perguntou, metendo fundo dentro de mim. Seu membro duro como uma rocha roçava o local perfeito dentro de mim. Acariciei seu rosto, tocando cada um de seus traços, me certificando de que ele era real. Quando cheguei aos lábios, ele sugou e mordiscou meus dedos, enviando um choque de puro êxtase através de mim. Minha boceta apertou o cerco e a umidade deixou escorregadio o ponto em que nossos corpos se encontravam. Balançando para a frente e para trás, para cima e para baixo, ele me deixou definir o ritmo. — Por quê? — perguntou novamente, brincando com meus mamilos, puxando-os e alongando-os até que ficassem doloridos, implorando pelo calor de sua boca. Apoiando a mão no centro de seu peito, me movimentei num vaivém, esfregando o clitóris em seu osso pélvico. — Linda... Você vai me fazer gozar.

— Esse é o plano. — Além de distraí-lo da sua pergunta.

Mas Wes não permitiria isso. Ele segurou minha cintura com força, me impedindo de me mover. Era como estar pregada na parede, só que eu estava presa a um enorme pedaço de homem, suculento e pulsante. Choraminguei. Estava tão completa, mas ele me negava o prazer de cavalgá-lo até gozar.

— Me conta.

Girei a cabeça, liberando o pescoço da tensão que parecia estar lá há uma vida.

— Baby, nos meus sonhos os nossos olhos estão fechados — eu disse simplesmente. Era uma resposta vaga que escondia a verdade.

— Você sonhou muito comigo? — A pergunta me surpreendeu, indo direto para o ponto central de medo que eu sentia agora. Eu acordava sozinha, destruída e com um buraco tão grande no peito que todo o Pacífico poderia entrar nele e não me afogar. Não respondi a princípio, mas então ele mexeu seu pau dentro de mim, me acariciando em um padrão circular, fazendo o clitóris pulsar e o resto do meu corpo tremer. — Sonhou, linda? — Assenti e mordi o lábio, apreciando cada contração em meu interior. Não queria que ele saísse de dentro de mim nunca mais. Se eu fosse honesta, nunca desejei que ele saísse. Ponto-final. — Você gozou pensando em mim? — Seus olhos

brilhavam num tom verde-escuro e as pupilas dilataram.

Suspirei e relaxei quando ele deixou que eu me movesse e balançasse os quadris para sentir um pouquinho de alívio.

Inspirando suavemente, respondi. Eu faria qualquer coisa por ele, mesmo que aquilo me envergonhasse. Ele estava de volta.

— Às vezes. Normalmente você desaparecia, e eu estava sozinha em uma cama estranha.

Ele segurou meus quadris, ajudou a me puxar para cima e controlou meu ritmo quando desci, centímetro por centímetro. Seu pau grosso pressionou lentamente os tecidos sensíveis, provocando arrepios em meu núcleo, anunciando o orgasmo iminente.

— Não feche os olhos — pedi novamente.

— Eu não vou a lugar nenhum.

Wes levantou o tórax e se arrastou para trás, até apoiar as costas na cabeceira da cama. Seu pau estava incrivelmente enterrado dentro de mim e eu ofeguei, deixando a cabeça cair para trás. Meu cabelo tocou minha bunda e suas coxas. Uma de suas mãos me segurou firme pela cintura, a outra desceu pela minha coluna e depois subiu, acariciando entre as omoplatas, até que entrelaçou os dedos no meu cabelo e puxou... forte. Ele forçou minha cabeça para cima até que estivéssemos olhos nos olhos. O aperto firme em meu cabelo e o calor que formigava na raiz fizeram a dor se transformar rapidamente em prazer. Eu gemia, com a boca pairando sobre a dele.

— Foi isso aqui, linda. O que a gente tem. Você e eu. Foi isso que me manteve vivo. Eu devo a minha vida a você. — As lágrimas me encheram os olhos enquanto ele olhava para mim como se pudesse enxergar minha alma.

Umedeci os lábios, tocando os dele. Engoli em seco quando duas lágrimas escorreram pelo seu rosto.

— Não, Wes. Eu vivo por você. Você me faz acreditar que eu mereço mais. E, baby, você é o meu mais... o meu tudo.

Seguramos o rosto um do outro enquanto nossos lábios se juntavam, tomando, dando, amando. O que antes eu pensava ser amor não tinha absolutamente nada a ver com isso. Eu sabia que nunca amaria outro homem do jeito que amava Weston Charles Channing Terceiro.

Ele se afastou e traçou meu rosto com beijos, ainda dentro de mim. Era como se estivesse satisfeito apenas por estar ali, compartilhando um só corpo comigo.

— Eu vou casar com você em breve. — Sua respiração estava quente em minha orelha, mas as palavras foram abrasadoras, fazendo o calor em meu coração me

envolver. Apertei o cerco ao seu redor e ele gemeu.

— Isso foi um pedido? — Movi os quadris, fazendo-o lembrar como estávamos conectados. O prazer de tê-lo ali, firme e decidido, era muito afrodisíaco. Suspirei, me apoiei nos joelhos, me afastei alguns centímetros e depois me abaixei, reacendendo o fogo.

Ele gemeu e brincou com meus mamilos novamente antes de se inclinar para a frente e tomar um deles em sua boca quente. Segurei sua cabeça contra o peito, adorando tê-lo ali mais uma vez. Meus mamilos doíam com a expectativa. Wes sugou a ponta dura, afastando-se e a tirando da boca. Sua saliva brilhava no bico, sob a luz da manhã. Uma exibição sexy que imitava o que estava acontecendo lá embaixo.

— Não estou pedindo, porque você não tem a opção de dizer não — ele respondeu antes de passar a língua ao redor do outro seio.

— É mesmo? — Gemi e girei os quadris, buscando mais atrito.

Ele rosnou em meu peito.

— Eu sou o dono deste corpo. — Chupou a ponta com força, enviando choques de prazer para baixo, me deixando incrivelmente molhada. Seus lábios se arrastaram pela pele, até o ponto em que o meu coração batia forte. — Eu sou o dono deste coração. — Ele lambeu e beijou a pele, as mãos entrelaçadas em minha nuca. Seus lábios pairaram sobre os meus. — *Nós* somos os donos deste amor. — Selou sua declaração com um beijo que entorpeceu minha mente e fez os dedos dos meus pés se curvarem.

Weston estava certo. Nós éramos os donos daquele amor e, pela hora seguinte, ele me mostrou exatamente quanto, e eu perdi a cabeça várias e várias vezes.

Fiquei assistindo Wes dormir e analisando cada respiração sua depois que fizemos amor. Nunca pensei que o simples ato de observar o homem que eu amava dormir, respirar e apenas existir me daria aquela paz, mas foi o que aconteceu. Ele tinha me surpreendido quando acordei com seu corpo abraçado a mim. Ainda assim, enquanto passava os dedos por seu cabelo, eu achava difícil acreditar que ele estava mesmo seguro, ressonando em casa. Debilitado, mas vivo e dormindo ao meu lado.

De repente, a porta do quarto se abriu e a sra. Croft entrou. Ela me observou, depois viu Wes. A pilha de lençóis limpos balançou em suas mãos quando ela ofegou. Eu sorri. O rosto de Judi se iluminou e as bochechas coraram lindamente. Rápida, ela colocou as toalhas e os lençóis na cômoda, se virou e saiu do quarto.

Levantei devagar e vesti a camiseta branca que Wes tinha usado, permitindo que seu cheiro me envolvesse. Deixei o quarto na ponta dos pés e fui até a cozinha, onde Judi estava pegando algumas caixas no armário. Sua mão tremia quando ela colocou a mistura para panqueca sobre o balcão.

— Judi? — Passei pelo balcão e ela parou, os ombros caindo. Em uma explosão, ela se virou e me puxou em um abraço esmagador.

— O meu menino está em casa. Graças ao Senhor lá do céu. — As lágrimas se misturaram com o riso enquanto eu a abraçava. — Agora nós podemos ser uma família.

Lá estava novamente. Aquela palavra que tinha começado a significar mais para mim do que qualquer outra coisa.

— Se depender do Wes, isso vai acontecer mais cedo do que você imagina.

Ela deu um passo para trás, suas mãos apertando meus braços. Franziu a testa e inclinou a cabeça.

— Como assim? Ele fez o pedido? — A mão delicada foi para a boca enquanto seus olhos se arregalaram. — Aquele danadinho. — Seu tom era de espanto e emoção.

— Ele não me pediu em casamento.

Judi franziu o cenho e colocou as mãos nos quadris.

— O quê?

Eu a encarei e lhe dei o que ela queria.

— Ele me *avisou* que nós vamos nos casar.

A mulher que mais havia cuidado dele, depois de sua mãe, abriu um largo sorriso.

— Eu lhe disse que, quando ele decide algo, sempre consegue o que quer. — Ela se virou, pegou a frigideira e outros utensílios de que precisava.

— O que você está fazendo? — Olhei para o relógio, que marcava meio-dia.

— Um café da manhã de boas-vindas especial para vocês, meu amor.

É claro que sim. Judi demonstraria sua felicidade cozinhando. E eu comeria cada pedacinho. Meu estômago já estava começando a roncar com a ideia de saborear uma refeição caseira. Desde o Texas eu não comia comida de verdade.

Eu estava me servindo uma xícara de café quando um par de braços fortes e quentes rodeou minha cintura.

— Hum, você não estava lá quando eu acordei. Não gosto disso. — Seu tom deixou claro que ele não estava brincando. Era estranho ouvir aquilo do meu namorado descontraído e casual. Mais que estranho.

Rindo, me apoiei nele. Minha têmpora entrou em contato com alguma coisa áspera, que arranhava.

— Desde quando? — Eu queria suavizar o comentário que ele tinha feito. Eu não gostava daquela súbita mudança de personalidade. Antes, quando dormíamos na mesma cama, quem acordava primeiro sempre deixava o outro descansar. Era o nosso costume. Agora, as coisas eram diferentes.

— Não faça perguntas se não quiser as respostas — ele advertiu, sua voz mais dura que o habitual. O Wes casual de sempre ainda estava lá, mas parecia enterrado debaixo daquela versão maculada de sua personalidade.

Aquilo que estava arranhando minha testa tinha uma borda afiada que me cutucou.

— Ai. — Levantei a mão e os dedos tocaram o tecido.

— Merda! — Um murmúrio de dor, combinado com um silvo, deixou a boca de Wes, enquanto suas mãos seguravam com força meus quadris.

Eu me virei e observei o machucado. Na lateral de seu pescoço havia um grande curativo branco, que eu tinha visto antes de atacá-lo feito uma ninfomaníaca. No centro havia uma mancha, que estava ficando mais vermelha a cada segundo.

— Ah, meu Deus, o tiro. Merda! Eu devia ter sido mais cuidadosa. — Foi quando me dei conta de que Wes não estava absolutamente perfeito. Olhei para ele com um olhar mais crítico, agora que a necessidade de completar nossa conexão havia sido saciada.

Seu peito tinha várias manchas e contusões. Em um dos antebraços havia uma série de marcas que pareciam queimaduras. Com dedos trêmulos, examinei as feridas.

— Baby... — O nó na garganta me impediu de falar.

— Eu estou bem. Nós estamos em casa e podemos seguir em frente. — Sua voz era firme. Uma pontada de raiva cortava como uma faca cada palavra murmurada.

— Você não está bem. — Eu me inclinei e beijei cada machucado e cicatriz que encontrei. A mais preocupante era a do pescoço. — Por que o tiro não está cicatrizado?

— Os pontos abriram alguns dias depois da cirurgia e precisaram ser refeitos. Aparentemente, eu preciso ficar na cama o tempo todo para evitar movimentos bruscos que possam abrir a ferida. — Ele sorriu e eu fiz uma careta. Enquanto ele estava desaparecido, eu quase enlouqueci. Ele deve ter ficado dez vezes pior. Posso imaginar o tipo de paciente que ele foi.

Continuando meu exame do seu corpo, observando cada um dos ferimentos, notei as marcas em seu antebraço esquerdo, que pareciam vergões vermelhos, já com casca. Quando fui colocar a boca sobre um deles, ele segurou meu pescoço.

— Não faça isso. Não quero que a sua perfeição seja contaminada pelo mal. — Sua mandíbula estava apertada, e seus olhos pareciam buracos negros com aros verde-

esmeralda.

Sem dar atenção às suas palavras, olhei atentamente para uma das cicatrizes. Ele fechou os olhos e tensionou a mandíbula.

— Os olhos, baby. — Eu o lembrei da minha necessidade de que ele ficasse de olhos abertos. Ele sabia que eu ainda estava abalada com seu rapto, e a única maneira de passar por isso seria se enfrentássemos juntos. Tínhamos que abrir as feridas psicológicas e fazê-las sangrar para que pudéssemos curá-las.

O olhar de Wes se prendeu no meu. Suas narinas abriam e fechavam enquanto eu pairava sobre as feridas. Mantendo contato visual, coloquei os lábios sobre uma das queimaduras. Se tivesse acontecido o que eu pensava — e eu já tinha visto um dos capangas de Blaine infligir esse tipo de castigo —, os terroristas haviam apagado cigarros nos braços do meu lindo. Torturado sua pele bonita e bronzeada, deixando lembretes do lugar onde ele esteve. Eu queria apagar aquelas memórias, substituí-las por algo belo.

Então, fiz a única coisa que poderia fazer. Beijei cada marca, reivindicando-o.

— Eu sou a dona deste corpo — sussurrei suas palavras de volta para ele, indo do braço em direção ao peito. Coloquei os lábios sobre seu coração, beijei e lambi o espaço, do mesmo jeito que ele fez. Wes gemeu baixa e profundamente, mas manteve os olhos abertos. — Eu sou a dona deste coração. — Umedeci os lábios, fiquei na ponta dos pés e passei os braços ao redor de seus ombros, tomando cuidado para não tocar a área machucada em seu pescoço. Aproximando os lábios dos seus, eu disse as palavras finais: — Nós somos os donos deste amor. — Então eu o beijei, longa e profundamente, com cada partícula de amor que mantivera dentro de mim pelos dois meses anteriores.

— Vocês dois vão ficar se agarrando o dia todo, ou vão comer o que eu preparei? — Judi perguntou do outro lado da cozinha, interrompendo o que certamente seria uma nova rodada de sexo pesado bem ali onde estávamos.

Wes riu em meus lábios. Com uma mão ele segurava minha cintura, mantendo nossos corpos colados, e com a outra agarrava intensamente minha bunda. O lampejo de tesão começou a se acender devagar em meu ventre.

Esfreguei o nariz contra o dele.

— Nós temos a eternidade, baby. Vamos comer. Você está muito magro — eu disse, sentindo os contornos das costelas quando passei a mão em seu peito nu. Ele tinha perdido peso, mas isso não afetou a perfeição do tônus muscular e do tanquinho. O v sexy em seu quadril estava um pouco mais acentuado, quase como se fosse uma seta apontando diretamente para o centro da minha perdição. Espalmei a mão em seu pau,

que já estava meio duro. — Mais tarde? — prometi com uma pergunta.

Ele segurou meu traseiro com força e se esfregou em meu clitóris. Caramba, ele conseguia acertar meus pontos sensíveis sem nem precisar tentar.

— Tudo bem, linda, mas você é minha. O dia todo e a noite toda.

Bufei, fiz um coque bagunçado no alto da cabeça e o prendi com um elástico que tinha no pulso. Algumas mechas caíram ao redor do meu rosto enquanto seus olhos pareciam viajar por minhas pernas nuas. Permiti que ele examinasse minhas coxas e meu peito, onde o tecido se esticava sobre os seios nus. Ele me comeu com os olhos, o que imediatamente fez com minhas coxas se juntarem para aliviar um pouco da pressão.

— Neandertal — respondi e dei uma piscadinha.

Ele me puxou em sua direção, segurando minha cintura e esmagando meu peito contra o seu. Então se inclinou para perto do meu ouvido e sussurrou:

— Ah, linda, você não faz ideia. Eu sobrevivi só por causa da lembrança deste corpo, dos seus lábios rosados em volta do meu pau e do calor da sua boceta me apertando. Eu vou te comer feito um homem das cavernas. — Sua respiração era pesada, fazendo cócegas na minha orelha. Suas palavras serviram para enfeitiçar e excitar, até que ele terminou com: — Eu preciso disso. Preciso de você. Sempre.

Eu me derreti em volta dele.

— Podemos pular o café da manhã? — falei em voz alta, esperançosa, meu sexo já pulsando de tesão, ansioso pela intrusão.

— Ah, não. Não podem! Eu fiz um banquete de boas-vindas para o meu menino. Venham cá, vocês dois! — Judi nos puniu com um *humpf* exagerado. Wes e eu não conseguimos conter o riso. Nosso estado de exaustão, com o coração recuperado, e a necessidade louca de conexão física um com o outro estavam nos deixando delirantes.

— Certo, Judi. Vamos comer, vamos comer — Wes concordou.

Eu queria fazer beicinho, e fiz, até que me vi sentada à bancada e sendo servida de um prato repleto de bacon, ovos e panquecas, com frutas ao lado. Olhando para o prato de Wes, vi os mesmos itens. Algo naquilo me surpreendeu com uma enorme dose de alegria. De repente, eu estava faminta. Sentia fome pela primeira vez no que pareciam anos — mas eram, na verdade, só algumas semanas. Ver Wes comendo as panquecas elevou minha fome a proporções extremas. Em pouco tempo, eu estava tão cheia que precisaria que me levassem rolando para fora da cozinha.

— Judi, você se superou — Wes falou, limpando o próprio prato. Seus olhos começaram a piscar, sonolentos. Em um mês ele havia passado por muito mais do que a maioria das pessoas passa na vida.

— Que tal um banho? — sugeri.

Seus olhos se abriram totalmente. Brilharam num tom verde impressionante de grama recém-cortada que eu conhecia e que sinalizava que ele estava excitado.

Ele se levantou e segurou minha mão, me ajudando a descer da banqueta.

— Com certeza. Você primeiro.

Eu ri e rebolei enquanto caminhava à sua frente, de volta para o nosso quarto.

— Você só quer olhar pra minha bunda.

— Pode crer.

3

O vapor preenchia o banheiro quando entrei debaixo da água. Wes tinha um daqueles pulverizadores que imitam chuva muito acima do boxe, cobrindo o espaço em correntes reconfortantes de água morna. Havia dois outros bocais fixos nas laterais para atingir com força máxima costas doloridas e peito. Tendo o surfe como seu passatempo principal, eu tinha certeza de que a necessidade de ter o peito e as costas massageados era grande. Aquilo afastava a tensão depois de um longo período de atividades na água gelada do Pacífico.

Wes entrou no banheiro, tirou a calça do pijama e abriu a porta de vidro. Deixei meu olhar vagar descaradamente por todo seu corpo nu. Ele tinha removido o curativo. A linha do corte começava na jugular e dava a volta até a nuca, marcada com vários pontos minúsculos.

Eu me aproximei o máximo que pude, sua ereção grossa cutucando meu ventre quando me movi para perto, querendo ver o ferimento da bala. Timidamente, levantei a mão até o pescoço dele. Seu corpo inteiro enrijeceu, mas ele me permitiu examinar a ferida.

— Como você sobreviveu a isso? — perguntei, sabendo que a maioria das pessoas que levam um tiro no pescoço sangra até morrer.

— A Gina — ele disse, como se isso respondesse à pergunta.

Fiz uma careta, percebendo que não havia sequer perguntado se ela estava viva.

— Ela fez isso?

Ele assentiu. Seu corpo passou de rígido para duro feito pedra com a pergunta.

— Tecnicamente, sim. — Foi tudo o que ele disse, e eu não pedi que explicasse. Wes estava de volta e contaria o que aconteceu quando estivesse pronto. Eu não sabia muito sobre essas coisas, mas sabia que pressionar alguém para reviver de imediato uma situação ruim pode ser prejudicial. Eu não queria afastar Wes. Em vez disso, eu o manteria bem perto e o envolveria com o meu amor. Do mesmo jeito que ele havia feito comigo quando contei o que tinha acontecido com Aaron. Eu pressionaria por informações mais tarde.

— Que bom, baby.

Ele engoliu em seco e colocou as mãos na minha cintura, me puxando contra seu peito liso.

— Quando eles atiraram em mim, ela agiu rápido. Cobriu o buraco e fez pressão suficiente para impedir que eu perdesse muito sangue até a equipe me atender. Fui o primeiro a sair.

Tracei a ferida com o dedo.

— Dói?

— Sim. Toda vez que eu me mexo ou engulo — ele admitiu. Querendo afastar seu pensamento da dor e voltar para o nosso momento de celebração, me inclinei e beijei ao redor dos pontos, me movendo de encontro ao seu peito.

— Que tal eu fazer você se sentir melhor?

Wes sorriu, seus olhos brilhando com luxúria. Ele umedeceu os lábios, e eu os observei com desejo, mas havia outra parte dele que exigia atenção.

Beijando seu peito, deslizei a língua pelo seu abdome e desci até o umbigo, antes de me ajoelhar no piso frio e molhado. Wes pegou uma toalha ao lado do boxe e a deixou cair no chão. A água molhou o tecido bege, escurecendo-o. Fiz uma careta e ele apontou para minhas pernas.

— Para os seus joelhos. Não quero que você se machuque.

Sorri, coloquei a toalha dobrada embaixo dos joelhos e agarrei seus quadris. Inclinei-me para a frente, deslizando a língua por todo o seu baixo-ventre. Ele se apoiou entre a cerâmica e o vidro, em lados opostos. Ávida, envolvi a mão em torno de sua ereção e segurei firme. Seu eixo tensionou na direção do meu rosto, a cabeça do seu pau a poucos centímetros dos meus lábios. Sem tirar os olhos dele, lambi a pequena fenda na ponta.

— Porra! — Ele fechou os olhos e gemeu.

— Abra os olhos, Wes. — As palavras saíram apressadas e doloridas.

Uma de suas mãos se entrelaçou em meu cabelo.

— Mia, linda, eu estou aqui, esperando a minha mulher colocar esses lábios rosados no meu pau e me fazer esquecer de tudo, menos do paraíso que é a sua boca.

Quando Wes falava de forma selvagem durante o sexo e usava aquele tom de comando, eu perdia a cabeça. Ondas de eletricidade formigaram na ponta dos meus dedos, descendo pelo meu corpo, seguindo até o clitóris, que doía e latejava.

Antes que ele pudesse dizer outra coisa, coloquei seu pau grosso na boca, até a garganta, de uma vez só.

— Puta merda. Que delícia — ele grunhiu enquanto eu estreitava as bochechas e usava a língua para estimular a parte de baixo de seu membro.

Eu adorava o fato de ele gostar de falar durante o sexo. Levar o meu homem ao êxtase várias vezes me fazia sentir uma rainha. Passando a língua pelas laterais, brinquei com ele. Uma série de palavrões e suspiros saiu de seus lábios enquanto eu lhe dava prazer. Descendo mais a mão, acariciei as bolas, engolindo-o profundamente. Ele continuou segurando meu cabelo com força, o que era uma sensação nova. Não era algo que ele tivesse feito antes. Era quase como se ele estivesse com medo de que eu me afastasse. Ou então ele queria o controle. Algo me incomodou no fundo da mente enquanto ele metia de leve em minha boca.

Quando olhei para cima, não gostei do que vi. Seus olhos estavam abertos, mas não estavam em mim. Olhavam fixamente para a parede. Eu me afastei e ele apertou a mão no meu cabelo, tentando me forçar a voltar para o seu pau. Eu não tinha certeza se sua mente estava em qualquer lugar nos arredores da mansão, nas colinas de Malibu, ou naquele chuveiro comigo. Balançando a cabeça, recuei com força, deixando seu pau bater no abdome.

— Baby, volta pra mim — falei com o som da água caindo ao nosso redor. Ele não respondeu. — Wes! — chamei mais alto.

Ele pareceu acordar.

— O que foi? — Piscou algumas vezes e acariciou meu rosto com toques delicados, usando apenas a ponta dos dedos. Assim era melhor. Parecia mais com o homem que eu havia escolhido para compartilhar minha vida.

— Mantenha os olhos em mim. Eu quero que você me veja te amar.

Ele sorriu, e foi a coisa mais linda que eu vi no que parecia uma eternidade. Aquele sorriso me lembrava de longos passeios na praia, surfar, jantar comida gourmet, fazer amor e beijar até que nossos lábios ficassem inchados. Era o meu namorado, vivo e inteiro, totalmente comigo naquele momento.

Fechando a boca mais uma vez ao redor dele, redobrei meus esforços. Levei sua extensão até a garganta e mantive os olhos nos dele, sem nunca afastar o olhar. A ponta dos dedos dele tocou meu rosto enquanto inspirava, ofegante, gemendo e me incentivando.

— Nossa, Mia, sua beleza me quebra ao meio. Eu não sou inteiro sem você — ele falou, enquanto eu chupava seu pau. Podia sentir seu corpo tremer onde eu o segurava, nos quadris. — Você vai me fazer gozar. Se afaste que eu vou te comer contra a parede do chuveiro — ele ordenou, mas eu não ouvi. Em vez disso, continuei o que estava

fazendo. Eu ia virar seu mundo de cabeça para baixo.

Chupando com força, mantive os movimentos, deixando os dentes roçarem ao longo de seu membro sensível. Seus quadris fizeram uma leve pressão. Uma mão descansou na parede de azulejo, e a outra segurou meu rosto. Com a ponta do polegar, Wes traçou meus lábios, esticados em seu comprimento.

— Você vai engolir, baby? — Ele continuou seus pequenos movimentos quando o encorajei, mantendo o ritmo.

Assenti ao redor do seu eixo, levei-o até a garganta e gemi. Eu sabia que ele estava perto, que as vibrações e o aperto da minha garganta o levariam ao ponto sem volta.

— Porra. Porra. Porra. — Seus olhos nunca deixaram os meus enquanto ele bombeava o sêmen quente na minha garganta. Engoli cada jato, sugando sua essência salgada.

Quando seus quadris desaceleraram para um ritmo suave, permaneci ali, deixando a língua deslizar por todo o seu comprimento amolecido, lambendo e beijando, até que ele finalmente parou. Ele enganchou as mãos fortes debaixo dos meus braços e me levantou. Wes me abraçou, puxando meu corpo nu contra o seu conforme seus lábios vinham de encontro aos meus. Tomou o controle do beijo, sem pressa.

Nós nos beijamos no chuveiro até a água ficar morna e seu pau estar duro novamente. Minha excitação lambuzou seus dedos grossos quando ele enfiou dois deles profundamente e gemeu ao perceber a facilidade com que meu corpo o deixava entrar. Eu estava encharcada entre as coxas, e não só pelo banho. Não, o ato de engoli-lo, de ficar ajoelhada para ele, submissa ao seu prazer, me deixou incrivelmente excitada. Eu adorava fazer um bom boquete — mais que isso, adorava ter aquela pequena fração de poder sobre um homem tão forte.

— Vamos. Tem umas partes do seu corpo com que eu preciso me familiarizar de novo. — Ele me tirou do chuveiro e me envolveu em uma toalha macia.

— É mesmo?

— É. Agora vá para a cama e abra bem as coxas. Eu quero enterrar o rosto entre as suas pernas. Preciso ver você se desfazendo pra mim enquanto eu te faço gozar. Se prepare, Mia, porque uma vez não vai ser suficiente. — Seu olhar traçou minhas curvas quando deixei cair a toalha, deitei na cama e abri as pernas. Os olhos de Wes escureceram tanto que parecia não haver nenhum tom de verde.

Quando a toalha ao redor dos quadris do meu homem caiu, tentei não salivar. Apenas engoli em seco e o desejei novamente em minha boca. Talvez ele quisesse fazer um meia nove, permitindo que nos perdêssemos um no outro.

Um dos joelhos de Wes se apoiou na cama, depois o outro, enquanto ele se acomodava entre minhas pernas abertas. Seus dedos abriram os lábios do meu sexo, então ele se inclinou e me lambeu de baixo a cima.

— Humm. Sabe o que eu vou fazer com você hoje, baby? — Sua voz estava cheia de desejo.

Respirei profundamente e esperei. Seu polegar girava ao redor do meu clitóris, e eu pressionei o corpo em busca de mais.

— Vou brincar com a sua boceta molhada até você desmaiar. Depois vou meter nela e dormir com o meu pau dentro de você, com a cabeça bem perto para lamber os seus seios. Tudo bem pra você, linda?

— Me fode — sussurrei. Suas palavras pintaram um quadro extremamente sensual em minha mente.

— Esse é o plano — ele disse e me deu um tapa na bunda antes de mergulhar em mim.

Gritos de gelar o sangue atravessaram a serenidade do melhor sonho da minha vida. Wes e eu estávamos em uma ilha tropical, só nós dois, nos banqueteando um no outro dia e noite. Era sexy, selvagem e parecia uma lua de mel. Até que os sons vindos do homem deitado ao meu lado me fizeram voar da terra feliz para me estatelar diretamente no centro do inferno.

O corpo de Wes estava contorcido entre os cobertores, a cabeça virando para a frente e para trás. Seu corpo se arqueava para fora do colchão enquanto ele continuava a gritar. O suor umedecia sua pele, e eu tentei tocá-lo. No momento em que coloquei um braço em cima dele, ele me empurrou.

— Não encosta em mim, porra! Fique longe dela! — gritou com toda a força.

Que merda era aquela? Pulei da cama, acendi as luzes, mas ele não parou de se debater. O pesadelo o tinha envolvido com suas garras firmes. Eu havia lido em algum lugar que você não deve tocar em uma pessoa que está se debatendo durante o sono, porque ela pode te machucar. Sem saber o que fazer, peguei um copo de água que estava ao meu lado, fiz uma oração ao cara lá de cima e despejei o conteúdo sobre o meu homem.

Seus olhos se abriram e ele se sentou, balançando os braços. Uma mão estava

fechada, pronta para atacar. Sim, eu estava feliz por ter lido a matéria sobre terror noturno, ou eu poderia estar jogada no chão com um olho roxo.

— Mia! Mia! — ele gritou, olhando em volta, com os olhos inexpressivos e sem foco. Seu tom era desesperado. Cheguei perto o suficiente para que ele pudesse me ver. — Ah, graças a Deus você está bem.

Ele agarrou meus quadris, me jogou na cama e estava em cima de mim em dois segundos. Os lençóis e o edredom foram jogados para fora da cama enquanto Wes beijava, mordiscava e lambia meu pescoço, ombros e ia em direção ao meu peito. Ele não parou para tirar minha camisola, só empurrou as alças para baixo e libertou meus seios. Sua boca tomou um deles, ao mesmo tempo em que a mão escorregou até minha calcinha e dois dedos afundaram em meu calor. Era um encaixe perfeito. Meu sexo estava inchado das aventuras anteriores, mas isso não o impediu. Ele estava perdido dentro de sua mente, e eu era o caminho de volta.

Rapidamente ele empurrou minha calcinha para baixo, e menos de um minuto a partir do momento em que o acordei eu estava presa ao colchão, com sua ereção fincada em mim. Ele parecia uma máquina, me penetrando sem parar, sem delicadeza alguma. Seu único objetivo parecia ser a necessidade de apagar o que estava em seu subconsciente.

— Te amo, te amo, te amo — ele murmurava enquanto me comia. — Não vá embora.

Eu o segurei com mais força, sua pélvis se esfregando em meu clitóris enquanto ondas de excitação me atingiam dolorosamente, no ritmo da punição. Eu era escrava do corpo daquele homem, e ele, o meu mestre.

Os olhos de Wes se fecharam com força, os lábios presos entre os dentes enquanto ele me fodia sem pensar. Mãos firmes seguravam meus quadris, esmagando nossos corpos um no outro. Enquanto ele entrava e saía de dentro de mim, começou a falar rapidamente, fazendo pedidos sem sentido, de partir o coração, como se eu não estivesse ali para ouvi-los.

— Quero você. — *Estocada*. — Preciso de você. — *Estocada*. — Fique. — *Estocada*. — Não vá. — *Estocada*. — Eu te amo. — *Estocada*. — Minha Mia. — *Estocada*.

Passando os braços e as pernas em volta de seu corpo, eu o segurei o mais firme que pude. Minha vontade era proteger o homem que eu amava.

Seus quadris pararam de se mover com tanta rapidez e firmeza quando ele abriu os olhos.

— Mia, você está aqui. Minha Mia. — As palavras eram reverentes, como se, no caso de ele piscar, eu fosse desaparecer.

— Wes, baby, eu estou aqui, bem aqui. — Eu me agarrei ao seu corpo, querendo que ele sentisse o calor da minha pele e a força dos meus membros à sua volta.

Pequenas linhas apareceram ao redor de seus olhos vidrados.

— Faça isso acabar. Você precisa fazer isso acabar. — Seu tom era desesperado, e eu teria feito qualquer coisa para dar o que ele precisava, preenchendo o espaço com amor, luz e tudo o que nós dois éramos.

— Pegue o que você precisa de mim — sussurrei e beijei seu cabelo, a testa e qualquer parte que eu pudesse alcançar, até que os impulsos de seu corpo no meu me impediram de fazer qualquer coisa que não fosse abraçá-lo.

Wes colocou os dois braços ao redor dos meus ombros, debaixo de mim. O apoio que isso lhe proporcionou o levou à loucura. Ele intensificou o ritmo e me balançou em sua ereção macia e dura como aço com tanta força que meus dentes batiam. Não havia nada que eu pudesse fazer, exceto me segurar. Caramba, aquilo era selvagem. Perto do fim, quando aquela fina camada de sanidade estava prestes a se quebrar, ele enfiou a mão entre nossos corpos e circulou meu clitóris até que eu encontrasse prazer. Aquela pequena partícula de decência — a necessidade de Wes de me satisfazer — me fez lembrar de que o homem que eu amava era, no momento, uma alma perdida, e com a minha ajuda ele sairia da escuridão e voltaria para a luz.

Nos dias seguintes, o padrão foi o mesmo. Wes fazia amor comigo à luz do dia, quando se parecia mais consigo mesmo, e me fodia cruamente à noite, tirando do meu corpo o que ele precisava para afastar os pesadelos que encontrava no caminho de volta para casa.

Exausta depois de transarmos intensamente na quarta noite dele em casa, eu me virei, encontrando seu peito. A ansiedade e o medo que o haviam controlado no momento em que o acordei do pesadelo, até o sexo rápido, finalmente se esvaíram quando ele gozou dentro de mim. Durante muito tempo depois, ele me adorou com beijos suaves e sussurros de arrependimento e amor. Arrependimento por me usar por motivos egoístas, e amor porque ele sabia que eu faria o que fosse necessário para livrá-lo do mal que vivia em suas memórias. As palavras quebradas que ele sussurrava

durante o ato revelavam que ele tinha passado por uma provação terrível. Ele precisava de mais ajuda do que uma pausa temporária no corpo da mulher que amava. Aquele monstro rastejando em sua cabeça precisava ser eliminado, da mesma forma que eu tinha eliminado o meu depois de ser atacada por Aaron.

Decidi que era hora de falar sobre o elefante na sala. Pelo menos o suficiente para que ele pudesse dar os primeiros passos a caminho da cura.

— Baby, você precisa se consultar com alguém por causa desses pesadelos e da sua resposta a eles. — Abaixei o queixo e o beijei acima do coração.

Ele enrijeceu em meus braços.

— Você está brava porque eu estou usando o seu corpo? Eu não tive a intenção. Porra, Mia, eu não sei... — Ele passou a mão pelo cabelo. — Você é a única coisa que faz essas coisas pararem.

— Wes, tudo bem. Eu amo ser o que você precisa para se curar. Mas o que é que eu estou fazendo parar? — Foi a primeira vez que perguntei sobre isso desde que ele voltara para casa.

Seus olhos encararam os meus.

— As lembranças. Elas aparecem quando eu durmo, e eu não consigo afastá-las.

— Até que a sua mente e o seu corpo encontrem outra coisa em que se concentrar? — Sorri e balancei as sobrancelhas, tentando aliviar a intensidade do rumo que aquela conversa estava tomando.

Ele me olhou, sem jeito.

— Sim, exatamente. — Wes suspirou e passou a mão para cima e para baixo em minhas costas nuas. Depois que usava meu corpo, ele precisava se reconectar com suas emoções. Passava um longo tempo me acariciando. Acho que era o seu jeito de ter certeza de que eu estava bem.

— Você poderia me contar sobre uma delas? — Prendi a respiração e tentei demostrar que era forte. Forte o suficiente para ouvir o que ele tinha a dizer.

Wes negou, e sua mandíbula se retesou.

— Linda, você não quer ficar com essa merda na cabeça.

— Eu te contei sobre o Aaron. — Ele estava prestes a abrir a boca, contestar a semelhança da situação, mas segui em frente. — Eu sei que não é a mesma coisa, mas foi traumático para mim. Aquilo me machucou, assim como isso está prejudicando você, lindo. Se nós vamos ser um casal, parceiros em todas as coisas, temos que ser capazes de tirar a dor um do outro, aliviar o peso dos nossos ombros. Duas pessoas juntas fazem tudo ficar mais leve. Comece aos poucos. Me conta o que aconteceu

quando você levou o tiro.

Wes fechou os olhos e engoliu. Não os abriu novamente por tanto tempo que pensei que houvesse dormido ou estivesse tentando. Mas então ele falou:

— Eles nos mantiveram acorrentados à parede, com os braços acima da cabeça, amarrados com cordas. Eu nunca fiquei tão tenso quanto naquele momento em que eu não tinha mobilidade. Eles passavam muito tempo nos chutando, jogando coisas em cima da gente, cuspindo na nossa cara. Basicamente, o pior que você pode pensar deve ter acontecido. Naquele dia, eu sabia que alguma coisa estava acontecendo. Os homens não estavam mais contando piadas e brincando com seus brinquedinhos, ou seja, a gente. Eles estavam instáveis e falando com agressividade. Era como se estivessem com medo. Talvez soubessem o que estava por vir. E aí, de repente, ouvimos tiros e o som de helicópteros. Eu não sabia o que pensar.

Ele inspirou e eu tirei uma mecha rebelde de cabelo da sua testa. Ele não falou por alguns momentos, e eu me perguntei se ele continuaria.

— O que aconteceu depois? — Eu não queria pressionar, mas sabia que ele precisava tirar aquilo do peito.

Com uma expressão sombria, ele abriu os olhos.

— Dois dos terroristas ficaram de joelhos e rezaram. Como qualquer homem faz quando está com medo. Eles rezaram. Logo depois, quando o tiroteio piorou, eu ouvi passos e vozes falando inglês. Um dos homens ergueu a arma e atirou na própria cabeça. O outro me olhou com nojo, virou a arma e disparou de qualquer jeito. A Gina gritou. Os braços dela se abaixaram e caíram. Uma das balas pegou na perna dela, mas outra atingiu logo acima das mãos, arrebentando a corda e a deixando livre.

A respiração de Wes começou a ficar mais ofegante, então eu me inclinei e beijei seu peito, pescoço, testa e nariz.

— Tudo bem, baby. Eu estou bem aqui. Continua. Me conta o resto.

Ele segurou minha nuca. Não me puxou para beijá-lo, só me segurou e olhou nos meus olhos.

— O homem chegou perto de mim e gritou alguma coisa. Apontou a arma para a minha cabeça. Quando disparou, a porta da cabana explodiu. Ela foi literalmente destruída em uma nuvem de fumaça. Outra arma disparou quando o homem estava olhando para a porta, e eu vi o corpo dele cair com um buraco de bala no meio dos olhos.

Eu o abracei com mais força. Seus tremores ondulavam em meu corpo enquanto eu ouvia cada palavra.

— A Gina rolou, pegou um pano sujo que estava caído perto da gente e o apertou na ferida no meu pescoço, enquanto uma equipe de soldados americanos invadia o lugar. Eles falaram umas coisas em um walkie-talkie ou algo assim. Eu não sei direito. A última coisa que lembro é de estar sendo carregado por um deles, correndo para um helicóptero. Nunca vou esquecer o barulho. Era ensurdecedor. Explosões, gritos, tiros, choro. — Ele passou a mão no rosto. — Mia, eu escrevo filmes que têm efeitos especiais, mas isso não tem nada a ver com a coisa real. Nada se compara ao medo que você sente num cativeiro assim. Mesmo quando eu estava sendo resgatado pelos militares, eu ainda achava que ia morrer. Que ninguém pode viver depois daquilo que aconteceu. E a Gina... meu Deus! — As lágrimas encheram seus olhos e caíram pelo rosto em uma cascata. — Ah, baby, as merdas que fizeram com ela — ele soluçou. — Ela vai ficar traumatizada pelo resto da vida.

As lágrimas de Wes encharcaram minha pele enquanto eu o abraçava. Agora ele estava sentado e havia nos posicionado de modo que fiquei em seu colo, com as pernas ao redor de seus quadris. Ele estava me usando como um cobertor. Mantive os braços em volta do corpo dele, mesmo quando as lágrimas desciam pelo meu ombro e ao longo da minha coluna. O tempo todo eu dizia como ele era corajoso, que agora estava tudo bem e que nós dois iríamos superar aquilo, mas ele não parava de chorar. Wes estava a poucos passos de um colapso, mas eu estava lá e o ajudaria a juntar os pedaços, uma peça de cada vez.

Ele caiu em um sono inquieto, me segurando junto ao seu corpo, sem afrouxar o aperto. Eu era sua salvação e, no fim das contas, isso me deixava bem.

4

— Para com isso! — Eu ri em seu pescoço enquanto Wes apalpava minha bunda.

O som profundo de sua risada tocou minha alma. Ele murmurou, segurando meu traseiro.

— Eu não consigo. — Se esfregou em meu pescoço e mordeu a base. — Você está absolutamente deliciosa nesta saia. Eu devia ter te levado a mais reuniões de negócios naquele mês que nós passamos juntos. Você está parecendo uma bibliotecária safada. — Ele pressionou o membro duro contra meu traseiro.

Eu havia escolhido uma saia lápis preta e uma blusa de seda azul. Judi me garantiu que eu parecia uma profissional e que causaria boa impressão nos executivos que dirigiam o programa do dr. Hoffman na TV a cabo, realizado pela Century Produções. A única coisa que eles me pediram foi que eu não usasse nada verde. Aparentemente, muitos dos cenários seriam uma tela verde, o que significava que, se eu usasse essa cor, desapareceria nas imagens que eles iriam inserir atrás de mim.

O programa não pagaria minha comissão de acompanhante do jeito que eu tinha imaginado. A famosa produtora não assinaria um cheque para uma empresa chamada Exquisite Acompanhantes de Luxo. Millie havia elaborado um contrato à parte, denominando-se minha agente e cobrando a mesma taxa de cem mil dólares para garantir que eu teria o dinheiro de que precisava para pagar Blaine. Dinheiro que eu agora daria ao meu irmão. Max me olhou como se eu tivesse duas cabeças quando sugeri parcelas mensais. Independentemente do que ele dissesse ou fizesse, receberia o dinheiro de volta. Fim de papo.

Por causa do trabalho de um ano com a Exquisite Acompanhantes de Luxo, tive que deixar meu outro agente pouco mais de nove meses antes. Fiquei contente pelo fato de Millie ter tino nos negócios para gerir esse novo lado do nosso acordo. Meu último agente não havia me conseguido nada rentável ou que definisse minha carreira, por isso não foi grande coisa para nenhum de nós quando eu o dispensei.

Cobrindo as mãos de Wes com as minhas, me permiti alguns momentos de pura felicidade antes de me virar, dar um selinho em seus lábios e me afastar. Seus olhos

estavam cheios de alegria quando ele avançou em minha direção, me segurando pela cintura e me prendendo em seus braços fortes.

— Ei, não é justo. — Bati em seu peito. — Você é muito mais forte do que eu! — Fiz beicinho.

— É melhor acreditar. Nada vai me impedir de ter você. Não entendeu isso ainda? — Ele sorriu e beijou todo o caminho da minha clavícula até a lateral do pescoço, seguindo para a orelha. — Humm — murmurou, e o som enviou um choque escaldante de luxúria, arrepiando minha pele.

— Wes... — gemi, inclinando a cabeça para trás, dando-lhe mais acesso. Sua boca fazia coisas que me deixavam louca. Eu me transformava em uma idiota sempre que ele me tocava. — Baby, eu tenho que sair pro meu primeiro dia de trabalho.

Ele lambeu delicadamente o lóbulo da minha orelha, seus dedos alisando minha bunda.

— Está bem, está bem. Eu sei que você tem que ir.

Beijei seus lábios.

— O que você vai fazer hoje? — perguntei, com uma pitada de ansiedade, embora tentasse escondê-la atrás de um sorriso tímido.

Ele deu de ombros, estendeu as mãos e as deixou bater nas coxas.

— Acho que vou surfar ou talvez malhar em casa. — Esfregou as mãos no peito, para cima e para baixo. — Quero fazer o possível pra recuperar a forma.

Colocando uma mão em seu rosto, afastei uma mecha com o indicador.

— Você precisa cortar o cabelo — provoquei.

— Então eu vou cortar o cabelo — ele disse, decidido.

— Ei. — Passei os braços ao redor da sua cintura e apertei a bochecha em seu peito. — Foi só uma sugestão. — Com o queixo ainda apoiado nele, olhei-o nos olhos. Eles estavam num tom verde normal; só aparentavam cansaço.

Ele esfregou minhas costas, entrelaçando os dedos na minha nuca, e me puxou para perto, até nossos lábios estarem a milímetros de distância.

— Não se preocupe comigo. Se preocupe com você e o dr. Amor.

Revirei os olhos.

— O cara é casado com uma top model.

— Sim, uma top model bem nova. E um palito. Acredite em mim. — Ele pressionou os quadris, passou as mãos pela lateral do meu corpo e segurou meus seios. — Quando ele der uma olhada nessas curvas, vai desejar não ter escolhido um picolé quando poderia ter um sundae duplo.

Dei risada em seu pescoço.

— Você acabou de me comparar com uma sobremesa?

Ele riu.

— Você tem o gosto do doce mais saboroso. Nada menos que isso, linda.

Recuei, pegando minha bolsa.

— Fique bem hoje. Vou ficar com saudade. — Virando-me, soprei um beijo para ele.

— Baby, eu vou sentir a sua falta mais do que você imagina. — Ele acenou e eu saí para o sol forte da manhã na Califórnia.

A limusine estava esperando. Normalmente eu teria preferido ir com a Suzi, já que não a usava havia bastante tempo, mas Wes insistiu. Além disso, eu estava usando uma saia lápis sexy, o que tornava impossível andar de moto.

Assim que entrei e me acomodei no banco de couro preto, soltei a respiração, que parecia estar segurando havia meses. A despedida de Wes ficou em mim como se eu tivesse passado pela seção de perfumes no shopping.

Baby, eu vou sentir a sua falta mais do que você imagina.

Parte de mim queria ficar em casa com ele, mergulhada em sua essência, dia e noite. Só que isso não curaria nenhum de nós. Ainda que Wes estivesse sofrendo, eu tinha meus problemas para resolver. Quando ele sofria com o terror noturno e buscava conforto em meu corpo para, em seguida, virar para o lado e dormir, era nesse momento que minha preocupação surgia. Eu ficava acordada, observando-o dormir pelo máximo de tempo possível, me deleitando com o fato de ele estar em casa, inteiro e meu. O que não era exatamente verdade. Wes estava vivo e inteiro fisicamente. Já sua mente tinha mais buracos que um queijo suíço.

Depois de uma semana juntos, eu soube que ele precisava de ajuda, e era responsabilidade minha, como sua companheira de vida, conseguir o que ele necessitava. Naquela noite eu pesquisaria alguns terapeutas. Talvez ligasse para sua irmã, Jeananna, e pedisse a opinião dela. Wes não ia querer que eu contasse para sua mãe sobre o terror noturno ou sobre sua falta de vontade de voltar ao trabalho. Ele ficava apático quando as conversas se desviavam para as paixões da sua vida: produção de filmes e roteiros. Claire se preocuparia muito e se transformaria em uma mamãe urso, pairando sobre seu bebê de cinco anos. Só que Wes tinha trinta e não precisava desse tipo de atenção agora. O que ele precisava era se encontrar novamente, perceber o que ainda tinha, viver o luto pelo que perdeu e encontrar uma forma de seguir com a vida.

Imaginei que, com o tempo, ele superaria a ambivalência em relação ao trabalho e chegaria ao ponto de ter que lidar com a perda de muitos membros de sua equipe — alguns tinham sido mortos bem na sua frente. Eu não podia imaginar o impacto de tudo isso em seu psicológico. Wes precisava tirar alguns meses de folga. Ele tinha dinheiro aos montes, então isso não era algo fora da realidade. Talvez um ano sabático depois do trauma que passou fosse fazer bem para sua alma.

A loira bem-vestida, na casa dos vinte anos, obviamente toda plastificada, me levou pelos corredores da Century Produções.

— Você precisa estar aqui, de segunda a sexta, às nove em ponto. — Ela olhou para o relógio e se encolheu. Certo, eu estava alguns minutos atrasada. O homem na portaria havia me indicado o estúdio errado. Assim, mesmo que eu tivesse saído meia hora mais cedo, ainda teria um atraso de alguns minutos.

— Claro. Agora que eu sei para onde ir, vou chegar mais cedo.

A mulher, que orgulhosamente se apresentou como assistente do dr. Hoffman — Shandi, com "i" —, assentiu e se moveu em um ritmo rápido. Seus saltos altíssimos batiam no piso de concreto, e aquele som correspondia à cadência apressada do meu coração. Eu não me sentia apressada assim havia meses. Tinha esquecido que tudo em Hollywood se move à velocidade da luz. Era preciso ser rápido para se manter ali.

— Maquiagem e figurino ficam lá dentro. — Shandi apontou para uma sala com cadeiras viradas de frente para um grande espelho cheio de luzes, que destacavam cada ruga e mancha em seu rosto. Eu não estava ansiosa para me sentar naquela cadeira. Quando olhei para trás, os olhos de Shandi pareciam deslizar sobre minha saia e blusa. — Você está bem assim, em relação à roupa, mas o cabelo precisa de um trato. Não é um programa sobre as mulheres selvagens da Amazônia. Vamos prender, fazer cachos suaves, uma coisa mais elegante e profissional. — Ela bateu no queixo com a ponta de uma unha muito bem cuidada, pintada em um tom de rosa pálido. — A câmera vai te amar. Quase tanto quanto o Drew. — Sua carranca ficou evidente antes de ela se virar e continuar.

Fomos levadas a uma porta que tinha "DREW HOFFMAN" em letras garrafais brancas escrito dentro de uma estrela. Shandi bateu à porta.

— Entre, Shandi — disse uma voz suave como mel.

— A srta. Saunders está aqui. Você disse que queria conversar com ela antes de ela se reunir com os roteiristas. — A personalidade de Shandi mudou diante de meus olhos. A carranca desapareceu e foi substituída por um enorme sorriso. Seus olhos já não eram mais desdenhosos. Não. Agora eles estavam abertos e brilhantes. Um belo tom de rosa cobriu seu rosto enquanto ela falava com o homem que eu não conseguia ver.

— Sim, sim, meu bem. Traga a moça aqui.

Meu bem?

Shandi me conduziu para dentro da sala. O homem que me recebeu era exatamente o que eu esperava. Pelo menos quinze anos mais velho que eu, mas isso não prejudicava sua aparência. Cabelo preto com mechas grisalhas nas têmporas. Os olhos cinzentos me avaliaram, parecendo apreciar o que viam. Ele era muito mais musculoso do que aparentava na televisão, embora talvez essa impressão fosse causada pelas roupas de cirurgia que usava, as quais escondiam o corpo. Agora, com um metro e oitenta e poucos de altura, vestindo uma camisa que o envolvia de maneira deliciosa e uma calça de alfaiataria que se moldava a cada curva, eu podia entender por que as pessoas quase desmaiavam em cima do doutor. Ele era gostoso. Simples assim.

— Extraordinária. — Ele estendeu a mão. Eu o cumprimentei, e ele colocou a outra mão sobre a minha, em um aperto duplo. *Quem ainda faz isso? Um aperto de mão duplo?* — Você é muito mais bonita pessoalmente do que nas fotos.

Inclinei a cabeça e o observei.

— Você também não é nada mau, doutor. — O elogio saiu num tom abafado. O dr. Drew Hoffman era demais. Se eu queria pegá-lo e montar nele até amanhã de manhã? Não, nem um pouco. Mas o fato de o meu coração e o meu sexo pertencerem a Wes não significava que eu estava morta ou que não me sentia nem um pouco afetada por um belo exemplar masculino.

Ele beijou minha mão.

— Prazer em conhecê-la, srta. Saunders. Estou ansioso para ver os resultados do seu quadro. A mídia está realmente gostando de você, especialmente depois que o clipe do Latin Lov-ah viralizou. Você agora é uma celebridade, e bastante popular.

Ronquei de forma pouco feminina.

— Hum, eu acho que você está equivocado. Eu não sou uma celebridade. Já namorei alguns homens famosos e estrelei um clipe, mas foi só isso.

Ele estalou a língua e soltou minha mão, o que foi bom, porque eu estava começando a me sentir incomodada com ele me segurando havia tanto tempo. Ele andou até uma mesa e espalhou várias revistas de fofocas e alguns recortes de jornais.

— O que você tem a dizer sobre isto, então?

Fui até a mesa e observei a exibição diante de mim. Nada poderia ter me preparado para o que vi. Uma dúzia de revistas com minha foto na capa. Uma com Tony, outra com Mason, a campanha publicitária mostrando a sessão de fotos com a modelo Michelle no Havaí. Havia até fotos de Alec e eu na exposição *Amor a óleo*, em Seattle. Parecia que, naquelas fotos, o fotógrafo tinha prestado muita atenção em cada pequeno toque e insinuação que Alec fez para mim. Havia até mesmo uma capa sugerindo que eu era o novo interesse amoroso de Anton Santiago e que atualmente o estava traindo com meu novo amante, Weston Channing.

Frustrada, empurrei as revistas.

— Eu não sei o que dizer.

Drew se sentou no sofá e abriu bem os braços, em uma pose casual. Aquele homem era o dono do seu domínio, o rei do seu castelo, e nada o abalava.

— Não há nada a dizer. Você é a próxima *it girl*, e eu pretendo me aproveitar disso.

Dei de ombros e me sentei em frente a ele, enquanto Shandi nos preparava bebidas na mesa lateral, perto da porta. Ela colocou uma xícara de café na minha frente, e, apesar de não ter pedido, eu me senti grata. Nada me deixava mais tensa do que o fato de as pessoas presumirem mentiras a meu respeito. Mas muito daquilo era mesmo verdade, então agora me restava tentar fazer o controle de danos.

— Obrigado, Shandi. Pode ir agora. — Drew dispensou a assistente sonhadora com um aceno de mão. Tomou um gole de sua xícara e me avaliou. — Então, sobre o que você vai falar no seu primeiro quadro, na sexta-feira?

Estreitei os olhos e coloquei as mãos sobre os joelhos.

— Como assim? Eu não recebi o roteiro.

Seus olhos se arregalaram.

— A sua agente não te falou?

Minhas sobrancelhas se levantaram por instinto.

— Humm, não me falou o quê?

Ele riu e deu um tapa no joelho.

— Meu bem, você vai escrever o quadro "Vida bela". É totalmente a sua visão. O que você enxerga como beleza. Com base nas campanhas de que você participou, *A beleza vem em todos os tamanhos* e *Amor a óleo*, e no vídeo que fez, a nossa pesquisa mostrou que um quadro escrito por você, com os seus sentimentos, vai fazer sentido para o nosso público.

— Você está de brincadeira.

Ele balançou a cabeça.

— Receio que não, meu bem. Parece que você precisa ter uma conversa com a sua agente e começar a trabalhar. Eu quero o resumo do quadro de quinze minutos até quarta-feira. Então nós podemos nos encontrar, discutir e, no dia da transmissão ao vivo, na sexta, eu vou analisar a sua interação com a plateia no estúdio.

Eu tinha que preparar do nada um quadro de quinze minutos relacionado a ter uma vida bela. No que foi que a Millie me colocou? Pensei que iria atuar, interpretar um papel. Não, eu *era* o papel. Era a vida real. Um brilho de animação e medo me percorreu. Eu seria capaz? Seria possível que eu desenvolvesse algo que milhões de pessoas achariam interessante o suficiente para querer assistir todas as semanas no programa do dr. Hoffman? Acho que eu descobriria. Talvez Wes pudesse me orientar. Aquilo poderia ajudá-lo a reencontrar sua paixão. De repente, eu mal podia esperar para começar, trocar ideias com meu namorado e criar algo que os produtores e o dr. Hoffman achassem incrível.

— O que eu faço agora? — perguntei ao doutor sexy e metido.

— Comece a trabalhar. Vejo você na quarta-feira para a nossa reunião de pré-produção. Não me decepcione. Eu escolhi você pessoalmente. Estou esperando um quadro incrível para os meus espectadores.

Eu me levantei e fui até a porta. Virando-me, joguei o cabelo sobre o ombro.

— Eu vou te surpreender muito. Você nunca mais vai querer que eu saia do programa.

Ele sorriu.

— Então prove, meu bem.

Sem olhar de volta, saí da sala. O dr. Hoffman tinha um ego e tanto. Ele me olhava de um jeito que me fazia sentir como se eu fosse um pedaço de carne, mas não tanto a ponto de me fazer pensar que ele tomaria alguma atitude com relação àquele sentimento. Talvez ele fosse um cara legal, embrulhado num pacote pomposo e sexy. Meu alerta antibabaca não estava apitando, e depois da experiência com Aaron eu estava sempre com a antena ligada.

No caminho de volta para casa, peguei o telefone e liguei para Millie.

— Exquisite Acompanhantes de Luxo, Stephanie falando.

— Oi, Stephanie, é a Mia. Posso falar com a minha tia?

— Ah, oi, menina! Que bom falar com você. A sra. Milan disse que você não está mais no negócio de acompanhantes. Está tudo bem?

Era impossível não rir. Certamente eu havia deixado os negócios. Nunca quis

trabalhar naquilo, para começo de conversa, mas, agora que minha dívida estava paga, eu era capaz de seguir em frente. Como Max pagou Blaine, Millie cancelou os clientes de novembro e dezembro. Por enquanto eu faria quatro quadros para o programa do dr. Hoffman e, se eles renovassem, talvez mais. Acho que tudo dependeria de eu gostar ou não do trabalho, e de eles gostarem do que eu ia fazer.

— Mais que bem. Eu só estava fazendo alguns trabalhos para pagar uma dívida da minha família. Agora que está tudo resolvido, eu segui em frente e voltei pra casa, em Malibu. A minha tia pode atender? — Levei o foco da conversa para o motivo da minha ligação.

— Ah, é claro. Se cuida, Mia! Não desapareça — ela disse e transferiu a ligação. Tocou algumas vezes.

— Olá, boneca. Como a terra do silicone, da cirurgia plástica e das estrelas anda tratando você?

— Bem, como seria de esperar. Tem alguma coisa, tia querida, que você esqueceu de mencionar sobre o quadro "Vida bela"? — perguntei, meu tom sugerindo que realmente havia.

O som das teclas podia ser ouvido através da linha.

— Não sei. O pessoal enviou o contrato e eu revisei. A equipe jurídica analisou e estava tudo em ordem. Sem rodeios: qual é o problema? — Seu tom era profissional, e eu fiquei feliz. Aquilo significava que ela levava muito a sério o papel de agente.

— Millie, você não mencionou que eu mesma teria que escrever o quadro.

Ela murmurou e continuou a trabalhar. Eu podia imaginá-la lendo seus e-mails, pressionando as teclas, arranjando encontros entre homens solitários e mulheres gostosas.

— Não estou vendo o problema. Não enrole, querida. Vá direto ao ponto.

Suspirei.

— Millie, eu tenho que escrever o quadro. Do zero, toda semana.

— E por que isso é um problema? Você é inteligente, linda e criativa. Isso deve ser moleza para você.

Gemendo, enrolei uma mecha de cabelo e olhei para os outros carros que passavam na autoestrada a caminho do centro. A estrada era muito larga nas duas pistas e ainda assim estava congestionada.

Umedeci os lábios.

— Seria bom se eu soubesse o que me esperava.

— Querida, eu lhe enviei uma cópia do contrato. O seu papel estava detalhado ali.

Você assinou. Lamento que não tenha lido. E, para referência futura, eu vou lhe dizer: nunca, repito, *nunca* assine um contrato sem antes ler cuidadosamente.

Aquele comentário abalou meus nervos já frágeis.

— Você é a minha agente. Devia ter me dado um panorama.

— Você está me culpando por não estar preparada? Boneca, desculpe. No entanto, só vou assumir a responsabilidade por não tê-la preparado completamente mesmo sabendo que o seu emocional estava abalado. Se bem que eu não concordaria com o contrato se não acreditasse que era a oportunidade certa para você. Apesar de ser boa atriz, você não é a melhor. Vamos encarar os fatos. Você não finge bem. Nesse tipo de ambiente, você vai poder tomar as decisões. Bem, você vai ter que agradar os executivos, especialmente o dr. Hoffman, fazendo um esboço do seu trabalho, e depois está pronta.

Ela parou por um tempo, como se estivesse me deixando absorver aquilo antes de continuar.

— Você vai ganhar vinte e cinco mil por quadro, querida. É mais dinheiro do que ganharia fazendo dez comerciais de absorvente interno ou teste de gravidez. Foi uma excelente jogada para você em termos de carreira. Agarre a oportunidade com unhas e dentes. Essa é a sua chance.

Millie estava certa. Era a minha chance. Era o momento de provar que eu poderia fazer algo diferente de ser modelo, fingindo ser alguém que não sou ou apenas a mulher de alguém. Não que eu me importasse com isso. Ser a mulher de Wes era tudo, mas era pessoal, particular, entre nós. Esse trabalho, essa oportunidade era só minha. Era o momento de Mia Saunders mandar ver e fazer o seu nome. Nós só temos uma chance de fazer algo tão grande, e eu não deixaria a oportunidade passar de jeito nenhum.

— Sabe, tia, você está certa.

Ela riu.

— Claro que estou. Querida, eu estou sempre certa. Vá trabalhar. É para sexta-feira, então você só tem cinco dias para desenvolver o conceito do seu quadro. Estou ansiosa para vê-la na TV. Vou gravar toda semana.

Era bom ouvir que minha tia, a única figura materna que eu tinha, se importava comigo e com meu futuro a ponto de lutar pelo meu sucesso. Tia Millie Colgrove podia ser uma mulher de negócios astuta que distorcia um pouco os aspectos legais dos acordos, mas ela ainda tinha um coração, e ele batia por mim.

— Obrigada por acreditar em mim. — As palavras sussurradas foram quase ininteligíveis. Eu estava com dificuldade para falar.

Ela murmurou:

— Ah, boneca. Estou mais do que orgulhosa de você. Cabeça erguida. Tudo vai dar certo, como deve ser.

Eu precisava acreditar que ela tinha razão.

Tudo daria certo, como deveria ser. A frase ficou na minha mente enquanto o motorista estacionava diante da nossa casa e me deixava sair. Entrei, pronta para contar a Wes tudo o que tinha acontecido, ansiosa para ouvir suas opiniões sobre o quadro ao vivo, quando a cena à minha frente me quebrou em um milhão de pedaços.

Wes. Meu Wes. Seus braços em volta de uma morena. Uma que eu conhecia muito bem. Ela estava agarrada nele, os dedos em seus ombros. O rosto virado para mim, os olhos bem fechados, Wes virado para o outro lado. Enquanto eu ficava ali, silenciada pelas batidas do meu coração, o som entrando e saindo dos meus ouvidos, ela levantou a cabeça. Lágrimas escorriam por suas bochechas, como um rio.

Lá estava ela. A mulher que eu nunca mais queria ver. Gina DeLuca estava sentada em meu sofá, em minha nova casa, nos braços do meu homem.

Puta que pariu.

5

Sem saber o que fazer, pigarreei... alto. O suficiente para que o casal abraçadinho se virasse. Wes viu meu rosto e se levantou como se tivesse sido queimado. Então segurou as mãos de Gina e a levantou também.

— Mia, hum... eu não esperava você em casa tão cedo — ele disse, passando a mão pelo cabelo rebelde, o que não ajudou em nada naquela situação.

Resposta errada, amigo.

— Estou vendo. Devo deixar vocês dois sozinhos? — grunhi com os dentes cerrados.

Os olhos de Wes se arregalaram. Ele olhou para Gina e depois para mim.

— Ah, meu Deus, não! — Ele ergueu as mãos. — Linda, não é o que parece.

Apertei os lábios.

— Não? Porque parece muito com o homem que eu amo consolando a sua ex enquanto eu estava trabalhando.

Wes balançou a cabeça e se afastou de Gina.

— Baby, de jeito nenhum. Não. Não entenda assim. — Ele veio para o meu lado e estendeu os braços. Dei um passo para trás antes que ele conseguisse me abraçar. Seus braços caíram nas laterais do corpo.

— Acho bom você me dizer o que é, antes que eu perca a cabeça — avisei, cruzando os braços. Eu queria bater o pé, forçando-o a se apressar antes que saísse fumaça das minhas orelhas e eu explodisse.

— Mia, o Wes e eu não estávamos fazendo nada, eu juro — disse uma voz entrecortada atrás dele. Gina se inclinou no sofá, e foi aí que eu realmente a notei.

Uma de suas pernas estava engessada de cima a baixo, e havia um par de muletas apoiado perto do sofá. Ao vê-la de pé, notei que seu corpo não tinha a mesma vivacidade de antes. Ela estava abatida e extremamente magra. Observei Gina DeLuca por completo, do cabelo castanho, liso, com mechas que não demonstravam mais o brilho e a luminosidade que antes rivalizavam com qualquer comercial de xampu, até os dedos dos pés. Aquela não era a mulher que eu tinha conhecido em janeiro. Parecia uma

concha vazia do que antes fora uma beleza estonteante.

Pisquei algumas vezes, sem saber como reagir, quando Wes se esgueirou e passou um braço em volta dos meus ombros.

— Mia, a Gina veio me visitar. Isso é parte do... hum... — Sua voz sumiu.

— Da minha terapia — ela completou. — Estou surpresa que você não tenha contado para ela, Weston. — Seus olhos estavam tristes e sem vida, quase vazios.

Por alguma razão, gostei de ela tê-lo chamado pelo nome completo, e não pelo apelido que eu usava. Ajudou a colocar a distância entre os dois de que eu tanto precisava naquele momento.

— A história não era minha para que eu contasse — Wes falou, solene.

Gina empurrou o cabelo para trás, limpou os olhos e, em seguida, olhou para mim.

— O meu terapeuta disse que eu preciso ver os outros sobreviventes. Me conectar com as pessoas que passaram pelo que eu passei, para poder lembrar que eu estou viva. Tentar seguir em frente com a minha vida. É por isso que eu estou aqui, Mia. — Sua voz tremeu. — O Wes estava me confortando. Nós passamos por muita coisa lá e... hum... eu me sinto segura perto dele — ela admitiu, mais lágrimas caindo por suas bochechas. — Eu nunca mais me senti segura. Não adianta contratar seguranças nem colocar trancas nas portas. — Ela esfregou as mãos nos braços. — Eu sinto medo o tempo todo. — Sua voz tremeu de uma maneira que me fez querer estender a mão e abraçá-la.

Ouvi-la admitir seus medos e expressar o que estava sentindo doeu como se uma faca me cortasse até os ossos.

— Desculpe. Eu não devia ter presumido nada. Vocês passaram por muita coisa juntos. Terminem a conversa de vocês. Eu não estou brava. Por favor... — Fiz um gesto para Wes voltar a se sentar com aquela mulher tão frágil. — Não tenham pressa. Eu fiquei com ciúme por um momento, mas confio no Wes e acredito no nosso amor. Ele nunca me trairia.

— Não, nunca mesmo — Wes disse, os olhos brilhando com alguma coisa que eu não consegui definir. Só sabia que era verdadeiro. Eu me inclinei, beijei seus lábios brevemente, deixando-o saber que estava tudo bem de verdade entre nós.

— Eu vou tomar um banho e ligar para a Maddy e a Ginelle.

— Certo. Eu termino aqui antes do jantar — Wes prometeu.

Enquanto caminhava para fora da sala, parei e bati na coxa antes de me virar.

— Gina, eu estou feliz por você ter sobrevivido. O Wes gosta de você, e eu sei que vocês passaram por coisas terríveis juntos, então fique à vontade para vir aqui sempre

que quiser. Eu quero que vocês dois fiquem bem. Ninguém deve sentir medo o tempo todo. — Remexi os pés e dei de ombros. — Acho que o que eu quero dizer é que eu espero te ver de novo, em breve.

Dizer isso exigiu tudo de mim, toda a maturidade que eu tinha, especialmente porque, antes que as coisas acontecessem a meio mundo de distância, eu certamente nunca mais queria ver Gina com Wes ou em algum lugar perto da nossa vida. Agora, porém, eu precisava ser adulta. Eles passaram por uma situação traumática, algo que mudou a vida deles. E, se eu tivesse alguma esperança de ajudá-lo, talvez conseguisse fazer isso ajudando Gina também. Valeria a pena sorrir e recebê-la, se fosse um passo para fazer Wes lutar contra os demônios dentro dele, ainda que um passo pequeno. Eu podia afastar o ciúme que sentia e enterrá-lo em nome da saúde e da sanidade de Wes.

— Obrigada, Mia. Você é uma alma gentil. — A voz de Gina estava baixa e entrecortada.

Sorri e assenti, sem saber mais o que fazer.

— Linda? — Wes chamou.

— Sim, baby? — Descansei a mão no batente da porta do corredor que levava ao nosso quarto.

— Eu te amo mais e mais a cada dia.

Ele disse as palavras, mas eu não as ouvi somente. Eu as senti atingir meu coração, alojando-se ali, sãs e salvas, onde ficariam por toda a eternidade.

Deitada em nossa cama king-size, liguei para Ginelle.

— Oi, vadia — ela atendeu, mas não com a vivacidade e a provocação habituais.

Minha melhor amiga tinha passado por um grande trauma no mês anterior. Ter sido sequestrada e agredida por Blaine e seus capangas a havia endurecido de um jeito que eu não conseguia nem começar a entender, principalmente porque ela se escondia por trás de uma falsa coragem e de humor.

— O que você está fazendo? — perguntei, na esperança de ter uma conversa normal. Eu queria de volta nossas brincadeiras maliciosas e papos descontraídos. A única pessoa que eu conhecia que me xingava com amor. Era uma maneira estranha de demonstrar afeição, mas funcionava para nós duas, e eu queria aquilo novamente.

Gin suspirou, inalou e depois soprou. Ah, não. Não, não, não. Eu conhecia aquele som. Passei anos ouvindo-o pelo telefone.

— Você está fumando? — gritei ao telefonei e sentei na cama. — Não acredito nisso. Que merda, Gin! Você ficou quase oito meses sem fumar e agora volta? Sério? — Meu coração doía por ela, sabendo que estava arruinando oito meses de esforço num piscar de olhos.

— Relaxa, cadela! — ela retrucou. — É um cigarro de mentira. É eletrônico. Só tem uma porcaria de hortelã com vapor pra simular o cigarro mentolado que eu adorava.

Soltei um suspiro frustrado.

— Mas por que você está usando isso? Não é o hábito de fumar que você está tentando deixar? Isso não quebra o propósito?

— Olha, Mia, eu passei por um monte de merda, tá? Eu queria a droga de um cigarro. Em vez disso, comprei essa merda falsa pra me ajudar a descarregar a tensão. Você não está aqui. Não sabe como é lidar com toda essa merda sozinha.

Foi quando a conversa assumiu uma direção diferente. Raiva e emoção emanavam através do telefone quando Ginelle continuou:

— Eu detesto o meu trabalho. Odeio o meu apartamento. *Odeio* estar em Vegas. Tudo me lembra ele. Eu me viro e me pergunto se ele vai estar lá. — Um soluço saiu do seu peito, um som que eu raramente ouvia vindo da minha amiga durona. — O simples ato de andar até o meu carro me deixa preocupada se eu vou ser sequestrada de novo. Eu tive que pedir pro meu gerente, aquele verme desprezível, me acompanhar, porque eu estava convencida de que o filho da puta estava lá. Você tem alguma ideia de como é isso? — A pergunta foi uma declaração retórica estridente.

Não, eu não sabia. Se pudesse, trocaria de lugar com ela num minuto. Mas havia um ponto positivo: pelo menos ela estava desabafando. Culpa, raiva e tristeza me atingiram, cortando cada emoção em pedacinhos. Eu queria abraçá-la, dizer que tudo ficaria bem, mas eu tinha os mesmos medos. Ela ficar sozinha em Las Vegas não ajudaria qualquer uma de nós a resolver o problema. A boa notícia era que eu já tinha contado a Wes sobre minhas preocupações. Ele quase não acreditou em tudo o que tinha acontecido enquanto estávamos afastados. Foi quando eu fiz o que jurei nunca fazer. Pedi um favor ao meu namorado. Um favor de trabalho. Algo que jurei nunca fazer com qualquer um dos meus clientes. Já tinha feito isso com Warren, mas era diferente. Ele me devia... e muito. E pagou. Sua dívida comigo acabou quando ele conseguiu a informação que ninguém mais conseguia a respeito do paradeiro do Wes.

Voltando meus pensamentos ao presente, eu tinha perguntado a Wes se ele sabia de algum show em L.A. que precisasse de uma dançarina burlesca ou de alguém com o talento singular de Ginelle no mundo da dança. Ele fez algumas ligações e cobrou

alguns favores. Em duas semanas, se Gin quisesse, ela realmente poderia levar sua carreira a outro nível.

— Amiga, calma. Me ouve.

Alguns ruídos desajeitados soaram pela linha, alguns barulhos que imaginei ser um lenço de papel e depois um suspiro profundo.

— Certo, estou sentada na cama. Manda ver.

— Eu tenho uma proposta pra você.

Ela riu, e foi o som mais gostoso que eu poderia ouvir naquele momento.

— Você vai me colocar pra trabalhar com a tia Millie? — Ela meio que riu, meio que bufou. Foi quase uma piada.

Apesar de Gin ter dito que trabalharia como acompanhante, ela não era o tipo de mulher que pode ficar quieta ao lado de um executivo rico, simplesmente parecendo bonita. Eu tinha tido sorte com o tipo de homens com quem trabalhei, mas as circunstâncias foram únicas. Essa oportunidade não estaria disponível para outra garota. Millie já tinha deixado isso bem claro. O padrão era um velhote ou cretino rico que esperava se dar bem no fim da noite. Ainda que Gin gostasse de falar um monte de besteiras, ela não estava acostumada com esse tipo de vida, independentemente de quanto pagassem.

— Não. Não tem nada a ver com o negócio de acompanhante. — Respirei fundo, tomando coragem. — O que você acha de se mudar para Malibu? Ficar com o Wes e comigo por um tempo, até você se estabilizar? — comecei, mas ela me cortou.

— Eu iria num piscar de olhos, Mia, mas isso não vai resolver o problema do trabalho. Não vou me mudar com o plano de um dia conseguir um emprego. Pode levar meses, e vocês acabaram de voltar. Ele tem aquela merda na cabeça pra lidar, assim como eu. Você quer mesmo carregar mais uma pessoa com problemas?

— Sim, eu quero. E você não me deixou terminar. Um amigo do Wes é diretor de um pequeno teatro aqui. O espetáculo é de danças sensuais, e a coreógrafa acabou de pedir demissão. Quem melhor do que uma verdadeira dançarina burlesca de Las Vegas pra ensinar essas cadelas com peito de silicone e lábios plastificados a balançar os implantes de traseiro por um bom dinheiro, em um show digno de Vegas? Ia ser demais. — *E hilário*, pensei.

Ginelle não disse nada por um longo tempo. Arrepios de pavor ondularam pela minha coluna enquanto eu esperava.

Finalmente ela falou, com a voz baixa.

— Você me conseguiu um trabalho como coreógrafa? Em um teatro de L.A.? Ah,

meu Deus — disse, cheia de emoção.

— Gin, eu não sei bem quais são os valores, mas você iria ganhar muito mais do que ganha hoje, muito mais mesmo. Além disso, não precisaria pagar aluguel. Você pode ficar na casinha de hóspedes que nós temos aqui. Poderia morar lá pelo tempo que quisesse. Aliás, você pode viver lá pra sempre.

— Você e o Wes encontram o emprego dos meus sonhos, me oferecem uma casa e permanência indefinida, além da oportunidade de me mudar pra Califórnia, onde a vadia da minha melhor amiga mora?

Pensei no que ela falou. Estava faltando alguma coisa? Algum outro ramo de oliveira que eu pudesse estender? Alguma outra vantagem que pudesse acrescentar para fazê-la agarrar a oportunidade?

— Hum, sim, isso mesmo.

— Você está fumando crack?

Inspirando, esfreguei a testa.

— Que eu saiba não. — Tentei uma risadinha tímida.

— Então prepare a minha cama, vadia! A sua melhor amiga vai se mudar para a terra das frutas e das nozes! Puta merda! Eu vou coreografar um show burlesco em Los Angeles. Ai, meu Deus, o que eu vou vestir? — Ela tinha ido de deprimida para superanimada. Aquela era a versão de Ginelle que eu entendia, amava e adorava mais que qualquer outra. Sua felicidade era transcendente, e deslizava através do telefone para se envolver ao redor das minhas preocupações e da minha atitude melancólica em um intenso aperto de gratidão.

— Sério? — perguntei, para me certificar de que tinha ouvido corretamente.

— Claro que sim! Eu vou fazer as malas hoje mesmo. Tenho tanta coisa pra fazer. Preciso pedir demissão, arrumar a mudança, pensar nas coreografias e dirigir até Cali. Sabe o que isso significa pra mim, Mia?

Abri um enorme sorriso e apertei o telefone com força no ouvido.

— Estou começando a achar que sim! — Eu ri, sua alegria se espalhando por tudo, me indicando que eu tinha tomado a decisão certa. Pelo menos uma vez.

— Significa que toda a minha vida acaba de mudar pra melhor! E eu tenho que agradecer a você e ao seu Ken Malibu. Coloque o Wes na linha! Eu quero dar um pouco de amor virtual pra ele — ela disse, em êxtase.

Balançando a cabeça, deitei de volta na cama e me abracei.

— Não dá. Ele está conversando com a Gina.

Fez-se um silêncio mortal. Tudo o que eu podia ouvir era sua respiração enquanto a

imaginava correndo pela casa, fazendo coisas aleatórias e se preparando para a mudança de vida.

— O quê? Por que essa vadia ladra de homem está na *sua* casa, conversando com o *seu* namorado, e *você* não está lá?

— Muita posse numa frase só.

— Então me diga que eu estou errada. Ele *é* o seu homem. O que está acontecendo?

— Verdade. Mas eu confio nele. — Eu girava uma mecha de cabelo no dedo. — Eles passaram por muita coisa juntos, Gin. Ele ainda não deu nenhum passo no processo de cura. E ela está um lixo.

— Ótimo — ela disse, rápida. Minha melhor amiga não enganava ninguém. Ela era tão protetora em relação a mim quanto eu era com ela, e, de acordo com Gin, eu tinha sido injustiçada por Gina. Tecnicamente não, porque Wes estava livre quando teve um caso com ela. E eu estava transando com Tai na época. Precisei vê-lo com Gina para perceber que queria ser a única mulher com quem ele faria amor, beijaria, dormiria junto e tudo o mais.

Eu tinha que conter o lado vingativo de Gin. Especialmente se ela viria morar aqui. Era provável que os caminhos de Gina e Ginelle se cruzassem.

— Ginelle, sério, a coisa não está boa ali. Se ela tivesse perdido todo aquele peso vomitando ou usando drogas, ou se o medo nos olhos dela fosse por não ter conseguido um papel ou alguma outra besteira, eu ficaria feliz. O problema é que os traumas foram pesados. Coisas que eu não aguento nem ouvir, mas sinto que preciso, pra poder ajudar o Wes. Ele está tendo problemas para dormir. Se a cura da Gina vai ajudar o Wes, eu tenho que encontrar uma forma de superar isso. Entende?

A brincadeira de Ginelle parou.

— Eles a machucaram tanto assim? — Ela estava sussurrando, como se estivesse tentando ser respeitosa.

— Na minha opinião... machucaram de um jeito irreparável — respondi com sinceridade, sem saber outra maneira de colocar aquilo em palavras.

— Bem, você é uma mulher melhor do que eu.

Eu ri.

— Não é que é verdade? — O humor estava de volta à conversa.

— Ah, sua vadia safada. Vou deixar essa passar. Só porque você ganhou pontos comigo por ter me conseguido o emprego dos sonhos e vai me deixar mudar pra sua mansão de Malibu. Você sabe que eu posso nunca mais ir embora.

Dei de ombros e sorri.

— Talvez eu não queira que você vá.

A verdade era que eu não queria mesmo. Maddy estava em Las Vegas, assim como o pops. Millie e Wes estavam aqui. Max e sua família estavam no Texas. As outras pessoas que eu mais amava no mundo estavam todas espalhadas. Ter Gin aqui aliviaria um pouco essa dor.

— Como vai o pops?

Ginelle murmurou:

— Bem, os sinais vitais voltaram a ficar bons, e os médicos acham que ele vai acordar. É só uma questão de tempo. De acordo com os exames, a função cerebral está normalizada. A infecção e as reações alérgicas não o deixaram tão mal como eles acharam que deixaria.

Fechando os olhos, agradeci ao grande cara lá em cima. Ele havia poupado meu pai e sido misericordioso. Agora era um jogo de espera.

— E a Maddy?

— Ah, ela está muito bem. Voltou para a faculdade, levando a vida com o Matt, sendo uma aluna brilhante e normal de vinte anos.

— Bom, isso é exatamente o que eu queria ouvir.

— Sabe, da última vez que a gente se falou, ela disse que tinha conversado muito com o Max sobre o departamento de pesquisa e ciência da Cunningham Óleo e Gás. Parece que ela vai trocar algumas aulas pra se concentrar mais nas ciências da terra e minerais. Ela disse que está realmente considerando ir pra lá depois da graduação e trabalhar com ele. Até o Matt disse que era uma boa ideia.

— Sim, mas e a família dele? Eles parecem ser muito próximos — falei.

— Parece que não vai ter problema. Os pais dele disseram que se mudariam pro Texas. Ele é só um garoto, e eles estão perto de se aposentar. O Max disse que contrataria o pai e até mesmo a mãe dele. Algo sobre a família ficar unida ou alguma besteira assim.

Claro que ele disse. Max era um santo. Ele me salvou e acolheu Maddy e a mim em sua família. Eu amava meu irmão, mas isso era especial demais. Talvez fosse por isso que ele era tão feliz. Ele era o exemplo perfeito de pessoa que faz para os outros o que gostaria que fizessem com ele. Max tratava a todos com respeito, amava sua família mais que qualquer outra coisa e queria que todos fossem felizes. Isso me fez perguntar quando começaria a pressão para que eu me mudasse para o Texas. Eu achava que aconteceria mais cedo ou mais tarde. Aquele homem gostava de estar rodeado pela família e estava construindo sua base. Eu poderia apostar que ele tentaria encontrar um

jeito de fazer com que Wes e eu nos mudássemos para lá. A carne valia a pena. O calor e a umidade eram desagradáveis, e o que aquela merda fazia com o meu cabelo... *blergh*. Tinha que haver um motivo incrível para que eu fizesse essa mudança. Ter a minha irmã caçula por lá teria um grande peso, e ele sabia disso. Leve a irmã mais nova, que a mais velha vai segui-la.

— É, o Max é demais.

Ginelle suspirou, sonhadora.

— Amiga, ele é um gostoso de primeira.

— Você está dando em cima do meu irmão? — Fingi estar chocada.

— O sol nasce no leste e se põe no oeste? Você já viu o seu irmão, porra? Ele é um deus usando bota de caubói e calça jeans!

— Ah, não — falei, sem querer ouvir aquele tipo de coisa sobre Max.

— Isso mesmo. Ah, não. Só que, se fosse comigo, eu estaria gritando: "Ah, sim, Max. Mais forte. Vem com tudo, Max!" — ela gritou e gemeu, me deixando com vontade de vomitar.

— Você é doente. — Engasguei.

— Mas você me ama.

— Eu preciso que a minha cabeça seja examinada — falei.

— Enquanto você faz isso, eu vou arrumar a minha mudança. Te vejo daqui a duas semanas. Eu amo essa sua cara feia, vadia — Ginelle falou e desligou.

Droga. Ela ganhou essa rodada. Eu ganharia a próxima.

6

O grito de gelar o sangue me arrancou de um sonho muito doce. Como aquela era a nova regra, pulei da cama, bati a mão no interruptor e vi o homem que eu amava se debater, virar e gritar, perdido entre os demônios à espreita nos lugares mais profundos de sua mente. Aquilo partiu meu coração. Seu corpo arqueado, o peito nu, brilhando de suor, curvado em direção ao céu, como se estivesse buscando salvação. Sua ereção podia ser vista através da cueca boxer, em uma exibição obscena de virilidade. Antes de acordá-lo, fechei os olhos e respirei fundo, permitindo que seus gritos me colocassem no estado em que eu precisava estar. Autoritária, forte, a ferramenta que o traria de volta das profundezas do desespero. Eu seria isso e muito mais, até que ele finalmente encontrasse a paz. Não havia outra opção. Wes encontraria a serenidade novamente.

Deslizando a camisola sobre a cabeça, eu a deixei cair em um montinho no chão. Tentei ser mais forte que minhas emoções e tirei a calcinha.

Permanecendo firme, berrei:

— *Wes!*

Eu estava nua, despida para ele, quando seus olhos se abriram rapidamente. As pupilas estavam quase inteiramente pretas. Não se podia discernir sequer um tom de verde. Ele era um animal. Perdido em seus medos, focou o olhar em mim.

— Minha! — rosnou entredentes e em seguida pulou para a frente. Sua boca estava em meu seio num instante. O prazer atravessou a sucção dolorosa. Suas mãos tatearam e apertaram minha bunda enquanto ele roçava o pau rígido em mim.

— Tudo bem. Isso tudo é seu. Você só tem que me dizer por que me ama — falei, enquanto agarrava seus cabelos e o segurava contra meu peito. Aquele era um novo método que eu estava tentando. Uma teoria na qual pensei. Fazê-lo lembrar do porquê de eu estar ali. Trazê-lo de volta para o momento presente, para que as memórias do cativeiro deixassem seu subconsciente mais rápido.

— Eu amo te comer! — Ele me pressionou e me empurrou de encontro à parede, até que minhas costas encostaram na superfície. Trocou de seio, e seus lábios cobriram o outro. Seus dedos o seguraram, dois deles quase arrancaram o mamilo, puxando até o

ponto em que ondas de prazer ardiam e se encaminhavam diretamente para o meu clitóris.

Engoli em seco e abri mais as pernas, para conseguir mais dele.

— Diz o que você ama em mim, e eu vou te deixar se enterrar tão fundo dentro de mim que não vou nem conseguir respirar.

A boca de Wes deixou meu mamilo, a ponta inchada e brilhante com a atenção recebida. Choraminguei com a sensação de perda. Seus lábios vieram até os meus, e eu virei o rosto para o lado, impedindo o beijo que eu queria mais que qualquer coisa.

— O que você está fazendo? — ele resmungou por entre os dentes, a raiva se sobrepondo ao desejo que eu sabia que estava lá, nublando o processo de cura.

Levantei uma perna e esfreguei meu sexo molhado em sua coxa, revestindo sua pele com minha umidade e provando meu desejo. Seus olhos se estreitaram.

— Você me ama? — perguntei novamente.

Sua voz era inflexível, e cada palavra enfatizada batia contra meu coração frágil:

— Você. Sabe. Que. Sim. Agora. Dê. O. Que. Eu. Preciso.

Empurrei sua cueca boxer para baixo e ele a tirou sem quebrar o contato visual. Pulei com toda a força que tinha nas pernas e as coloquei em volta de sua cintura. Ele me pegou pelo traseiro como se eu não pesasse nada. Respirou fundo quando me pressionou contra a parede, aninhando o pau entre minhas coxas, sem entrar. Tão perto, mas tão longe. Ele nunca me possuiria sem permissão. Nem mesmo durante um de seus terrores. Algo dentro dele o impedia de ir tão longe, e eu era grata por esse pequeno favor.

Entrelaçando as mãos em seu cabelo, eu o segurei com firmeza.

— Me dê o que *eu preciso* que eu te dou o que você precisa. — Passei a língua ao longo de seu pescoço. O sabor salgado de oceano e de homem fez meu paladar formigar. Wes gemeu, pressionando sua virilidade dura como aço em meu clitóris, me esfregando, impiedosamente em busca do que eu estava negando. Eu o mantive perto, o nariz encostado no dele. Suas pupilas diminuíram, permitindo que o verde preenchesse o vazio. Sorrindo, me inclinei para a frente e encostei os lábios nos dele com suavidade. Foi um toque breve, uma carícia suave para lembrá-lo de onde estava. Ele suspirou em minha boca, aceitando o beijo. — Me diz por que você me ama — pedi novamente.

Uma das mãos de Wes deixou minha bunda e se enterrou no meu cabelo, segurando minha nuca. Seu polegar descansou em minha bochecha, terno e amoroso. Seu corpo grande me esmagava contra a parede. Não havia como sair dali, e ele não permitiria

sequer um centímetro de afastamento. Naquele momento, estávamos ligados física, mental e, mais importante, emocionalmente.

— Amar você é tão natural quanto respirar. Eu preciso de você pra viver. Você, Mia. Você me dá o sopro da vida.

Lágrimas encheram meus olhos quando descansei a testa na dele.

— Vem, baby. Tome o que você precisa. — Ofereci o que ele estava esperando.

— Eu te amo — ele disse, enquanto projetava os quadris para a frente, entrando em mim rápido e com força, de uma vez só. — Amo cada centímetro de você. Mais do que qualquer coisa — ele disse, com um movimento particularmente profundo que me fez suspirar e bater a cabeça na parede. — Eu amo estar conectado com você, estar dentro da mulher que me mantém vivo.

— A cada dia eu te amo mais — repeti as palavras que ele me dissera mais cedo.

Seu polegar traçou minha bochecha enquanto seus quadris batiam implacavelmente contra mim.

— Obrigado. Obrigado por sempre me trazer de volta. — Ele pressionou os quadris várias vezes, fazendo meu corpo entrar em êxtase. Wes sempre me permitia chegar tão alto quando fazia amor comigo que eu podia jurar que era capaz de alcançar as estrelas.

Prazer, dor e amor vibraram por todo o meu corpo. Eu havia conseguido. Tinha trazido Wes de volta. Virei o jogo naquela merda de terror noturno e fiz isso se transformar em algo bonito. As paredes do meu sexo se apertaram, agarrando-o enquanto ele entrava e saía de dentro de mim, me fazendo gemer. Tensionei o corpo contra ele e arqueei em seu peito. Nosso suor se misturou, nossos corpos se uniram e nossas almas dançaram. Luzes piscavam enquanto a brisa do mar passava pela janela aberta e tocava minha pele. Wes gemeu com sua libertação, mordendo a pele macia da junção entre o ombro e o pescoço. Os jatos quentes de sua essência dispararam dentro de mim, provocando meu próprio clímax. Gozei intensamente, apertando-o. Meus braços e pernas o envolveram com força. Eu não queria soltá-lo nunca mais.

— Obrigado — Wes sussurrou contra minha bochecha enquanto ofegava em meu ouvido. — Obrigado, linda. — Ele se agarrou a mim como um homem desesperado. Me abraçou tão apertado que eu mal podia respirar, mas aquilo não importava. Meu amor era seu oxigênio, e eu viveria através do simples ato de amá-lo.

Na manhã seguinte, quando acordei, Wes não estava lá. Eu havia me acostumado a

despertar com seu calor e o peso familiar perto de mim, me prendendo com força ao seu corpo. Depois da noite passada, me preocupei com o que as horas da manhã trariam. Como ele reagiria à verdade nua e crua em plena luz do dia? Olhando para o relógio, notei que era cedo, muito cedo. O sol estava nascendo no horizonte. Caminhei até a varanda, sem me preocupar com minha nudez.

Uma forma solitária se destacava ao longe enquanto o sol subia lentamente. Eu queria compartilhar esse novo dia com ele, aquecidos no esplendor do nosso amor e da escuridão com a qual havíamos lutado — e que tínhamos vencido — na noite anterior. Mas ele procurou consolo no oceano, na beleza tranquila das dádivas da natureza, e não no calor do meu corpo e na minha presença.

Com o coração pesado, peguei o biquíni branco. Era feito mais para despertar desejo do que para ser eficiente, mas estava no topo da pilha que Judi tinha lavado, então o vesti. Pensando melhor, peguei a camiseta branca que Wes tinha usado na noite anterior e a coloquei por cima, ganhando uma aparência mais decente. Se eu estava indo falar com Wes para descobrir como a cabeça dele estava, não queria estragar tudo seduzindo-o.

Caminhando pela areia com os pés descalços, andei alguns metros até a linha da maré. Wes estava na beira da água, permitindo que as ondas tocassem seus tornozelos e voltassem. Seus pés estavam firmes na areia, mantendo-o ereto. Ele usava uma calça solta de linho, enrolada até os joelhos, e mais nada. Por vários minutos, apenas olhei para ele, mais encantada com sua beleza do que com a do mar. O cabelo loiro-escuro balançava com a brisa, e seu peito nu tinha um tom dourado sob os primeiros raios do sol. Eu podia dizer, pela rigidez nos ombros e por sua postura, que ele não estava à vontade.

Aproximei-me devagar, fazendo barulho suficiente para que ele ouvisse meus passos na areia. Ele virou a cabeça quando cheguei mais perto. O olhar perdido sumiu num instante, substituído por luz e amor. Wes observou meu corpo, dos pés até o cabelo selvagem ao vento, e me deu o que eu mais desejava desde que ele chegara em casa: um sorriso enorme. Ele me deixou sem ar e, antes que eu percebesse, estava correndo. A areia levantava atrás de mim conforme eu seguia em sua direção. No último segundo, pulei. Ele me pegou no ar e me girou. Segurei com força, querendo guardar aquele momento na memória, prendê-lo no coração e na alma para poder relembrar sempre que estivesse triste, preocupada ou frustrada. Meu Wes, o homem por quem me apaixonei... uma parte dele estava de volta.

Aproximei os lábios dos dele e o beijei. Não esperei que ele correspondesse. Só

beijei. Afundei a língua em sua boca e mergulhei num beijo profundo e apaixonado. Tanto que ele perdeu o equilíbrio e caiu sentado na areia. Caí em cima dele, apoiada em seus quadris. Sem me sentir desencorajada, mordisquei o lábio inferior, até que ouvi o grunhido revelador que sempre ouvia quando o beijava. Ele mordiscou meu lábio superior e eu ofeguei, buscando ar. Passamos o que pareceu uma eternidade lá. Sentados na areia, nos beijando como um casal de adolescentes.

Wes tinha sabor de hortelã e do ar marinho. A pele do seu rosto estava fria ao toque, mas seu peito pressionado contra o meu estava aquecido pelos raios dourados do sol. Abracei-o com força, suguei sua língua e gemi em sua boca.

Ele se afastou e respirou fundo.

— Cara, você acordou determinada. Eu não devia ter te deixado na cama.

Toquei seu nariz com o meu e beijei seus lábios de leve, ofegante, ainda não querendo ficar longe de seus beijos.

— Por que me deixou, então?

Aquela resposta provavelmente significava mais para mim do que para ele. Wes fez cócegas nas minhas coxas, e eu ri em sua boca.

— Você estava dormindo profundamente. Eu não quis te acordar.

Inspirei devagar, tentando desacelerar as batidas do meu coração.

— Foi só por isso?

Ele segurou minhas bochechas.

— A noite passada foi muito intensa. Talvez eu precisasse de um momento pra pensar. — Eu o adorava ainda mais por admitir isso.

Assentindo, me inclinei para trás e passei os braços em volta de seus ombros.

— Chegou a alguma conclusão? — Mordisquei o lábio. Ele ergueu a mão, usando o polegar para puxá-lo delicadamente, e se inclinou para a frente, sugando e acariciando minha boca com toques suaves da língua.

Passando as mãos pelo meu cabelo, ele observou meu rosto.

— Acho que você é boa pra mim.

Eu ri.

— Bom, espero que sim! — Cutuquei seu peito de brincadeira.

Ele balançou a cabeça.

— Não, linda. A noite passada me abriu os olhos. Você me tirou do inferno, como de costume, mas dessa vez eu estava no controle de uma forma diferente. Eu não estava comandando o seu corpo pra fazer o que eu queria ou pra me perder em você. Você me trouxe de volta do pesadelo e me fez lembrar dos motivos que eu tenho para viver.

Quando você me perguntou por que eu te amo, milhares de razões me passaram pela cabeça, apagando os pensamentos ruins e substituindo-os por uma coisa bonita. Uma coisa real, viva e honesta. O meu amor por você.

Lágrimas se formaram em meus olhos.

— Isso parece uma coisa boa.

Wes riu e se aconchegou em meu pescoço, esfregando o nariz gelado em minha pele. Segurei sua nuca, mantendo-o perto.

— Muito boa. E então, depois de ontem, de conversar com a Gina... — Ele se interrompeu, embora seu abraço tenha ficado mais apertado.

— Me conta. Está tudo bem. Eu posso lidar com isso. Lembre-se... eu sou forte o suficiente para carregar esse peso com você. Para torná-lo mais leve.

Ele suspirou e levou os lábios para o meu ouvido.

— Baby, eles machucaram a Gina de muitas maneiras. Me amarraram e me forçaram a assistir enquanto a estupravam. Muitos deles. Era uma fila diabólica de destruição. Às vezes, vários deles a violentavam ao mesmo tempo.

Ele engoliu as lágrimas que começavam a molhar minha camiseta. Abracei-o com mais força.

— Eles a colocavam de pé, amarrada em uma viga no teto, e dois deles a estupravam ao mesmo tempo. Ela gritava tanto que eles colavam uma fita na sua boca. Até que ela desmaiava de dor. Eu agradecia a Deus por aqueles momentos. Quando ela não estava mais consciente para sentir o que eles estavam fazendo...

Ele tossiu e soluçou em meu pescoço. Lágrimas de emoção prendiam as palavras que ele estava tentando desesperadamente colocar para fora.

— Ah, meu Deus, Mia... Eles a deixavam pendurada lá pra todo mundo ver. O sangue escorria pelas pernas dela e formava uma poça no chão. Às vezes eu desejava que eles a matassem, assim ela não teria que reviver aquilo. Ela foi estuprada todos os dias. Diariamente eu via um pedaço dela morrer nas mãos daqueles loucos. É a pior coisa que eu poderia imaginar. E ela sobreviveu a tudo aquilo. — Seus dedos se cravaram em minhas costelas enquanto a lembrança o assombrava. Eu o puxei para perto e o abracei com firmeza, querendo lhe dar minha força e tirar sua dor.

Lágrimas que eu nem sabia que estava derramando escorriam pelo meu rosto. Ficamos abraçados e, sentados ali na praia, liberamos toda a desolação, o medo e a angústia que o perseguiam a cada minuto desde que ele tinha voltado.

Esgotada em todos os sentidos da palavra, cheguei a um ponto em que as lágrimas não caíam mais. Wes soltou o peso de seu corpo em mim, mas eu não tinha certeza se

ele estava acordado. Sua respiração era lenta e constante em meu peito. Alguns dos meus dedos estavam dormentes, e outros, formigando por agarrá-lo com tanta força. Eu tinha certeza de que ficaria com hematomas nos pontos em que ele tinha me segurado. E eu os exibiria com orgulho.

Mexendo os braços, passei os dedos pelo cabelo rebelde de Wes. Depois de alguns minutos, ele gemeu e murmurou em meu pescoço. Aquele barulho incendiou minha libido, que havia ficado em segundo plano.

— Você acha que consegue levantar? — perguntei.

Ele bufou em meu pescoço.

— Eu prefiro me apoiar em você pelo resto da vida.

Eu ri e beijei sua testa.

— Você pode, mas não quando estamos sentados na areia. Podemos levar a festa para o quarto?

Seu estômago roncou, interrompendo meu plano de atacá-lo.

— Que tal passá-la para a cozinha? Eu tenho certeza que a Judi está preparando alguma coisa deliciosa neste exato momento.

Pensar no café da manhã especial de Judi me deixou salivando. A contragosto, levantei e estendi a mão para o meu homem. Ele olhou para ela e depois para mim, antes de colocar sua palma quente na minha. Então, se levantou e me puxou para um abraço.

— Você me impressiona.

— Como assim?

— Eu te contei uma coisa horrível, algo que está me corroendo por dentro, e você absorveu com graça e força. Não sei como você consegue fazer isso. — Ele segurou minha mão mais uma vez.

— É fácil. Eu tenho você pra me apoiar. Acho que isso é parte de nós dois. Coisas boas, ruins e até mesmo feias podem acabar sendo belas se enfrentarmos juntos. Separados, nós não temos chance. Juntos, podemos sobreviver a qualquer coisa.

Ele puxou minha mão e começamos a caminhar em direção a nossa casa.

— Acho que você está certa. — Ergueu nossas mãos e beijou a minha. — Com você, Mia, qualquer coisa é possível.

— Me deixe ver se eu entendi. Você tem que desenvolver o conceito do quadro,

escrever e gravar até sexta-feira? — Wes perguntou, com a boca cheia de waffles caseiros.

— Hum, Judi, você é uma deusa. Os waffles estão uma maravilha! — falei, lambi os dedos e depois virei para o rosto sorridente do meu homem. — Sim, isso mesmo. Loucura, né?

Ele passou a mão pelo cabelo, se inclinou para trás e tomou um gole de café.

— Sim, mas não é impossível. Tem alguma ideia sobre o que você quer fazer para o primeiro?

Dei outra garfada na comida deliciosa no meu prato, mastiguei e engoli antes de responder:

— Bom, já que eu não tenho muito tempo, estava pensando em fazer o primeiro episódio sobre mães que ficam em casa.

A testa de Wes se franziu.

— Explique.

Sentada sobre o pé e me inclinando para a frente, tracei desenhos imaginários na mesa com a ponta do dedo.

— Não sei exatamente. Mas estava pensando que um monte de mulheres desiste de praticamente tudo pelos filhos. Carreira, hobbies, tudo para criá-los. Isso por si só é lindo. Muitas delas são voluntárias na escola, dirigem associações de pais, de escoteiros, servem de motorista para atividades esportivas. Sei lá, é uma tarefa meio ingrata. Quer dizer, obviamente os filhos gostam disso, e eu imagino que os maridos também, mas tem um estigma envolvendo a expressão "mãe e dona de casa", sabe? — Tomei um gole de café e coloquei a xícara sobre a mesa. Minha mente estava a mil.

— De onde você tirou isso? — Wes colocou uma quantidade absurda de calda no waffle. *Que tal um pequeno pedaço de waffle na sua calda?* Em vez de dizer alguma coisa, mordi a língua. Ele estava fazendo o máximo para ganhar um pouco de peso, e, se aquela quantidade de calda o ajudasse, por mim tudo bem.

Dei de ombros e continuei a comer.

— Sabe, quando eu estava com o Max e a Cyndi no rancho, vi tudo o que a Cyndi fazia. Ela preparava todas as refeições, fazia as compras, limpava a casa e cuidava da Isabel. Tudo isso grávida. Ela é uma mãe incrível. Não coloca a Isabel sentada na frente da TV o dia todo. É claro que ela deixa a menina assistir a alguns programas e jogar um pouco de videogame, mas no restante do tempo ela e a Bell ficavam fazendo bandanas e tiaras.

— Bandanas e tiaras? Pra quê?

Revirei os olhos.
— Sério? Você é tão homem assim?
Wes riu, apontou para o peito esculpido e levantou uma sobrancelha.
— Hum, sim.
— Certo, você tem razão. — Umedeci os lábios e observei descaradamente o colírio para os olhos que era o meu homem seminu. Delícia.
— Não olhe pra mim desse jeito, ou você não vai terminar o café nem a explicação. Continue.
Eu ri e voltei para o que estava dizendo.
— Bom, a Cyndi fazia bandanas, tiaras e laços, coisas que uma menina da idade da Isabel gosta de usar. Quando a Bell começou a ir para a escola, ela deu essas coisas para os outros pais, como presentes da Bell. Foi tão legal. Ela fez um trabalho manual com a filha e depois presenteou outras pessoas. Quando eu fui à escola com ela buscar a menina, metade das coleguinhas dela estava usando os presentes feitos pela Cyndi.
— Muito legal. Mas como você vai tornar isso interessante o suficiente para que os telespectadores queiram assistir?
— Achei que você poderia me ajudar com essa parte.
Ele se recostou e olhou pela janela, franzindo os lábios. Cara, como ele era bonito. Eu sei que os homens nem sempre gostam que se pense neles como bonitos, mas Wes simplesmente era. Claro que também era atraente, gostoso e sexy pra caramba, mas como era bonito. Acho que o amor faz isso. Faz você ver o outro com óculos cor-de-rosa.
— O que você acha de seguir uma mãe por aí, com uma câmera?
— Tipo um reality show?
Ele assentiu e as ideias começaram a aparecer.
— Encontre uma mãe que faça algo que você considere bonito. Entreviste essa mulher. Grave o dia dela, tudo que ela faz pelos outros e mostre para o resto do mundo a beleza que você viu nisso. O público do dr. Hoffman vai adorar. A probabilidade é que boa parte desse público seja de mães e donas de casa. Aposto que os produtores vão gostar da ideia.
— Você pode trabalhar nisso comigo? — Pisquei e prendi a respiração. Aquela era a fase dois para que eu o trouxesse de volta ao jogo. Não era exatamente produzir filmes ou escrever roteiros, mas com certeza era similar.
Wes sorriu e colocou a mão em cima da minha.
— Se você quiser, sim.

— Eu quero. Isso é tão incrível! — Eu me levantei e fiz uma dancinha.

— Você é louca, sabia? — Ele riu.

Pulei um pouco mais, então sentei em seu colo e soltei o peso.

— Pelo menos eu sou o *seu* tipo de louca.

— Isso é verdade. E eu não queria que fosse diferente.

7

Wes tinha cem por cento de razão a respeito do bom doutor. Drew Hoffman e sua equipe de executivos maçantes adoraram o conceito, o acharam muito original. O que era ótimo, já que eu estava fazendo as filmagens daquele dia com a mãe que tinha encontrado. Curiosamente, essa tinha sido a parte mais difícil, pois eu não conhecia ninguém em Los Angeles além de Wes, sua família, meu antigo agente e tia Millie. Eu não tinha absolutamente nenhuma ideia de onde encontrar uma dona de casa e mãe que se encaixasse no perfil do programa. Não tinha nenhuma criança com encontro marcado para brincar e não morava perto de Cyndi, minha nova cunhada, que poderia ter me ajudado.

Mergulhada em autopiedade, fui até um supermercado planejando desfrutar de um cupcake, ou de meia dúzia deles, quando literalmente bati no carrinho de outra mulher. Ela tinha um bebê amarrado ao peito e uma criança chorando no carrinho. Pedi desculpa, mas comecei a persegui-los. Ela era jovem, devia ter no máximo trinta e poucos anos. Seu cabelo castanho estava preso em um rabo de cavalo frouxo. Uma calça de ioga, um pouco apertada, se agarrava às suas coxas, e um par de chinelos muito legais adornava seus pés. Era uma dessas mulheres que adoram enfeitar os pés. Diamantes falsos brilhavam enquanto ela caminhava para a área de jardinagem da loja, a parte de trás do calçado batendo nos calcanhares.

Ela examinou as flores e plantas, analisando a terra, e em seguida fez algo que me surpreendeu. Pegou uma garrafa de água de dentro da bolsa gigantesca, que parecia também fazer o papel de porta-fraldas, e derramou o conteúdo nos vasos. Então, arrancou as folhas amarelas de outros, foi até um bebedouro, encheu a garrafa e repetiu o processo.

— O que você está fazendo? — perguntei enquanto fingia cheirar algumas margaridas. Não dava para sentir o cheiro delas, mas isso não me impediu de usá-las como disfarce.

— Elas precisam de mais água, senão vão morrer. E, se não arrancar as folhas mortas, pode prejudicar o crescimento da planta.

— Como você sabe disso? Você é jardineira ou alguma coisa assim? — perguntei.

Ela balançou a cabeça e ficou vermelha.

— Não, sou só mãe e dona de casa.

Ding. Ding. Ding. Ding. Ding. E nós temos uma vencedora!

Aquelas palavras foram mágicas. Eu me animei imediatamente.

— E... hum... você é boa com plantas? — Com o grau de intimidade que eu *não* tinha com aquela mulher, eu esperava que ela negasse, se encolhesse e depois me ignorasse, mas não foi o que aconteceu. Na verdade ela pareceu feliz por bater papo sobre algo do seu interesse.

Mais uma vez ela ficou vermelha, do pescoço até as bochechas, com a minha pergunta.

— As pessoas dizem que o meu jardim não perde nada para o da Martha Stewart. — Havia orgulho em sua voz, mas não arrogância. Aquilo, por si só, era difícil de encontrar nesta cidade.

Hummm.

— Sério? Eu adoraria ver. — Aproveitei a oportunidade e passei a meia hora seguinte conversando com a mulher a respeito do trabalho que eu estava fazendo. Disse que minha produtora pagaria uns dois mil dólares para que eu pudesse segui-la e filmá-la. O dr. Hoffman tinha enviado um longo e-mail detalhando o orçamento para o meu quadro. Achei que meu trabalho fosse a única coisa incluída no orçamento, mas não: eu tinha cerca de dez mil para gastar caso precisasse de roupas, acessórios e qualquer outra coisa.

O mais engraçado foi que, quando ofereci dinheiro a ela, me surpreendi com a resposta.

— Ah, não precisa me pagar. Se isso ajudar outras mães a perceberem como é importante criar os filhos e ser o coração da casa, vou ficar feliz em ajudar.

É claro que ela ajudaria. Mas eu sabia que o programa do dr. Hoffman rendia muito dinheiro e, depois de ter ido até a casa dela, tive certeza de que ela poderia usar aquele pagamento para alguma emergência. Eu garantiria que o dinheiro aparecesse em sua conta logo depois que gravássemos.

A melhor coisa do meu novo trabalho? Levar o namorado comigo! O sorriso em meu

rosto rivalizava com o do gato de Alice. Uma coisa era felicidade, mas aquilo que eu estava sentindo beirava o êxtase absoluto. Tive problemas para me controlar quando chegamos à casa de Heidi e David Ryan logo que amanheceu. Wes disse que, se fôssemos acompanhá-la em sua rotina, precisávamos começar o dia com ela.

A casa era um sobrado com acabamento texturizado, pintada num tom de terracota. Ficava a cerca de seis metros da casa vizinha, bastante semelhante à dos Ryan, só que na cor areia. Todas as casas na rua sem saída eram pintadas em tons terrosos. Algumas tinham dois andares, outras apenas um, mas definitivamente foram construídas como parte de um conjunto, com design estiloso, perfeito para famílias e vidas suburbanas.

Estávamos em Cerritos, na Califórnia, a cerca de trinta a quarenta e cinco minutos do centro de Los Angeles, se o tráfego estivesse bom. Quando saí do carro, um entregador de jornal montado em uma bicicleta BMX jogou um pacote que caiu perfeitamente na varanda dos Ryan.

Levantei o polegar para o garoto, que continuou a me surpreender com suas habilidades de jogar jornais. Wes riu e passou o braço ao redor dos meus ombros.

— Vamos, garota da cidade.

— Estou mais para garota do deserto e da cidade do pecado.

— Não se entrega jornal em Las Vegas? Acho que sim.

Franzindo os lábios, dei de ombros.

— Não na minha casa, nem nas casas do meu bairro. É uma região muito pobre. E o seu jornal aparece magicamente na mesa todas as manhãs. Nós temos um entregador que vem de bicicleta? — Meus olhos se iluminaram ao pensar nisso.

Ele balançou a cabeça.

— Acho que não. Seria bom perguntar para a Judi. Ela lida com essas coisas. Mas eu nunca vi um garoto subindo a nossa colina pra jogar um jornal na porta — ele riu.

Fiz beicinho. Ele tinha razão. De um jeito inoportuno. Afastando o aborrecimento com meu namorado sabe-tudo, bati na porta grande cor de chocolate. David Ryan abriu e franziu a testa. A gravata estava solta ao redor do pescoço, a camisa listrada para fora da calça, e os pés, descalços.

— Hum, posso ajudar? — perguntou.

Fiz uma careta.

— Nós estamos aqui por causa do programa. Esta é a casa da Heidi Ryan, certo? — perguntei, um pouco insegura.

Wes ficou atrás de mim, com a mão na base da minha coluna. Wayne, o operador de câmera, vinha logo em seguida. Brinquei dizendo que ele me lembrava o Wayne de

Quanto mais idiota melhor, o clássico cult do início dos anos 90. Ele tinha cabelo comprido e usava boné, camisa xadrez e bermuda cargo.

Heidi apareceu por detrás do marido, que obviamente estava surpreso.

— Mia! Oi, vamos lá. Achei que vocês viriam mais tarde.

David abriu mais a porta para nos deixar entrar e Wayne ligou a câmera.

— Ainda não — avisei. — Me deixe conversar um pouco com eles para ter certeza de que não estamos nos intrometendo demais. Esta ainda é a casa e a vida deles.

Informei os planos ao casal e deixei que Heidi confirmasse com o marido que estava tudo certo. Quando eles voltaram, alguns minutos depois, ele pareceu um pouco mais à vontade e sorriu.

— Me desculpem. A Heidi comentou alguma coisa ontem à noite, mas eu estava meio de mau humor depois de um dia longo no tribunal.

— Então você permite que a gente comece agora? Nem tudo o que gravarmos vai aparecer no quadro, já que ele tem só quinze minutos, mas nós gostaríamos de filmar a Heidi na rotina do dia a dia dela, se você não se importar.

Seu sorriso alcançou os olhos azuis brilhantes. O cabelo escuro e o cinza do terno realmente valorizavam aqueles olhos e lhe davam uma aparência muito Clark Kent.

Wayne ligou a câmera e nós entramos na cozinha, onde três crianças estavam sentadas a uma mesa para seis. Heidi estava fazendo ovos com bacon e torrada com manteiga. As crianças não pareceram se incomodar com os três recém-chegados.

— Wayne, comece a filmar a Heidi cozinhando e dando café da manhã para os filhos, depois vamos deixá-los comer em paz, tá? — Wes já estava entrando no clima. Seu tom era totalmente profissional.

Heidi deslizava, de robe, pela cozinha, servindo o café da manhã, dando mamadeira e alguma coisa que ela chamou de biscoito mordedor para o bebê. Ela se movia como poesia. Uma sonata coreografada. Depois preparou dois almoços: um para o filho — que estava em idade escolar — e outro para o marido. Ao lado do almoço, colocou a mochila da escola e o material do menino. Depois serviu o café da manhã para David, que deixou o prato sobre a mesa assim que devorou a comida e correu para o andar de cima a fim de terminar de se arrumar.

Logo que pai e filho saíram juntos, Heidi começou a lavar a louça. Depois de tudo isso, só comeu uma fatia de pão. Tinha preparado uma refeição digna de rei para a família, mas só teve tempo de comer uma fatia de pão seco e tomar um gole de café.

— Tenho que aprontar a Lynndy e a Lisa para brincar e para a escolinha. — Ela apontou para a criança do meio, que eu supunha ter uns três anos, e o bebê, de mais ou

menos seis meses.

Pelo restante do dia, seguimos Heidi para lá e para cá. Sua vida era cansativa. Ela definitivamente não me fez desejar ter um monte de filhos e começar minha própria equipe de basquete. Wes, por outro lado, estava encantado, adorando ver sua eficiência e abnegação. Ele se certificou de que as melhores tomadas fossem gravadas — os momentos doces entre mãe e filhos, marido e mulher — com uma animação que eu só esperava que ele tivesse.

Quando voltamos para a casa de Heidi depois de pegar o filho na escola, ela começou a fazer a lição com ele. Para um aluno da terceira série, a matemática era um absurdo. Nada a ver com o que eu aprendi na idade dele. Graças a Deus eu tinha Wes para cuidar desse tipo de coisa com nossos futuros filhos.

Espere. O quê? Acabei de pensar em ter filhos com o meu surfista que faz filmes e não me aborreci com a ideia? Ah, meu Deus. Eu estava encrencada. Crianças nunca apareceram nos planos quando eu estava com outros homens. Jamais. Só que, a julgar pelo brilho nos olhos de Wes enquanto pegava no colo a bebê Lynndy, filhos definitivamente faziam parte dos seus planos. Droga. Se eu não me cuidasse, ele me teria casada e grávida antes que o ano terminasse.

Wes olhou para cima enquanto eu o observava brincar com o bebê. Seus olhos tinham a cor das esmeraldas mais extraordinárias. Sim, bebês o faziam feliz. Merda. Eu lhe daria um filho só para que ele me olhasse com aquele mesmo amor.

Balancei a cabeça e voltei a me concentrar no trabalho. Aquele tipo de discussão precisaria acontecer depois de algumas rodadas no quarto, enquanto estivéssemos bêbados e quando estivéssemos nos sentindo românticos e sentimentais.

Finalmente, depois que as crianças foram tirar um cochilo e o mais velho foi andar de bicicleta, Heidi saiu para o quintal. Quando abriu a porta de correr, fiquei abobalhada. Era como um jardim secreto mágico, com estatuetas de anjos, um pequeno riacho, vegetação luxuriante em todos os lugares e flores. Meu Deus... As flores estavam em vasos, distribuídas em seções pelo jardim e perto das árvores. Eram de todas as cores e variedades. Não sei dizer quantos tipos havia.

— Uau. — Wes soltou uma respiração lenta. — Incrível.

O sorriso de Heidi era tão brilhante quanto o mar ao meio-dia.

— Obrigada. Vou levar vocês para um passeio. O jardim foi feito em formato oval para que a gente possa caminhar ao redor dele. Eu sei que não é grande, mas — ela deu de ombros — é o que nós podemos ter, e eu adoro.

Wayne filmou enquanto eu caminhava ao lado dela, perguntando sobre seus métodos

e sobre os motivos de ter escolhido esta ou aquela planta, para que o quadro não ficasse monótono. Heidi foi até um grande cesto que continha luvas e tesouras de jardinagem. Havia equipamento extra, que ela me entregou. Caminhamos pelo local e fomos até um canto repleto de rosas. Cada cor mais linda que a outra.

— Isso é maravilhoso, Heidi. — Inspirei os aromas misturados das flores, sentindo profundamente o perfume.

Ela me mostrou onde e como cortar, então colhemos uma dúzia de rosas de haste longa. Em seguida, fomos para outra área e cortamos algumas flores pequenas que ela disse serem anuais. Uma delas tinha um tom de roxo vibrante. Heidi a chamava de flor-aranha merlot.

— Um nome complexo para uma coisa tão delicada.

— As aparências enganam.

A babá eletrônica, que estava presa em seu quadril, soou. Ela parou, levou o aparelho até a orelha e nós duas esperamos. Prendi a respiração. Não sabia por quê. Parecia a coisa certa a fazer. Quando nenhum som adicional veio, ela prendeu aquela espécie de walkie-talkie no quadril e continuou.

— Essas são as molucelas. — Aparou quatro longas folhas, com cerca de sessenta centímetros. — Está vendo a cor amarelo-esverdeada?

Assenti.

— Vai ficar lindo com as rosas amarelas e cor-de-rosa. E o cheiro? — Ela segurou a planta perto do meu nariz.

Um belo toque de menta brincou com meus sentidos.

— Tem um perfume incrível. Parece hortelã.

Depois de caminharmos por todo o espaço, levamos para dentro nossos cestos, cheios do que parecia uma tonelada de plantas. Ela os colocou sobre o balcão da cozinha e ensinou a mim e ao público a tirar corretamente os espinhos, além de mostrar onde cortar para que as plantas durassem mais. Falou sobre a importância de tratar a água e os vasos. No entanto, o que ela fez a seguir me levou a perceber que aquele quadro seria um sucesso.

De uma gaveta grande, ela tirou papel colorido. Depois, pegou elásticos e embrulhou as flores com o papel. Finalmente, pegou uma fita e cobriu os elásticos feios.

— O que você vai fazer com elas? — perguntei, pensando que talvez pudesse levar alguma daquelas belezuras para a sra. Croft. Ela iria adorar!

— Bem, toda semana eu levo alguns dos buquês que faço para o hospital de

recuperação que fica aqui na minha rua. Muitos pacientes lá não têm família, e um arranjo de flores pode ajudar a tornar a semana deles melhor.

Eu tinha conhecido muitas pessoas maravilhosas no decorrer daquele ano, mas nenhuma como Heidi Ryan.

Ao fim do dia, eu me virei para ela, em frente a sua casa. Seu marido tinha acabado de chegar do trabalho. Ele puxou a mulher, que obviamente amava muito, para o conforto de seus braços e lhe deu um beijo na bochecha. Eles se abraçaram para as câmeras, o que foi incrível, e então David perguntou carinhosamente o que havia para o jantar. E ela respondeu:

— Qualquer coisa que você faça!

Rindo, me virei para a câmera que Wayne segurava a poucos passos de mim.

— Obrigada, Heidi Ryan, por abrir a sua casa e compartilhar com a gente a rotina diária de uma mãe e dona de casa, e também por nos levar para conhecer o seu jardim deslumbrante. Acho que você merece o título de Supermulher. O trabalho que você faz em casa, com a sua família e pela comunidade deve ser elogiado. Nós, do programa do dr. Hoffman, a aplaudimos. Sou Mia Saunders e vejo vocês na semana que vem, no nosso próximo encontro no "Vida bela".

Passei o dia seguinte com Wes e a equipe de edição, juntando trechos perfeitos até que tivéssemos o conteúdo certo para o quadro de quinze minutos.

Wes apontou para uma área na tela e pediu que o editor focasse em coisas específicas que ficariam incríveis se destacadas. As mãozinhas rechonchudas da bebê Lynndy segurando sua mãe, ou a maneira como David olhava para a esposa, como se ninguém mais estivesse na cozinha enquanto ela servia o café da manhã. A forma como Heidi demonstrava ser louca pela pequena Lisa durante a aula de ginástica.

Com confiança e paciência, Wes me ensinou que aqueles pequenos momentos eram valiosos e faziam toda a diferença. Na reprodução, vi que ele não estava errado. Mas é claro que eu nem teria questionado. Ele vivia de produzir filmes e de escrever roteiros. Um quadro de quinze minutos em um programa diurno era moleza para um homem com seu talento e experiência. No entanto, Wes se comprometeu a trabalhar naquele projeto comigo da mesma maneira que fazia um filme com um orçamento de duzentos milhões de dólares. Eu o admirei por isso, e me apaixonei ainda mais por ele.

Um rangido e o som da porta batendo na parede nos tiraram a concentração. Drew

Hoffman entrou, todo escandaloso e barulhento, na sala sem graça na sede da Century Produções. Não estava nem um pouco preocupado com o fato de nós três estarmos focados nas imagens diante de nós.

Colada nele feito um terno barato, estava um palito de picolé loiro com seios enormes e bizarros. Dava para ver o tamanho deles pois estavam praticamente pulando da blusa minúscula com decote rendado. Se ela se mexesse muito rápido para o lado, arqueasse as costas ou até mesmo se inclinasse alguns centímetros, os mamilos apareceriam.

— Olá, dr. Hoffman. Estamos preparando o quadro para que a sua equipe assista antes do programa de amanhã — falei, me levantando.

— É por isso que eu estou aqui, meu bem. — O tom de Drew era lascivo, e a estaca loira presa em seu peito enrolou o dedo no cabelo dele.

— Ahh, gostei da sua nova garota. Ela é sexy. Com todas essas curvas, aposto que ela tem gosto de bolo de chocolate. Podemos brincar com ela, doutor? Por favor, por favorzinho, com açúcar por cima? — a mulher arrulhou, os lábios cor-de-rosa brilhantes se franzindo a cada consoante. A loira balançou o peito na frente do rosto dele, se certificando de mexê-los de forma evidentemente ensaiada e que com certeza havia funcionado muitas vezes antes. Vi os olhos de Drew praticamente mergulharem no amplo decote.

Foi naquele exato momento que Wes virou a cadeira e se levantou.

— Com licença. A gente se conhece?

Os olhos de Drew se arregalaram, e uma nota de reconhecimento cruzou sua expressão enquanto avaliava Wes.

— Weston Channing Terceiro, o famoso roteirista de cinema... — Hoffman disse, com clara admiração. — O que o traz ao nosso humilde espaço no showbiz?

Wes apontou para mim e passou um braço ao redor da minha cintura.

— Você contratou a minha noiva — respondeu, como se estivesse participando de um jogo de perguntas e respostas.

Hum... noiva? Olhei para meu dedo nu. Wes percebeu o movimento e se encolheu, mas ficou quieto.

— Sua noiva? Mia... — A boca do doutor se abriu e fechou, como se ele estivesse pensando no que dizer em seguida.

Em vez disso, a loira passou na sua frente:

— Demais! Ah, meu Deus, eu amo, amo, amo os seus filmes. E você é tão gostoso! — A vadia se agarrou ao médico em cima do salto agulha. A única coisa que balançou

foram seus implantes. O resto do corpo não tinha um pingo de gordura. Se balançasse com mais força, os ossos provavelmente teriam feito um som de chocalho, que combinaria com o cérebro do tamanho de um amendoim rolando dentro da cabeça, mas seria só isso. Ela estendeu a mão. — Sou a Brandy, aliás. Mas, sabe, do jeito normal, B-R-A-N-D-Y — soletrou.

Do jeito normal? De que outro jeito se escreve Brandy? Suspirei, e meu toque em Wes se apertou. Ele riu e disfarçou com uma tosse no punho. Ele me conhecia muito bem. Sorri, mas permaneci em silêncio.

— Meu Deus! A gente devia sair em casais! Isso seria, tipo assim, como... — Ela girou uma mecha de cabelo, que, observando melhor, percebi que era aplique. Revirei os olhos e esperei que a lâmpada acendesse para ela poder terminar o pensamento. — Não sei, como o melhor par de sapatos do mundo!

Inspirei com força, mas só Wes notou, porque Brandy e o dr. Hoffman estavam muito ocupados analisando meu namorado. Eu não os culpava. Poderia facilmente passar o dia todo olhando para o corpo dele. Ele era o colírio mais perfeito de todos.

— Desculpem, pessoal. Mas, para conseguir que isso fique pronto hoje à noite, nós precisamos trabalhar o resto do dia. O Wes está ajudando porque tem algum tempo livre — falei.

O dr. Hoffman abriu a boca e se deu conta de algo.

— Claro. Eu li no noticiário... Foi horrível o que aconteceu com você e aquela bela atriz. — Ele balançou a cabeça e os pelos em meus braços se arrepiaram. — Você sobreviveu por mais de um mês em cativeiro com a Gina DeLuca, certo? Metade da sua equipe foi morta por radicais. Malditos selvagens. — Seus comentários pareciam sinceros, mas não abrandaram a tensão de Wes.

Não, não, não, não. Tudo estava indo tão bem. Wes enrijeceu ainda mais.

— Hum, sim. Fico feliz de estar em casa. Foi bom conhecer vocês, dr. Hoffman e Brandy. — Ele apertou ambas as mãos como o profissional que era. — Infelizmente, nós temos que voltar ao trabalho. — Com isso, ele se sentou. O editor lhe entregou os fones de ouvido, e Wes se concentrou na tela.

Conversa encerrada. Acenei de forma evasiva para a dupla e repeti exatamente os passos de Wes. Por fim, o dr. Hoffman disse alguma coisa e a porta se fechou. Voltamos ao nosso mundo de mães e donas de casa para o “Vida bela”. Coloquei a mão nas costas rígidas de Wes. Quase podia sentir a tensão saindo dele como se tivesse vida própria, sua respiração ocultando o animal na superfície. Primeiro ele estremeceu quando o toquei, mas, conforme deslizei a mão para cima e para baixo em suas costas e

fiz perguntas sobre o que aparecia na tela, ele começou a relaxar mais uma vez. Quando terminamos o quadro, os produtores executivos adoraram. Voltamos para a sala de edição, pegamos nossas coisas, agradecemos ao editor e saímos da catacumba que era a Century Produções.

Achei que tivéssemos desviado de um tiro. Infelizmente, eu estava errada. Errada demais.

8

A semana toda havíamos conseguido evitar contato com a imprensa. A única vez que Wes saiu de casa foi para ir comigo à gravação na casa dos Ryan, que ficava no meio do nada, um lugar ignorado pela mídia de Hollywood. Infelizmente, parecia que alguém na Century Produções — o doutor, produtores, ou quem sabe Brandy-do-jeito-normal — tinha avisado a imprensa. Devem ter achado que seria bom Wes ser visto saindo da produtora com alguém associado ao médico-celebridade. Fazia sentido, pois o dr. Hoffman e sua esposa top model estavam bem na saída quando tentamos ir embora. Assim que passamos pela porta, a quantidade de flashes foi surpreendente.

Eu havia experimentado a fama e tido alguns encontros com paparazzi enquanto estava com Anton, em Miami, mas aquilo estava muito longe de ser algumas câmeras e fotógrafos barrigudos e bajuladores, experientes em clicar um milhão de vezes por minuto para capturar a pior imagem possível e estampar as revistas de fofocas. Aquilo era uma coletiva de imprensa. Um frenesi absurdo.

— Weston, como foi ser sequestrado por terroristas? — um deles gritou.

— Você matou alguém enquanto estava lá?

— Onde eles te machucaram?

— O que você sentiu ao ver o Trevor morrer na sua frente?

— Eles machucaram a sua namorada, a Gina?

— O que a Mia Saunders é sua?

O dr. Hoffman se aproximou da multidão com a esposa. Ela passou de loira burra para supermodelo muito bem paga e esposa-troféu em menos de um segundo, ao seu lado, segurando seu braço.

Estávamos atrás deles, procurando uma saída.

— Por favor, por favor, nos deixem em paz. O nosso amigo, sr. Channing, e a noiva dele, srta. Saunders, merecem um pouco de privacidade depois do que passaram, vocês não acham? Tenham um pouco de decência.

Noiva? A palavra rolou como uma onda no meio da multidão de jornalistas. Algumas pessoas sussurravam e outras gritavam tão alto que era impossível

acompanhar. Eu não esperava que alguém descobrisse que eu ia me casar com Wes. Eu ainda nem tinha uma aliança.

— Dr. Hoffman, dr. Hoffman, o sr. Channing e a srta. Saunders vão falar sobre o sequestro no seu programa? — um repórter gritou a plenos pulmões.

O médico abriu um sorriso enorme. Filho da puta. Babaca. Ele adorava aquela atenção e com certeza havia planejado tudo.

— Bem, a srta. Saunders é contratada do meu programa. Ela vai apresentar um quadro toda sexta-feira. Vocês deviam assistir. É brilhante, especialmente porque o noivo dela ajudou a produzir.

— É verdade, sr. Channing? — Os repórteres foram à loucura. — Você já está voltando ao trabalho depois de vários homens da sua equipe terem sido mortos?

Chega. Peguei Wes pela mão, abrimos caminho pela multidão e corremos. Corremos pela nossa vida. Ainda assim, tantos fotógrafos vieram atrás de nós que era difícil ver a floresta através das árvores, ou, nesse caso, o estacionamento onde minha moto, Suzi, estava parada.

Pulei em cima dela e dei partida enquanto Wes enfiava o capacete na minha cabeça e passava um braço ao redor da minha cintura.

— Não vá pra casa. Só acelere, baby — Wes rosnou no meu ouvido, me segurando apertado. — Acelere.

Com certeza eu ia me casar com aquele homem. Ponto-final.

Naquela noite, Weston acordou com um grito surpreendente. Desta vez ele sacudiu a cama, e nós dois acordamos assustados. Ele estava ofegante quando acendi a luz e me levantei, sem saber o que encontraria ou se deveria ficar ao alcance dele. Seus olhos eram buracos negros. As narinas abriam e fechavam, e um grunhido curvou seus lábios. Ele me olhou como se não comesse havia dias e eu fosse sua próxima refeição. Não, dias não. Semanas.

— Wes... — Tirei a camisola, permitindo que o tecido roçasse em meu corpo e caísse a meus pés. Desde que os pesadelos começaram, eu não me preocupava mais em usar lingerie. Ele rasgava todas as peças, e às vezes aquilo resultava em marcas no quadril, uma vez que ele as puxava com força.

O homem que eu amava não era ele mesmo naquele momento. Ele estava indo bem e não tinha pesadelos havia dois dias. Imaginei que eles voltariam, mas estava esperando

por mais tempo.

— Preciso de você — ele rosnou.

— Por quê? — Eu tocava meus mamilos, mais para seu prazer do que para o meu. Embora não fosse um sacrifício. Meu cabelo estava solto e caía pelas costas em ondas negras, do jeito que ele gostava.

Seus dentes cerraram e eu podia jurar que ouvi um zumbido baixo, um aviso na parte de trás de sua garganta.

— Minha — ele grunhiu.

Balancei a cabeça.

— Não, não é o suficiente. Diz que me ama.

— Eu te amo — ele disse instantaneamente, mas o tom não foi amoroso. Wes dizia que me amava de inúmeras formas: doce, suave, macia, desesperada e muito mais, mas não *naquele* tom. Eu não o aceitaria. Aquele inferno selvagem não era o homem que eu amava. Esse homem era uma réplica quebrada de alguém, mas não era ele. Sua mente estava perdida em uma cabana, numa área que havia sido dizimada pelo exército americano.

— Não. Por que você me ama? — perguntei, caminhando ao redor da cama, me aproximando.

Os olhos de Wes pareciam seguir cada passo.

— Porque você acaba com isso que eu sinto?

Esse tom desesperado me amoleceu até o ponto em que meu lado emocional geralmente cedia.

Pelo menos estávamos chegando a algum lugar. O suor escorria por sua pele, caindo em direção ao torso esculpido e ao longo dos músculos que compunham o belo abdome.

— E como eu faço pra acabar com isso? — Movi o quadril nu para o lado. Seus olhos acompanharam o movimento. — Você não está sendo machucado, certo? Não aqui, na nossa cama.

Ele se encolheu e balançou a cabeça.

— Wes?

Ele ergueu o olhar e estremeceu.

— Eu pareço estar machucada?

Wes precisava enxergar a verdade. Se conectar com a realidade mais uma vez.

Ele olhou para o meu corpo nu com segundas intenções, mas também com aquele toque de familiaridade, de conexão. Estava voltando, lenta, mas seguramente. Eu tinha feito o meu trabalho. Por sorte, sempre o trazia de volta para mim.

— Não. Você parece boa o suficiente pra trepar. — O linguajar vulgar viajou até o meu núcleo e eu amoleci, me preparando para ele. Eu precisava ser forte. Precisava chegar ao fim daquilo antes de aproveitar do mesmo jeito que ele queria.

— E por que você quer trepar comigo? — retruquei.

— Porque você é tudo de bom e certo no mundo. Eu consigo respirar perto de você. — Sua voz era corajosa e indomável, toda máscula.

Meu coração se abriu e lágrimas ameaçaram cair, mas eu me mantive firme. Por ele. Por mim. Por nós.

— E por que você consegue respirar perto de mim? Será que é porque você está seguro, em casa, na nossa cama?

As palavras pareceram ressoar em sua mente, porque ele piscou várias vezes e a escuridão se dissipou. Seus olhos voltaram ao verde habitual, engolindo toda a escuridão.

— Mia, linda, venha aqui. — Wes estava falando num tom que eu adorava. Um tom que eu percorreria um longo caminho para ouvir todos os dias.

Balancei os quadris com um gingado extra enquanto me aproximava da cama, então engatinhei até ele e o montei. Seu pau estava tão duro quanto granito em minha coxa.

— Isso é pra mim? — perguntei, colocando a mão ao redor da base.

— Você sabe que é. — Ele sorriu. De terror noturno para um sorriso?

Clap, clap, clap. Muito obrigada. Bom trabalho, Mia.

— E o que eu devo fazer com ele? — perguntei, tímida, umedecendo os lábios e decidindo se deveria escolher a boca ou o calor palpitante entre minhas coxas.

Eu esperava uma resposta brincalhona, mas ele levantou a mão e enfiou os dedos no meu cabelo. Com a outra, segurou meu rosto, e o polegar suave acariciou minha mandíbula quando ele olhou diretamente nos meus olhos.

— Você vai me amar. Do jeito que você quiser. Enquanto quiser. Até que tudo desapareça. Porque é o que você faz. Minha Mia. Meu tudo. Você afasta todas as lembranças horríveis e as substitui por novas.

Lágrimas se formaram em meus olhos, mas eu as segurei. Agora era hora de amor, de união, não de sofrimento e tristeza.

— Faça amor comigo — implorei suavemente.

— Achei que você nunca fosse pedir.

Eu ri quando ele me beijou, o riso se transformando em gemidos, que se transformaram em gritos de prazer durante a noite toda.

~

Bizz. Bizz. Bizz.

Dei uma pancada perto do rosto e funguei de volta para o calor de Wes.

Bizz. Bizz. Bizz.

Puta merda. Abri os olhos lentamente e verifiquei o relógio. Cinco da manhã. Sério? Wes e eu tínhamos terminado nossa maratona sexual em algum momento perto das três.

Achei que o telefone pararia de tocar enquanto eu tentava voltar para a terra dos sonhos. Errado.

Bizz. Bizz. Bizz.

Modo "não perturbe". É isso que as pessoas normais fazem. Elas colocam o celular no modo "não perturbe", ou o deixam em outro cômodo. A idiota aqui tinha que deixar a porcaria do aparelho ao lado da cama. Ele soava como uma multidão de abelhas furiosas enquanto vibrava na mesinha de madeira. Esticando-me, consegui pegá-lo com um movimento que deixaria ginastas olímpicos orgulhosos. Apertei o botão e o levei para debaixo do cobertor.

Wes, como de costume depois de um episódio de terror noturno, estava prendendo metade do meu corpo. Era como se ele usasse o dele todo como um escudo. Empurrá-lo, tentando me mover sutilmente, só o fazia me segurar com mais força. Aprendi aquilo da pior maneira. E, como eu queria ficar na mesma cama que o meu homem, tinha que lidar com o peso e o calor. Naturalmente, me acostumei com aquilo. Preferia ficar presa sob seu peso a deixá-lo pensar que morreria em um país de terceiro mundo.

— Alô — murmurei.

— Mia, meu anjo, ele chegou! — a voz em êxtase de Max rugiu através da linha. — Ele é tão grande. Um brutamontes, o meu menino! Olhe as suas mensagens, querida. Eu te mandei uma foto.

Eu ri e pisquei algumas vezes, afastando o celular, acessando as mensagens e abrindo a primeira das doze enviadas por Max.

O peso que me pressionava no colchão se moveu. Wes se inclinou para trás, puxou as cobertas do meu esconderijo e enterrou o rosto no meu pescoço para que também pudesse ver. A barba rala raspou ao longo do meu pescoço de forma deliciosa.

Murmurei enquanto examinava as fotos. Uma mais linda que a outra.

— É o Max? — Wes perguntou. Sua voz era um estrondo baixo.

Minha garganta estava fechada, cheia de emoção, enquanto eu olhava para o bebê Jackson. Só que não foi o querubim minigigante que me chamou a atenção. Bem,

primeiro foi ele. No entanto, uma das fotos mostrava uma imagem dele enrolado, deitado no berço claro do hospital. Havia um quadrinho acima dele em que estava escrito "MENINO". Mas não foi isso que fez as lágrimas escorrerem silenciosamente pelo meu rosto.

Maxwell e Cyndi tinham dado a Maddy e a mim um presente. Um presente que eu sabia que iria nos conectar pelo resto da vida. Acima do bebê mais adorável de todos estava o seu nome. Em letras elegantes e perfeitas, o quadrinho dizia claramente:

Primeiro nome: Jackson
Nome do meio: Saunders
Sobrenome: Cunningham
Peso: 4,7 quilos
Altura: 57 centímetros

— Max... — falei o nome dele, mas acho que saiu como uma tosse ininteligível.

Wes traçou o nome na tela e beijou minha bochecha.

— Bom homem — sussurrou para mim enquanto eu olhava para o meu sobrinho.

— O melhor — resmunguei para Wes e, em seguida, levei o celular à orelha.

— Você viu? Viu a surpresa? — Max perguntou, com mais orgulho e amor do que eu poderia aguentar. Meu coração estava prestes a explodir.

Umedeci os lábios e limpei o nariz, que escorria sobre o lençol. Ainda bem que a sra. Croft o trocava regularmente. Embora ela provavelmente fizesse isso porque sabia muito bem o que acontecia sobre eles.

— Max, não sei o que dizer... — Ninguém nunca tinha me dado um presente como aquele.

— Ah, mana, não precisa dizer nada. Só diga que ele é perfeito.

Olhei para o pequeno rosto de Jackson, os cabelos loiros parecendo uma auréola ao redor da cabeça.

— Ah, ele é. Muito perfeito. E o nome dele... Obrigada.

Max respirava pesadamente no telefone.

— Mia, ter você e a Maddy na nossa vida... Não consigo nem dizer o que isso significa pra mim. Eu estava tão perdido depois que o meu pai... — Sua voz ficou embargada. — Descobrir que você e a Maddy são minhas irmãs... Meu anjo, essa é só

uma forma de a Cyndi e eu mostrarmos para vocês que nós estamos ligados para sempre. Está me ouvindo? Para sempre. Vocês duas são minhas irmãs, e o sobrenome Saunders é uma parte de vocês. Não quero que exista nada de errado entre nós. Essa é a minha maneira de dizer que nada vai separar a gente.

— Eu te amo, Max. Você é o melhor irmão do mundo. E Jackson Saunders Cunningham é um nome lindo. Forte e bonito, assim como o pai dele. Eu estou louca para ver o bebê.

Max riu.

— Foi bom você mencionar isso. A Cyndi e eu pensamos que talvez vocês todos pudessem vir para o rancho no Dia de Ação de Graças. Se, hum, você não estiver trabalhando.

Ação de Graças. O feriado. Coisas com as quais eu nunca tinha me preocupado até agora. Estávamos nos aproximando do feriado. Como seria a demanda do programa? Se eles me mantivessem até novembro, e isso era um grande *se*, eu podia me matar para tentar fazer o quadro em alguns dias e ir para o Texas no feriado.

Um verdadeiro feriado de Ação de Graças em família. Mas Wes poderia querer que nós ficássemos com a família dele. Merda, eu não sabia. São coisas que normalmente se combinam com o companheiro.

— Hum, parece divertido, mas sem promessas, tá? Preciso conversar com o Wes e ver o que vai acontecer no programa. Tudo bem se eu disser que preciso de um pouco de tempo pra descobrir para onde vamos?

Max riu. Não uma daquelas risadinhas afetadas que as pessoas dão, mas uma risada tão alta que ecoou através do telefone, indo direto para o meu peito.

— Claro, meu anjo. Você precisa combinar com o seu namorado e com a Maddy. Imagino que ela precise combinar também com a família do Matt. São boas pessoas. Talvez eu convide todo mundo.

— Vai com calma, garotão. Vocês acabaram de ter um bebê. A Cyndi pode não querer uma casa cheia de gente pouco mais de um mês depois de ter tido um filho. — Achei importante mencionar. Não que eu soubesse como é ter um bebê, mas todos os programas de TV e filmes fazem parecer que os primeiros meses são desgastantes.

— Foi a Cyndi que sugeriu! — ele disse.

— São os hormônios da gravidez falando. Ei, curta o bebê Jack. E, por favor, continue me mandando fotos. Quero a minha caixa de mensagens cheia de imagens do menino mais bonito do mundo, para que eu possa babar bastante.

— Pode deixar! — Max disse, alegre. A felicidade em sua voz era incomparável.

Eu gostaria de poder estar lá para abraçá-lo e dizer como estava feliz por ele. Estar a dois mil quilômetros de distância naquele momento era um saco.

— Mande o meu amor pra Cyndi e diga que ela fez um belo trabalho! Esse menino é um leitão! Mais de quatro quilos. Caramba!

— Ah, é de família. Meu pai disse que eu nasci com quase isso também. Você e o seu namorado que se cuidem. — Ele riu ao celular. Eu queria atravessar a linha e beliscá-lo.

— Você é mau. Retiro tudo o que eu disse — bufei.

— Desmancha-prazeres! Ainda bem que você gostou da surpresa. Eu te amo, mana.

E as lágrimas estavam de volta. Jesus, eu sentia como se minha vida tivesse se tornado uma série de cartões da Hallmark. Cada um que eu pegava era uma luta com as lágrimas.

— Eu também te amo, Maximus. Se cuida.

— Pode deixar. Volte pra cama. O que está fazendo no telefone tão cedo?

Antes que eu pudesse responder de forma vingativa, ele desligou. Droga, primeiro Gin ganhou a batalha ao telefone, e agora Max. Eu estava perdendo o jeito.

Suspirei assim que braços me envolveram e me aninhei no peito de Wes.

— Ei. — Eu me aconcheguei em seu calor como um filhotinho de gato que encontra um local confortável. Ele acariciou meu cabelo e sussurrou.

— A sua família está bem?

Assenti em seu peito.

— Sim. A Cyndi está bem, o bebê tem um nome incrivelmente legal e eu sou tia pela segunda vez.

— E como é isso? — Wes murmurou, mas parecia estar muito longe. O esgotamento havia cobrado seu preço. Mesmo que a notícia fosse boa e eu quisesse gritar do telhado, estava quase cochilando.

— É... é perfeito.

9

Um assistente me levou até o escritório da produtora executiva do programa na Century Produções. Leona Markham parecia jovem para a idade, mas mantive esse pensamento para mim mesma. Pelo cargo que ocupava, ela provavelmente tinha passado dos quarenta anos, mas não parecia ter mais de trinta. Seu cabelo era uma profusão de cachos castanhos até os ombros, complementando o caramelo dos olhos. Ela usava um tailleur branco imaculado com salto agulha de verniz preto extremamente fino. A saia era tão justa que moldava seu corpo como uma segunda pele. Das panturrilhas trabalhadas até a mandíbula marcante, aquela mulher havia passado algum tempo se produzindo, e deu certo. E como! Ela estava linda. Eu queria parecer tão bem quando tivesse a sua idade.

Quando me sentei, ela olhou para minha saia despojada, a regata de seda e as sandálias de salto anabela. Eu não gravaria naquele dia, então tinha deixado as roupas mais elegantes em casa. Na verdade, Wes e eu havíamos terminado a terceira sessão de edição do episódio seguinte do "Vida bela" um pouco antes de me encontrar com ela. Era a respeito de um quartel do corpo de bombeiros no leste de Los Angeles que resgatava filhotinhos de cachorro e os treinava para servir como cães de companhia para ex-soldados deficientes físicos, com problemas mentais ou que tivessem sido feridos. Os bombeiros se revezavam no treinamento dos cães para pegar coisas, abrir portas, conseguir ajuda, ter cuidado com obstáculos que pudessem ameaçar a segurança e, o mais importante, dar amor. Eles me mostraram em dois dias como aqueles animais mudavam a vida das pessoas que os adotavam. Todos saíam ganhando.

— Srta. Saunders... — ela começou, mas eu a interrompi.

— Pode me chamar de Mia. — Sorri e coloquei as mãos no colo.

— Obrigada, Mia. Me chame de Leona.

Assenti e esperei para descobrir o motivo de estar ali. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, a porta se abriu e o dr. Hoffman entrou com sua assistente sonhadora, Shandi.

— Desculpem o atraso. Shandi e eu estávamos dando uma olhada na gravação sobre

os bombeiros e os animais resgatados que a Mia e o noivo, o sr. Channing, acabaram de editar.

O entusiasmo com o qual ele pronunciou o nome de Wes me fez revirar os olhos. Claro, Leona estava observando minha reação, e não o bom doutor. Seus lábios se curvaram em um sorriso, e eu ri baixinho.

— Mia, querida, o quadro está... — ele levou os dedos à boca e os beijou do jeito que uma mãe italiana faria — magnífico. Brilhante. Eu sabia, tinha certeza de que você seria um ótimo complemento para o programa. Eu estava errado, Leona?

Ela se sentou atrás da mesa monstruosa, apoiou os cotovelos sobre a agenda e o queixo nas mãos.

— Não, não estava. Na verdade, é sobre isso que nós vamos falar com a Mia hoje. — Antes de continuar, ela pressionou algumas teclas no telefone. — Sra. Milan, está aí?

A voz da minha tia soou nítida e clara no viva-voz:

— Estou. Obrigada pelo contato. Agora, a que devo o prazer?

Olhei para baixo e tentei respirar para conter o desejo de cair no riso. Millie só falava em tom pomposo quando queria alguma coisa ou precisava impressionar alguém. Tive a sensação de que era a última opção.

— Eu chamei vocês aqui, com o dr. Hoffman, porque nós temos algumas novidades e gostaríamos de fazer uma proposta.

Wes havia dito que aquilo poderia acontecer. Prendi a respiração, sem querer ter esperança. Argh, eu estava com muito medo de ter esperança. Tensa, me endireitei e esperei.

— Caso vocês não tenham percebido, o programa está indo muito bem. Desde o primeiro episódio da Mia para o "Vida bela", o nosso público aumentou em vinte e cinco por cento. Nós achamos que ele teve essa repercussão não só pelo conteúdo, mas também pelo fato de você e o sr. Channing terem aparecido recentemente nos noticiários. O sequestro dele e as especulações sobre o filme ser cancelado podem ter sido as razões para que a primeira exibição tenha ido bem. No entanto, com o segundo episódio, nós tivemos um crescimento de dez por cento nos espectadores diários. No dia em que o segundo quadro foi ao ar, nós tivemos cinco milhões de espectadores a mais.

— E o que isso significa na minha língua? — perguntei, sem querer parecer burra. Aquilo poderia ser muito, ou poderia significar que eu não estava conseguindo audiência suficiente. Honestamente, eu não fazia ideia. Mais de trezentos milhões de

pessoas viviam nos Estados Unidos. Eu não sabia avaliar se cinco milhões de espectadores era muita coisa.

Leona se recostou na cadeira, com os olhos arregalados.

— Isso significa que, quando você está no ar, quinze milhões de pessoas estão te assistindo, acima da audiência média diária do dr. Hoffman, que é de nove a dez milhões.

— Uau! — Deixei uma única palavra dizer tudo. Isso significava que eu estava mesmo mandando bem.

O dr. Hoffman irradiava alegria e se sentou na cadeira ao meu lado. Estalou os dedos e apontou para o aparador, que continha uma variedade de bebidas. Shandi correu até a parede onde o móvel estava encostado para pegar o que quer ele tenha pedido silenciosamente.

Sem pensar, resmunguei e fiz um barulho de nojo.

— O quê? — Ele me olhou com indiferença.

Fiz uma careta.

— Sério? Você estalou os dedos para a sua assistente. Que grosseria! — Balancei a cabeça e encarei Leona. — Desculpe. Passei dos limites.

Ela riu.

— Não, você está certa. *Ele* passou dos limites. — Ela balançou o polegar na direção de Drew. — Infelizmente, isso também faz parte do charme dele. Cretino sem noção. — A forma como ela disse isso fez parecer um elogio, embora não tenha sido.

Drew bufou e sorriu quando Shandi lhe entregou um copo do que imaginei ser cuba libre, já que uma garrafa de rum e uma lata aberta de Coca-Cola estavam sobre a bancada.

— Obrigada, minha querida — ele falou para Shandi, que ronronou como um gatinho orgulhoso por ter pegado um pássaro e colocado o cadáver aos pés do dono, irradiando felicidade.

Querendo voltar para a sala de edição para me encontrar com um homem muito mais atraente, que estava me ensinando tudo sobre a formação de uma grande história e esperando pacientemente, bati as mãos nas coxas, recebendo a atenção deles.

— Algo mais?

— Está com pressa? — Leona perguntou, se recostando na cadeira de couro. Ela era uma rainha no trono, e o estúdio, seu castelo.

Eu poderia ter mentido, mas estava trabalhando isso em mim. Wes estava me ensinando que a honestidade era realmente a melhor política em todas as situações.

— Mais ou menos. O Wes está me esperando na sala de edição. Nós estamos finalizando o quadro para o programa de sexta-feira.

Leona assentiu.

— Eu tenho certeza de que vai ser um sucesso. Você ainda está aí, sra. Milan? — ela perguntou, de forma casual.

A voz da minha tia estalou através do telefone.

— Estou. Ainda bem que eu tenho alguns documentos para trabalhar enquanto vocês jogam conversa fora. Podemos ir direto ao ponto? Tenho um compromisso daqui a quinze minutos. — Suas palavras foram diretas, e eu gostava disso na minha tia. Quando ela agia de forma profissional, nunca perdia tempo ou falava sobre coisas desnecessárias. Era uma qualidade que, em geral, eu apreciava.

Leona sorriu e bateu na mesa.

— Bem, vamos lá. Suas avaliações positivas e as do programa estão aumentando exponencialmente. Obviamente nós queremos ganhar com isso. Então, o dr. Hoffman e a Century Produções concordaram em oferecer a você uma posição fixa no programa. Você vai continuar com o "Vida bela", mas, a partir de novembro, nós gostaríamos de aumentar de forma considerável o seu tempo no ar.

— Em quanto? — perguntou Millie.

— Bem, a ideia inicial é que a Mia participe de quadros fixos ao lado do dr. Hoffman. Ela tem o visual certo para atrair o público mais jovem. — Seu olhar disparou para Drew. — Não que você seja velho, mas é vinte anos mais velho que ela. Ter vinte e cinco anos, falar sobre determinados assuntos e entrevistar jovens artistas e celebridades pode realmente dar um gás ao programa.

Eu me virei para Drew.

— Doutor, você está de acordo com isso? Quer dizer, se o que ela está falando é verdade, você vai dividir um tempo no ar comigo, coisa que nunca fez antes. Tem certeza de que é o que você quer? — perguntei.

Apesar de querer pular e gritar "Sim, me escolha, me escolha!", eu tinha que considerar que estaria trabalhando com alguém acostumado a fazer tudo sozinho havia bastante tempo. Aquilo poderia incomodá-lo. E, se isso acontecesse, não funcionaria. Ele havia me colocado ali. E eu já tinha visto o lado feio desse ramo. Esse tipo de coisa nunca acaba bem.

Drew se inclinou e segurou minha mão com as suas duas. Inapropriado? Sim. Totalmente. Era o jeito dele? Cretino sem noção, como Leona falou? Absolutamente.

— Mia, meu bem, a ideia foi minha.

Olhei para Leona, que assentiu, franzindo os lábios.

— Por quê? — perguntei, num tom abafado.

Ele se recostou novamente, depois de dar dois tapinhas na minha mão.

— Eu não estou ficando mais jovem. Tudo bem, eu não sou velho, mas tem algumas coisas que eu ainda quero fazer. Passar algum tempo com a minha esposa, por exemplo. — Ele sorriu e balançou as sobrancelhas. — Você a viu.

Rindo, eu assenti.

— Além disso, eu fiquei fora da comunidade médica por muito tempo. Exceto a clientela de celebridades em geral, eu só atendo quando é necessário. E isso está me deixando enferrujado. Se, num prazo de seis meses a um ano, você puder ficar com metade do programa, posso me dedicar mais. Atender casos especiais, expandir minha clientela, entre outras coisas. Todo mundo sai ganhando. E, como você é uma estrela em ascensão... o céu é o limite, meu bem.

Cara, eu odiava quando ele me chamava de “meu bem”. Sempre soava nojento, embora eu soubesse que ele dizia aquilo de maneira carinhosa.

— Se, e isso é um grande *se*, a Mia estiver interessada, nós vamos precisar dos números, agenda de trabalho, compromissos de viagem e detalhes sobre o pagamento. Só temos mais uma semana no mês — a voz de Millie soou por cima do barulho das unhas contra o teclado. — Eu estou organizando a agenda dela para novembro e dezembro. Se quiserem que ela considere isso, vou precisar da proposta até amanhã à tarde.

Estreitei as sobrancelhas, olhando para o telefone como se aquilo fosse esclarecer a merda que a minha tia estava falando. Eu sabia que ela não estava organizando agenda nenhuma, pois eu já tinha avisado que, quando o mês terminasse, não pegaria mais trabalhos. Eu pagaria Max e arranjaria o que fazer, embora aquela proposta fosse o meu sonho. Participação fixa em um programa de TV? Trabalho fixo fazendo algo que eu amava? Retorcendo as mãos embaixo da mesa, rezei para que Millie soubesse o que estava fazendo e não estragasse aquela oportunidade. Fé. Eu tinha que ter fé. Ela tinha feito com que eu chegasse muito longe. Não havia razão para acreditar que ela não consideraria meus melhores interesses para o futuro também.

Leona inclinou a cabeça para o lado, como se estivesse considerando o cronograma que Millie definiu.

— Certo. Vou colocar minha equipe trabalhando nisso agora. Você vai receber a proposta amanhã, até o fim do horário comercial.

— Excelente. Se não houver mais nada a discutir, vou me despedir de vocês. Mia,

boneca, nós conversamos mais tarde. Eu te ligo.

— Obrigada, ti... hum, sra. Milan — corrigi. Eles não precisavam saber do nosso segredinho. Principalmente porque não era da conta de ninguém.

Ela desligou e eu fiquei em pé.

— Posso voltar ao trabalho?

Leona sorriu e se levantou, estendendo a mão.

— Espero que, muito em breve, nós possamos parabenizá-la por fazer parte oficialmente da família Century Produções.

Eu sorri e fui até a porta. Quando segurei a maçaneta, parei e me virei. Três pares de olhos me observavam, esperando que eu falasse.

— Sabem, este ano está sendo o mais estranho e surpreendente da minha vida, mas, no que diz respeito à minha carreira, até hoje eu não tinha sentido que estava no lugar certo, fazendo o que deveria. Obrigada por me darem uma ideia do que eu quero para a minha vida profissional.

Leona ajeitou um cacho atrás da orelha e levantou uma sobrancelha.

— A questão agora é: você acredita que este ano te trouxe até aqui por alguma razão? E eu vou além. Será que isso significa que o seu lugar é aqui, trabalhando neste programa com a gente? — Eu podia dizer, pela tensão em sua mandíbula e por sua postura ereta, que minha resposta significava algo para ela.

Sem parar para pensar no assunto, respondi:

— Por enquanto e num futuro próximo, sim, eu acredito. Não vejo a hora de começar a trabalhar! — Dei de ombros, abri a porta, fechei-a atrás de mim e entrei no elevador que me levaria de volta para Wes e para o quadro em que estávamos trabalhando.

Ele ficaria louco quando eu contasse as boas novas. Eu ficaria em Malibu, tinha uma oferta de emprego e, em algum momento, me casaria com o homem dos meus sonhos. Do nada para muita coisa num espaço de dez meses. Incrível.

Wes ficou insanamente feliz por mim. Comemoramos bebendo muito champanhe, fazendo amor na praia onde surfávamos todas as manhãs e caindo em nossa cama grande cheios de sal e areia. Ele teve pesadelos naquela noite, mas sua resposta foi muito diferente.

Eu o senti acordar assustado, mas ele não gritou. Ainda assim, eu conhecia a rotina.

Então, levantei da cama para convencê-lo a sair do seu penhasco e depois o amaria com cada centímetro do meu corpo, até que a única coisa que restasse em sua mente fôssemos nós dois e o nosso amor. Mas ele me parou e me abraçou por trás, segurando minha cintura com firmeza. Estava duro como uma rocha em minha bunda, e, sem pensar, inclinei o quadril, roçando nele. Ele sussurrou, a respiração pairando em meu ouvido, me provocando:

— Linda, eu estou bem. — Seu tom era firme, mas o fato de ele ter usado um termo carinhoso foi positivo.

— Você me ama? — perguntei imediatamente. Aquilo funcionou em todas as outras vezes, mas algo havia mudado naquela noite. Era quase como se o script tivesse sido reescrito.

A mão de Wes desceu até meu sexo. No mesmo instante, ao enfiar dois dedos dentro de mim, a umidade os revestiu.

Eu gemia baixa e profundamente.

— Baby... você me ama? — perguntei novamente.

Ele mordeu meu ombro, empurrando para baixo a alça de cetim da camisola, fazendo-a cair em meu braço.

— Sim. Eu *amo* cada centímetro seu. Eu *amo* te comer. Porra, eu te *amo* — ele rosnou e deslizou outro dedo para dentro, enfiando três dedos grossos no meu centro, cada vez mais. Arqueei com seu toque e passei um braço ao redor do seu pescoço.

— Onde você está, baby? — perguntei através da névoa de luxúria. Meus quadris se moviam de encontro às suas estocadas rasas.

— Em você — ele respondeu enquanto lambia meu pescoço. A outra mão deu a volta e segurou meu queixo para cima.

Como um ninja, ele se retorceu e me empurrou com o rosto virado para o colchão, enquanto seus dedos maravilhosos me deixavam. Gemi, irritada. Ele estava respondendo a todas as perguntas que eu fazia, mas seu tom de voz e a forma como agia estavam errados. Com uma precisão inacreditável, ele puxou meus quadris para cima, me fazendo ficar de quatro enquanto me penetrava. Gritei e grunhi. Mesmo que ele estivesse me tocando antes, eu não estava pronta para recebê-lo entre minhas pernas. Seu pau estava duro como pedra e foi implacável quando entrou dentro de mim.

— Eu vou te tomar cada vez mais, linda. Preciso disso. Preciso da sua boceta doce. Da sua umidade. Está tão seco, seco pra caralho. Não consigo respirar! — Ele metia em mim, se inclinando. — Não está molhado. Você é o meu oásis neste buraco do inferno — ele murmurou enquanto mordia a pele na base das minhas costas. Mordeu

com tanta força que eu gritei, mas aquilo só o fez aumentar a intensidade.

Doeu muito, mas, ao mesmo tempo, seu pau tocava aquele ponto dentro de mim que me aguçava. A cada impulso brutal, ele lutava mais e mais contra seus demônios, me levando mais alto.

— Me tira daqui, linda. Me leva embora — ele implorou.

Foi demais — a pressão, a dor, a precisão do aperto em meu corpo. Eu não conseguia parar minha resposta física. Atingi o orgasmo, meu sexo apertando-o com força, mas ele não parou e não gozou. Ainda entrando e saindo de mim, Wes me levou ao ápice mais duas vezes. Ele estava perdido na busca de seu prazer, que não vinha.

Finalmente, depois de gozar pela quarta vez, desabei no colchão, mas ele segurou firme em meus quadris.

— Não! Eu preciso de você. Preciso que você faça isso ir embora — gritou, soluçando.

Com uma energia que eu não sabia que tinha, fiquei novamente de joelhos e me enterrei em seu pau. Ele tentou me deitar de volta no colchão, mas, em vez disso, fiz pressão contra ele. Seu pau finalmente me deixou quando ele caiu sentado. Eu me virei e montei nele, firmando os joelhos ao lado de suas coxas e apoiando as mãos em seus braços. Parecia um daqueles mostruários de inseto, em que a borboleta fica presa no quadro. Prendi meu namorado. Ele estava tão exausto que permitiu que eu fizesse aquilo. Graças a Deus.

Lágrimas escorriam em seu rosto conforme ele balançava a cabeça de um lado para o outro. Sua pele estava coberta de suor.

Fiquei bem perto do seu rosto.

— Olhe para mim! — falei, alto o suficiente para sobrepor os soluços.

Seus olhos se abriram. As pupilas estavam totalmente dilatadas. Assim como eu suspeitava, ele estava trancado profundamente em suas lembranças.

— Wes! — gritei. — Volte. Pra. Mim. — Beijei seus lábios e, a cada toque, lhe dei amor, estabilidade e seu lar. Eu o senti começar a participar mais, até que finalmente seus dedos se entrelaçaram no meu cabelo, e nossos lábios pairaram a milímetros um do outro.

— Mia... você é o paraíso — ele sussurrou em minha boca, lambendo a pele machucada.

— Wes... — Eu o beijei com cada pedacinho do amor que tinha. Profundamente, línguas enroscadas, lábios com hematoma e almas unidas, até que eu disse a única coisa que selaria aquilo: — Lembre-se de mim, Wes. Baby, lembre-se de nós. — Eu solucei,

e seus olhos se abriram. Nada além de olhos verdes, da cor da grama recém-cortada, em uma manhã ensolarada.

— Nada vai me fazer esquecer de você, Mia. Esquecer de nós. Você é minha para sempre. A única razão para lutar contra isso é você... o meu paraíso.

— Baby, eu te amo — Sufoquei a emoção que crescia em meu peito.

— Meu Deus, Mia, dizer "eu te amo" não é suficiente.

Apenas mexendo os lábios, ele começou a falar o que não conseguia dizer com palavras.

Obrigado. Beijou minha testa.

Obrigado. Beijou minhas bochechas.

Obrigado. Beijou meu pescoço.

Obrigado. Beijou meus lábios.

Ele repetiu esse circuito até tudo desaparecer e nós ficarmos em uma ilha escondida, na segurança do nosso amor. Nada poderia estragar aquele paraíso. Nada.

10

O prédio era alto, ridiculamente ostensivo por dentro e cheio de homens de negócios e mulheres com roupas elegantes, que provavelmente custavam mais que a minha moto. Wes segurou minha mão com tanta força que a contorci até ele afrouxar o aperto. Nossas mãos estavam úmidas, grudando uma na outra, enquanto caminhávamos pelo lobby sombrio em direção aos elevadores. Olhei para o painel e pressionei o sete. Número da sorte. Assim eu esperava.

— Por que nós estamos aqui? — Wes suspirou e se encostou no fundo do elevador.

Bufei e me inclinei para ele.

— Você sabe por quê. Está na hora.

— Estou bem — ele grunhiu por entre os dentes.

Inclinando a cabeça e apoiando o peso do corpo em uma perna, olhei em seus olhos.

— Sério? Nós vamos ter essa conversa *de novo*? Porque ontem à noite eu acho que não foi você que teve uma mão ao redor do pescoço e foi pressionado contra o colchão enquanto o homem que ama atacava a sua pepeca.

As narinas de Wes se dilataram e ele cerrou os dentes com tanta força que deu para ouvir um rangido.

— Você sabe que eu nunca te machucaria.

Eu me aproximei, encostei o peito no dele, segurei seu rosto e o obriguei a olhar para mim.

— Não de propósito, eu acho que não. Mas você nem sempre é o mesmo quando eu te acordo. Às vezes é o homem que está lutando pela vida, o homem que viu uma mulher com a qual ele se preocupa ser violentada diariamente, o homem que, há um mês, vem usando o sexo como um band-aid sobre o buraco negro em seu coração. Baby...

Wes passou os braços ao meu redor.

— Eu estou fazendo isso por você. Porque não consigo nem pensar em te machucar. Não quero repetir a noite passada. Foi a mais baixa de todas. Nem sei como você consegue olhar pra mim, muito menos ficar ao meu lado. Eu sou tão egoísta. Vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance pra manter você comigo. Por favor, não me deixe,

Mia.

Exalando todo o ar em meus pulmões, beijei seu pescoço.

— Eu nunca vou te deixar.

O elevador fez barulho, indicando nossa chegada, e as portas se abriram. Saímos lado a lado, juntos, mas machucados. A noite anterior tinha sido a gota-d'água para mim.

Seguimos até uma porta fosca que tinha "ANITA SHOFNER, PSIQUIATRA" escrito em letras maiúsculas. Abri e entrei numa sala de espera. No canto ficava a mesa da secretária, onde uma mulher parecida com a atriz Angela Lansbury estava sentada. Ela nos olhou com olhos azuis gentis e seu rosto inteiro se aqueceu quando nos aproximamos.

— Oi, nós temos hora marcada com a dra. Shofner.

Ela sorriu, pegou uma prancheta e entregou para mim.

— Aqui está. Preencham, por favor. A doutora vai atendê-los... — Ela olhou para o relógio. Eram quinze para as quatro da tarde. — ... em quinze minutos. Normalmente a sessão termina cinco minutos antes do próximo horário.

Anuí e fui com Wes até um conjunto de poltronas. Eu o ajudei a preencher a papelada, embora ele fosse perfeitamente capaz. A tensão que o rodeava podia ser cortada com uma faca, de tão espessa. Esfreguei seu antebraço enquanto seu joelho balançava. Vê-lo tão ansioso era novidade. Eu já o tinha visto de várias formas, mas nunca daquele jeito, claramente desconfortável. Completamente desconfiado.

Entrelacei nossos dedos, levei sua mão aos lábios e a beijei.

— Ei, vai ficar tudo bem. Eu vou estar com você. Se depois de quinze minutos você ainda estiver se sentindo desconfortável, nós vamos embora, tá?

Ele respirou fundo e soltou o ar.

— Tá. Tudo bem. É só que... eu odeio aquilo que aconteceu, e continuar falando sobre isso me faz pensar que tudo pode voltar ainda pior.

Dei de ombros.

— Talvez, mas no fim das contas pode ser libertador, pode te ajudar a se curar, para que se torne parte do seu passado e não do seu presente.

Eu estava falando um monte de besteiras. Não fazia ideia do que uma consulta com uma terapeuta especializada em transtorno de estresse pós-traumático faria por ele, mas todo mundo com quem conversei me incentivou a isso. Disseram que precisávamos buscar ajuda, tratar o problema. Eu achava que estava fazendo um bom trabalho lembrando-o do que ele tinha, amando-o com honestidade, mas, no fim das contas,

talvez isso fosse parte do problema. A única coisa que eu sabia, com certeza, era que a noite anterior tinha sido ruim. *Muito* ruim, e eu nunca mais queria passar por aquilo ou ter medo de me deitar ao lado do homem que eu amava.

A porta se abriu e, para minha surpresa, Gina DeLuca saiu. Ela não havia nos notado ainda, mas, quando Wes a viu, suas mãos apertaram meus dedos dolorosamente, prendendo minha circulação. Gina estava falando em voz baixa, enxugando os olhos com um chumaço de lenços de papel. A mulher que estava ao lado dela esfregava a mão para cima e para baixo em seu braço e, em seguida e de forma metódica, a puxou para um abraço. A psiquiatra a consolou e a abraçou. Era o que eu precisava ver para saber que estávamos no lugar certo. Ela parecia trabalhar com amor e compaixão, e isso era exatamente o que o meu namorado precisava.

Gina se virou e parou abruptamente. Seus olhos molhados se iluminaram, e um sorriso largo surgiu entre seus lábios.

— Weston, você veio. — Ela estendeu os braços. Wes caminhou até ela no piloto automático, lhe dando um grande abraço. Uma pontada de irritação por ele ter que tocá-la me atingiu. Cerrei os punhos para conter o ciúme ridículo que vinha à tona toda vez que eu via aquela mulher. Não era razoável, eu sabia, mas não conseguia evitar.

Wes deu um passo para trás, e Gina acenou para mim.

— Então você finalmente concordou em aceitar o meu conselho e vir se consultar com a dra. Shofner? Isso é maravilhoso. Ela tem sido uma dádiva de Deus pra mim. Me ligue durante a semana, se quiser conversar sobre... você sabe... — Os ombros caíram e sua expressão passou de jovial a derrotada em uma fração de segundo. — Hum... sobre qualquer coisa que ela ache que precisa ser trabalhada. Não que você precise de ajuda, mas, hum... — Ela balançou as mãos, como se estivessem molhadas. Finalmente, respirou. — Enfim, boa sorte. Espero que ela te ajude tanto quanto tem me ajudado.

Em seguida, saiu correndo porta afora, como se os calcanhares estivessem em chamas. Sim, meu ciúme estava extremamente fora de lugar. Aquela mulher estava acabada em todos os sentidos e precisava do que o rosto amigável de Wes proporcionava. Não havia nada entre eles, exceto trauma.

Wes me olhou com uma expressão triste e cheia de remorso. Segurei sua mão.

— Não tinha nada que você pudesse fazer. Vamos falar com a médica, tá?

Ele fechou os olhos e assentiu. Nós nos viramos em direção ao consultório, e ela segurou a porta.

— Vocês devem ser Weston Channing e Mia Saunders. Por favor, entrem.

Entramos na sala e o aroma de baunilha atingiu meus sentidos. Uma vela cor de

creme estava acesa no canto, espalhando um cheiro reconfortante que se encaixava bem no local. A parede à esquerda estava repleta de livros, do chão ao teto. Textos médicos, alguns títulos de ficção que reconheci e outros de grandes nomes estavam perfeitamente organizados.

Durante o tempo que passei com Warren, eu tinha lido muito. Com Alec também. Os dois eram grandes amantes da literatura, e eu havia descoberto rapidamente um fascínio pelos clássicos. Livros que eu não quis ler durante o ensino médio, como *Grandes esperanças*, de Dickens, e *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, me proporcionaram uma fuga para outra época, onde as coisas deveriam ser mais simples, mas não eram. Viver envolvia muitas pessoas, relacionamentos, amores e medos. Como qualquer coisa na vida, não importava o quê, tudo girava em torno do simples ato de amar ou do medo do desconhecido.

A mesa da psiquiatra, um móvel antigo de cerejeira enorme, com pés redondos e bordas chanfradas, ficava no fundo da sala, ao longo da parede. Parecia ser tão robusta que seria preciso mais de dois homens para erguê-la, caso ela quisesse aplicar feng shui naquele ambiente. Na parede da direita havia uma área de estar com uma mesa de centro. Um sofá comprido e listrado, dourado e branco, adornava o local. Duas poltronas de leitura com encosto alto estavam viradas para o sofá, criando um clima acolhedor que eu apreciei.

— Por favor, sentem-se. — A dra. Shofner apontou para a área de estar.

Wes me levou para o sofá e se sentou ao meu lado. Quando digo “ao meu lado”, quero dizer que ele estava praticamente em cima de mim. Sua mão apertava a minha, e ele a puxou para seu colo, cobrindo-a com a outra mão. A psiquiatra notou o movimento, mas não mencionou nada. Ele estava evidentemente descontrolado. Não era todo dia que eu via um homem tão autoconfiante se agarrando a uma mulher daquele jeito.

A doutora se sentou em uma das poltronas cor de vinho, cruzou as pernas e descansou o queixo sobre os nós dos dedos. Seu cabelo castanho estava preso num coque elegante, e os óculos de tartaruga estavam apoiados no nariz. Ela usava calça azul-marinho e blusa bege com decote redondo. Sua aparência era profissional, mas acessível. Um único pingente pendia de uma pulseira de ouro. Era um coração, e eu imaginei que alguém que a amava houvesse lhe dado de presente. Talvez o marido ou o filho. Olhei ao redor da sala e pude ver uma foto de família perto da poltrona. Mais um ponto para ela. Uma mulher de família. Sua reputação, o apoio que ela estava dando a Gina e o fato de ser casada e ter filhos me fizeram acreditar que ela poderia ajudar meu

namorado a superar o trauma da experiência no Sri Lanka e na Indonésia.

A dra. Shofner olhou para mim e, em seguida, para Wes.

— Imagino que vocês estejam aqui porque estão tendo problemas devido a uma experiência traumática recente. — Assenti. Wes não se mexeu nem disse qualquer coisa. — E esse trauma está afetando o relacionamento de vocês? — a médica perguntou.

— Sim — eu disse, com firmeza.

Os ombros de Wes tensionaram quando ele falou.

— Eu quase forcei a Mia a ter relações comigo na noite passada. Estava preso em um sonho — ele afirmou, categoricamente. — Nunca mais quero fazer isso nem correr o risco de machucá-la. Eu a amo. Nós pretendemos nos casar. Você pode dar um jeito nisso? — ele pediu tão rápido que eu só pude olhar e esperar que a mulher respondesse.

A dra. Shofner umedeceu os lábios e estalou a língua.

— Certo. Bem, eu espero ajudar...

Eu a interrompi:

— Ele não me forçou a fazer nada, e com certeza não me machucou. Mais do que qualquer coisa, eu fiquei surpresa e abalada, porque a rotina do terror noturno mudou. Eu não sei mais como trazê-lo de volta.

Ela ergueu as duas mãos.

— Ei, ei. Pesadelos. Rotina. Ataque. Casamento. Vamos devagar. Sr. Channing... Weston... Posso chamá-lo de Weston?

Ele assentiu.

— Certo, Weston. Eu sei quem você é. Li os jornais e tenho uma ideia do que você pode ter passado.

Claro, nós tínhamos acabado de ver Gina deixando seu consultório. Com certeza ela havia contado à médica o que tinha acontecido.

Ela apertou as mãos e se inclinou para a frente.

— Você passou por algo que nenhum ser humano deveria passar. Você *sobreviveu* ao cativeiro. Ele não define quem você é. — Ela se recostou e soltou uma expiração lenta. — Agora, o que nós temos de fazer é falar sobre a sua experiência pessoal. Ir até o evento e discuti-lo, não importa quanto tenha sido doloroso ou ruim. Nós podemos fazer isso sozinhos ou com a Mia junto. Você decide.

Wes olhou para mim e, em seguida, desviou o olhar.

— Por enquanto ela fica. Mas talvez, na próxima sessão, quando, hum... — ele

limpou a garganta — quando nós falarmos sobre os detalhes, podemos fazer isso sozinhos. Pode ser? — Ele dirigiu a pergunta à médica, mas estava olhando para mim. Apesar de tudo, ele ainda queria minha aprovação. O que ele não sabia era que a única coisa que eu queria era que ele melhorasse para que voltasse a ser quem sempre foi. Que encontrasse a paz. Abri um grande sorriso e apertei sua mão.

— Certo. Já que a Mia está presente nesta sessão, por que não conversamos sobre o que você mencionou a respeito de quase forçá-la?

Revirei os olhos e estava prestes a negar mais uma vez quando Wes colocou um dedo sobre meus lábios.

— Linda, o que aconteceu foi inaceitável. Eu estou com medo de dormir com você hoje à noite. É por isso que eu concordei em vir aqui. Se isso pode ajudar, eu vou fazer o que for preciso.

Inclinei a cabeça e observei enquanto meu homem forte, o amor da minha vida, contava a uma estranha sobre a nossa noite torturante.

— Muitas vezes eu tenho terror noturno. A Mia descobriu uma maneira de me tirar deles — Wes disse.

— E qual é? — ela perguntou, erguendo o bloco de notas da mesa e rabiscando algumas coisas.

As bochechas de Wes ficaram vermelhas enquanto ele abria e fechava a boca. Sua timidez era ridiculamente adorável e me fez querer beijá-lo várias vezes, até que eu também tivesse aquele tom. Ele ergueu a mão e segurou a nuca, esfregando-a e balançando a cabeça.

— Nós fazemos amor — respondi baixo, querendo salvá-lo, ainda que um pouquinho, do constrangimento.

A terapeuta sorriu.

— E como é que isso o traz de volta? — A pergunta foi dirigida a mim.

— Não sei exatamente. A princípio ele fica muito bravo, suado e com as pupilas completamente dilatadas. Geralmente acorda gritando ou chorando. Às vezes eu acendo a luz e tenho que acordá-lo, pois ele fica se debatendo. — A psiquiatra fez algumas anotações e esperou que eu continuasse. Olhei para ver se Wes não queria continuar no meu lugar, mas ele fez um gesto para que eu prosseguisse. — Em algumas ocasiões eu percebo que ele ainda está lá.

— Lá? — As sobrancelhas dela se arquearam.

Girei uma mecha de cabelo no indicador, pensando em como responder, quando Wes se antecipou.

— No sonho, no cativeiro, naquela cabana, acorrentado a uma parede, sentado na minha própria sujeira.

Eu me reclinei no sofá, esperando que ele tomasse as rédeas.

— É como se eu ouvisse a Mia através de um nevoeiro, muito distante, me fazendo perguntas. — Ele franziu a testa e olhou para baixo. O olhar era intenso sobre os sapatos, que combinavam com o jeans de lavagem escura.

— Que perguntas? — a médica interrompeu.

Ele deu de ombros, mas não levantou o olhar. Aparentemente, os sapatos se transformaram na coisa mais interessante do mundo.

— Se eu a amo. Onde eu estou. Essas coisas. Normalmente isso ajuda a me trazer de volta. Mas eu fico... hum... sabe, as minhas partes baixas ficam, hum, assim... — Ele não conseguiu continuar, nem quando apontou para uma parte do seu corpo que me deixava com os joelhos fracos. Ele deveria ter muito orgulho dessa parte. Fazia coisas incríveis comigo e merecia ser muito elogiada.

— Prontas para copular? — a doutora ofereceu, num tom monótono, de um jeito nada sugestivo. Eu queria aplaudir seu profissionalismo enquanto meus pensamentos giravam com a simples menção do pau duro de Wes.

— Sim! — ele falou, excessivamente alto, e em seguida fechou os olhos. — Isso mesmo. Meu Deus, isso é tão embaraçoso.

Esfreguei seu ombro e me aproximei.

— Não é, não.

— Realmente não é, Weston. É uma resposta natural ao medo. Por tudo que você passou, por sentir medo de morrer, faz sentido que você queira se aproximar da sua companheira em busca de conforto e amor. Eu não vejo nenhum problema nisso. No entanto, alguma coisa deve ter mudado, ou você não estaria aqui.

Wes assentiu e apertou os lábios com tanta força que ficaram brancos. Ele soltou minha mão, se levantou e começou a andar atrás do sofá, olhando pela janela de vez em quando.

— Eu poderia ter machucado a Mia. Eu apertei o pescoço dela. — Ele disse as palavras como se estivessem cobertas de vômito. De um jeito nojento e indigno. — E depois eu tentei forçar a minha entrada. Eles fizeram isso! Fizeram isso com a Gina! — Ele puxou o cabelo nas têmporas e sacudiu a cabeça, com muito mais força do que qualquer pessoa em sã consciência faria. — E eu tentei fazer isso com a Mia. Meu Deus! O que está acontecendo comigo? — ele gritou.

A psiquiatra foi até ele e o trouxe de volta antes que eu pudesse assimilar tudo o que

ele tinha dito. Ela murmurou algo para ele e o fez sentar.

— Weston, às vezes, quando estamos presos em um terror, a nossa mente recria os acontecimentos para reescrevê-los de outra forma. Essa experiência pode ter sido uma maneira de a sua mente lidar com o que viu. Mia, você acredita que o Weston estava tentando te fazer mal?

Balancei a cabeça enfaticamente.

— Não. De jeito nenhum. No momento em que eu gritei o nome dele, foi como se um interruptor tivesse sido ligado, mas eu tenho medo de que a noite passada tenha sido um grande retrocesso, e nós esperamos que você possa ajudar o Wes a superar algumas dessas questões — acrescentei enquanto me aproximava mais dele. Meu namorado parecia triste, praticamente encolhido no canto, do outro lado do sofá. No momento em que me encostei, ele passou o braço ao redor dos meus ombros e enterrou o rosto no meu pescoço.

— Meu Deus, eu tenho tanta sorte de ter você, Mia...

Eu acariciei seu rosto e encarei a dra. Shofner.

— Eu sei. Nós vamos passar por isso. Juntos.

No fim de outubro, Wes estava indo ao consultório da dra. Shofner três vezes por semana. Foi uma decisão dele. Ela disse que ele precisaria de terapia intensiva para começar a se curar. Meu namorado estava comprometido com aquilo. Outra adição à nossa rotina foram as pequenas pílulas brancas para dormir que ele tomava toda noite antes de ir para a cama. Aparentemente, Wes pediu que a médica lhe desse algo que o nocauteasse.

Por mais que eu fosse sentir falta do sexo selvagem no meio da noite, não sentiria falta do motivo por trás daquilo. Além do mais, os remédios trouxeram o benefício extra de conseguirmos dormir de seis a sete horas sem interrupções. Depois de uma semana de boas noites de descanso e um homem que não estava mais preocupado em me atacar durante o sono, parecia que éramos pessoas novas. Nós tínhamos o mundo nas mãos e iríamos vivê-lo. Finalmente.

Wes e eu nos levantávamos muito cedo, fazíamos amor — um bônus delicioso — e surfávamos. Eu ia para o trabalho ou para o quarto de hóspedes, que havia sido transformado em meu escritório, e Wes ia para a academia, ficava na praia ou, às vezes, jogava golfe. Ainda não havia falado sobre o filme que estava quase completo ou

se escreveria qualquer coisa num futuro próximo. Ele não precisava do dinheiro. A casa e os carros estavam quitados, e ele tinha investimentos até dizer chega. De acordo com Wes, nenhum de nós precisava se preocupar com dinheiro pelo resto da vida, e ainda viveríamos confortavelmente. Mas isso não era o suficiente para mim. Não era com dinheiro que eu estava preocupada. Era com o caminho que Wes seguiria, suas ambições e o trabalho. Mais cedo ou mais tarde ele e a psiquiatra precisariam abordar esse tema, mas, por enquanto, a cura do trauma era primordial.

Outro efeito colateral infeliz de Wes estar em casa e passar pela terapia de estresse pós-traumático era que, várias vezes, eu chegava e encontrava Gina e ele conversando e rindo no sofá ou no deque do pátio. Judi fazia cara feia assim que eu entrava, como se eu estivesse permitindo que Gina nos destruísse. O que ela não entendia era que nada ficaria entre mim e Wes. Era tarde demais. Nós éramos o verdadeiro norte um do outro. Eu gostava de encontrar Gina DeLuca, a mulher com quem ele teve um caso passageiro? Não, não gostava. A médica me dizia repetidamente que era parte do processo de cura tanto dele quanto dela? Sim, dizia. Então, infelizmente, eu sorria e aceitava. Poderia suportar qualquer coisa, contanto que Wes estivesse no caminho para encontrar a felicidade.

Agora que o mês estava terminando, eu tinha algo incrível pela frente. Sim, eu iria trabalhar no programa do dr. Hoffman duas vezes por semana e continuaria com o quadro de quinze minutos na sexta-feira. Além disso, Ginelle chegaria hoje. Eu mal podia esperar! Ter a minha melhor amiga morando na casa de hóspedes me deixava tranquila como jamais imaginei ser possível.

No momento em que ouvi um carro seguindo pelo cascalho, pulei da cadeira no pátio e comecei a correr. Ouvi Wes explicando minha reação bizarra para Gina enquanto ela tomava um gole de chardonnay.

— A melhor amiga dela está se mudando de Las Vegas pra cá e vai ficar na casa de hóspedes — eu o ouvi dizer enquanto corria, com minhas meias natalinas, pelo piso da entrada.

Abri a porta e lá estava ela, com a mão erguida para bater.

— O que é que você está fazendo aqui, sua vadia feia? — Abri os braços e ela se jogou neles.

— Meu Deus, você está fedida. — Ela inspirou profundamente no meu cabelo e me apertou com força. — Muito banho? — Se afastou e sorriu, mas manteve as mãos no meu rosto. — Você parece bem... para uma vagabunda. Caramba, eu senti falta do seu traseiro enorme. Você sabe como é difícil conseguir a atenção de um cara quando não

tem um bundão do lado pra comparar com tudo isso aqui... — ela passou as mãos por sua estrutura pequena, mas peituda — ... sem ter alguém que te ajude a armar o encontro. — Os olhos de Gin estavam úmidos.

— Só lamento por você! E não se atreva a chorar. — Fiz beicinho e a abracei com força. Ela era tão pequena em comparação a mim. E, pelo padrão atual, eu era mediana.

Wes limpou a garganta, nos impedindo de atirar mais farpas uma na outra. Virei-me para ele, abri um sorriso enorme e apresentei Gin.

— Wes, baby, esta é a minha melhor amiga, Ginelle. Gin, este é Weston Channing Terceiro.

Ele murmurou "Terceiro" e deu uma piscadinha para mim.

— Que bom te conhecer. — E estendeu a mão.

Ginelle não disse nada. Sua boca estava aberta, os olhos esbugalhados.

— Cacete, a minha calcinha está molhada. Espere, eu não estou usando uma. A minha calcinha invisível está molhada!

Fechei os olhos e borbulhei de raiva em silêncio. Wes uivava de rir. Ele segurou Ginelle e a puxou para seus braços. Ela esfregou seu corpo minúsculo em todo o meu homem. Se fosse qualquer outra pessoa tentando senti-lo, eu teria ficado furiosa e com um instinto completamente assassino. Mas eu sabia que ela estava fazendo isso para me provocar, mais do que qualquer outra coisa, então fingi ignorá-la.

— Hum, certo. É isso. Hum, chega de abraços. — Ele afastou Gin do seu corpo. Ela fez questão de segurar a frente da camisa dele, tentando mantê-lo por perto. Agarrando-se a ele como uma sanguessuga.

Balançando a cabeça, bati em suas mãos.

— Arrume um pra você — eu a repreendi de brincadeira e ela fez beicinho.

— Que tipo de amiga você é? Está namorando o Ken Malibu e não arrumou um boneco pra mim? — ela resmungou e cruzou os braços.

Naquele momento Gina apareceu, segurando a bolsa. Gin observou seu belo corpo, o cabelo perfeito, os dentes, as roupas e a maquiagem impecáveis e balançou o polegar por cima do ombro.

— Quem é essa? A Barbie morena?

Eu ri, mas mordi a língua quando vi Gina fazer uma careta. Ela já havia sofrido bastante.

— Ginelle, essa é Gina DeLuca, amiga do Wes.

Minha amiga reconheceu o nome no mesmo instante, e eu sabia que seria ruim. Seus olhos se estreitaram e seu corpo ficou rígido.

— Você quer dizer a filh...

Coloquei a mão sobre sua boca, mas ela continuou jorrando palavras de baixo calão, defendendo o que achava que era minha honra ao tentar se libertar. Eu tinha cerca de dezoito quilos a mais que aquela magricela de um metro e meio. Segurá-la tinha se tornado a minha especialidade depois de todos aqueles anos.

— Hum, foi bom te ver, Gina. A Gin está cansada da viagem. Vou mostrar a casa pra ela. — Eu a arrastei pela porta da frente, seus calcanhares arranhando o chão. Quando chegamos à parte de fora, ela me empurrou.

— Que merda foi aquela? A vaca está lá, agindo como amiga, e ele trepou com ela há poucos meses! Não acredito que você deixa aquela mulher entrar na sua casa. Está louca?

Suspirei e a arrastei para sua casa nova.

— Não, não estou louca. Mas vamos precisar de uma bebida forte pra ter essa conversa. — Fui até o armário de bebidas que vi Judi abastecer. Os olhos de Gin se iluminaram como uma árvore de Natal. Eu ri. — Gostou da sua casa nova? — Estendi a mão como Vanna White, a apresentadora da *Roda da fortuna*.

Gin observou o lugar. Era uma casinha de um quarto, com uma pequena cozinha, sala de estar e quarto separado, além do banheiro. Perfeita para uma jovem recomeçando a vida.

— É maior que a minha casa em Vegas. Tem certeza que me quer aqui? O que aconteceu lá dentro, sim, aquilo pode acontecer a qualquer momento. — Gin não estava se desculpando. Não fazia seu estilo. Ela raramente se desculpava por ser ela mesma.

Passei o braço ao redor dos seus ombros e encostei a cabeça na dela.

— Eu sei, e te amo do jeito que você é. Mas nós temos muita coisa pra conversar até que você saiba lidar com determinadas situações.

Servi vodca com suco de cranberry para nós duas e nos sentamos no sofá macio. Contei tudo. No fim, ambas estávamos bocejando e havíamos passado por vários momentos de choro. Foi quase desintoxicante desabafar com alguém que me conhecia a vida toda e não me julgaria, não me questionaria nem me veria por uma óptica negativa. Gin estava lá comigo, e agora eu estaria com a minha amiga enquanto ela se curava da experiência pela qual havia passado. Talvez eu pudesse levá-la para se consultar com Anita Shofner também. A terapeuta era extraordinária. Eu tocaria no assunto mais tarde, não agora. Queria deixá-la se instalar primeiro.

— Você vai ficar bem aqui? — Cruzei os dedos e esperei que ela realmente tivesse gostado.

— Mia, eu precisava dessa mudança. Estava na hora de deixar aquilo tudo pra trás. O trabalho ruim, o sentimento de inutilidade, a sua ausência e viver um dia de merda depois do outro. Estava na hora de viver uma nova aventura. Estou pronta pra ver aonde a vida vai me levar aqui na Califórnia.

— Vou te dizer uma coisa. Se eu aprendi algo este ano, foi a confiar na jornada. — Apontei para o meu pé e ela sorriu maliciosamente para a tatuagem que era quase a minha música-tema.

— Algum estúdio de tatuagem na área? — A descarada impulsiva balançou as sobrancelhas.

Assenti, oferecendo meu braço, e esperei que ela encaixasse o dela ali. Todos os pensamentos de ir dormir sumiram com a simples sugestão de ela fazer uma tatuagem.

— Sim, acho que tem.

Ginelle sorriu lindamente. Ela sempre foi bonita, e agora estava ali comigo, prestes a iniciar sua nova vida. Desta vez eu estaria lá para ajudar.

— Mostre o caminho. — Ela apontou para a porta, e uma sensação de leveza absoluta correu através do meu corpo.

— Desta vez eu vou mostrar.

E fui sincera. Após dez meses fazendo o que me mandavam, indo para lá e para cá, sendo contratada para ajudar outras pessoas, eu estava cansada de seguir. De agora em diante, eu seria a líder do meu próprio destino.

Não perca o próximo passo da jornada de Mia.

Conheça a seguir o primeiro capítulo.

1

Flocos de neve. Únicos, frágeis e diferentes entre si. Absolutamente fascinantes. Peguei com a boca um que caiu do céu. Ele derreteu no instante em que tocou minha língua. Os flocos me mantiveram encantada enquanto vários deles caíam sobre meus cílios, distorcendo momentaneamente minha visão. Pisquei, afastando-os, e suspirei. A névoa do meu hálito quente imitou uma nuvem de fumaça. Com as mãos abertas, girei lentamente, permitindo que os flocos claros caíssem sobre mim.

— Se você já tiver terminado de brincar na neve, podemos ir para o hotel? — Wes riu. — Estou congelando! — Ele pressionou o nariz frio no calor do meu pescoço. Por trás, circulou os braços ao meu redor e me abraçou apertado. Cobri seus braços com os meus.

— Isso é tão legal! Raramente neva em Las Vegas e, definitivamente, nunca em L.A. — Assisti com admiração àquela maravilha da natureza.

Ele se aconchegou em meu pescoço, deixando uma trilha de beijos até a nuca.

— Superlegal... As minhas bolas estão congelando e o meu pau virou um pedaço de gelo.

— Bem, eu sempre adorei picolé. — Eu ri e me virei, ficando cara a cara com ele. — Obrigada por ter vindo comigo. Honestamente, eu não estava pronta pra ficar longe de você.

Wes sorriu de um jeito que me fez querer pular em cima dele. O meu namorado estava um gato, mesmo agasalhado e usando gorro.

— Quem não ia querer passar duas semanas em Nova York com uma bela dama? — Ele se inclinou, esfregou o nariz no meu e me deu um selinho.

Mentiroso. Quando a equipe do programa disse que eu teria de ir para a Big Apple por duas semanas, gravar com algumas celebridades para o especial do dr. Hoffman, "Seja grato", um quadro semanal como o meu "Vida bela", Wes não pareceu muito interessado. Disse que evitava a costa Leste durante os meses de inverno como quem evita a peste. Ele achava que o oceano Atlântico não era quente o suficiente, ou que as ondas não eram propícias para um surfista dedicado... e que as temperaturas, em

comparação com a Costa Dourada da Califórnia, eram baixas demais.

Eu estava preocupada com a perspectiva de ficar sem ele por duas semanas. Para mim era muito cedo. Fazia pouco tempo que ele havia saído do cativeiro. A simples ideia de estar longe dele por qualquer período de tempo me dava urticária, mas fiz tudo que pude para agir normalmente. Ele estava se recuperando, e a terapia ia incrivelmente bem. A última coisa que eu queria era que Wes pensasse que eu não acreditava que ele podia se manter por duas semanas sem a namorada superprotetora para vigiá-lo.

No entanto, quando fiz planos de entrevistar meus amigos — Mason Murphy, o arremessador do Red Sox, e Anton Santiago, o rapper Latin Lov-ah —, ele mudou de ideia. Uma noite, na semana anterior, Wes me confidenciou que tinha conversado uma sessão inteira com sua terapeuta, Anita Shofner, sobre os homens que haviam passado pela minha vida. Ele sabia que eu recebia ligações regulares de Mason, Tai, Anton, Alec, Hector e Max. Claro que não se importava com as ligações de Max, meu irmão recém-descoberto, ou de Hector, porque ele era gay e tinha um relacionamento sério com Tony. Mas Wes admitiu sentir um pouco de ciúme dos outros quatro. Ele conhecera Anton e gostara do fato de o Latin Lov-ah ter me ajudado a atravessar um momento difícil, mas, ainda assim, não confiava nele, por causa de sua reputação de mulherengo. Até Mason, que estava completamente apaixonado por Rachel, sua relações-públicas, o deixava arrepiado.

Eu mencionei algo a respeito disso? Não. Não quando o objetivo era trazer meu namorado para Nova York comigo. Eu sabia que era cruel, mas, quando ele perguntou o que nós faríamos depois que eu os entrevistasse, dei de ombros e respondi que faria o que eles quisessem. Cinco minutos depois, Wes estava fazendo as malas.

— Quando nós vamos encontrar os seus amigos? — Havia uma pontada de irritação em seu tom.

Sua reação por rever Anton e conhecer Mason tinha sido estranha. Meu namorado sempre foi pé no chão, sempre foi seguro. No entanto, depois da experiência na Indonésia, ele ainda não havia recuperado completamente seu jeito tranquilo de ser. A terapeuta me assegurou que levaria tempo e pediu que eu continuasse a oferecer coisas boas para Wes pensar — ou seja: nós e a nossa relação, que florescia.

— Hoje à noite nós vamos ver o Anton e a Heather. Ele vai fazer um jantar pra gente na casa dele. O Mace e a Rach só chegam no fim da semana.

O que eu não contei era que Anton havia oferecido seu apartamento em Manhattan para que ficássemos lá durante nossa estadia. Eu sabia que Wes não ficaria animado. Quando estávamos em Miami, ele até gostou de Anton, mas naquela época nós ainda estávamos admitindo nosso amor um pelo outro. Estávamos ocupados demais com nossos pensamentos para nos preocupar com alguém em volta.

Arrumamos nossas coisas nas gavetas da cômoda do hotel tranquilamente, tomamos banho e fizemos amor. Eu podia sentir a tensão escoar dos poros de Wes quando ele gozou dentro de mim, com palavras de amor saindo de seus lábios.

Enquanto eu recuperava o fôlego, deitada sobre ele feito um cobertor, senti Wes levantar minha mão direita, levá-la aos lábios e beijar os dedos, um por um. Em seguida, o cretino sorrateiro deslizou algo pesado em meu dedo anelar.

— Quando é que nós vamos nos casar? — ele perguntou, de repente. Estávamos nus, sonolentos, tínhamos acabado de fazer sexo intenso e prazeroso e eu estava mole, deitada em cima do seu peito. Eu o havia cavalgado como se não houvesse amanhã e provavelmente ficaria com as marcas de seus dedos nos quadris para comprovar.

Pisquei e afastei o cabelo do rosto, colocando uma mão em cima da outra sobre o seu coração. Eu gostava de senti-lo bater debaixo de mim, sabendo que era meu.

— Isso é um pedido? — brinquei.

Seus olhos se estreitaram, e ele inclinou o queixo em direção a minha mão. Olhei para a aliança de diamantes que brilhava para mim.

— Nós já falamos sobre isso. — E acrescentou: — Você sabe que não vai ouvir um pedido. Você não tem a opção de recusar. — Suas palavras eram firmes e não deixavam espaço para discussão.

Inclinando-me, eu me sentei sobre ele e concentrei toda a atenção no anel mais elegante que eu já tinha visto, e que agora adornava meu dedo. Tinha uma faixa de diamantes em toda a volta. Não era chamativo como a maioria das alianças de noivado. Não. Esta era simples, mas muito brilhante. A quantidade absurda de diamantes preenchia todo o aro que envolvia meu dedo. Não prenderia em nada. E eu ainda poderia pilotar a Suzi usando minhas luvas de couro. Era simplesmente perfeito.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Você não vai pedir mesmo? — Sufoquei um pequeno soluço enquanto olhava para o que era, aparentemente, um anel de noivado.

Ele se sentou, passou um braço ao meu redor, apoiou os calcanhares no colchão e se impulsionou para trás, até que estivesse recostado na cabeceira, comigo no colo.

Entrelaçou os dedos em meu cabelo, mantendo meu rosto na direção do seu.

— Você realmente precisa que eu peça? — Seus olhos estavam num tom verde brilhante quando me obrigou a encará-lo.

— Precisar? Não. Querer? Meio que sim — admiti, enquanto as lágrimas escorriam.

Wes suspirou e esfregou a testa na minha.

— Não me faça me arrepender disso — sussurrou, a voz tremendo com o que era, provavelmente, ansiedade, ou até mesmo preocupação, em relação a minha resposta. — Mia, meu amor, minha vida... Quer casar comigo?

Olhei em seus olhos e vi apreensão, como se eu pudesse dizer não. Nem em um milhão de anos eu perderia a chance de me prender a esse homem pela eternidade.

— Em vez de outro anel, posso ganhar outra moto?

Wes piscou, inclinou a cabeça para trás e riu.

Beijei seu peito enquanto isso, percorrendo uma trilha até o pescoço e a orelha.

— Sim, baby. Eu quero casar com você — eu disse as palavras que sabia que ele queria ouvir.

Ele apertou os braços ao meu redor.

— Vou te fazer muito feliz.

Encarei seu rosto.

— Então você vai me dar uma moto nova? — perguntei, esperançosa. Ele balançou a cabeça e me beijou com muita intensidade, até minha boca ficar tão dolorida que eu mal podia sentir seus lábios nos meus.

— Quando? — rosnou no meu ouvido, se dirigindo para meus seios nus. Parecia que a segunda rodada começaria em dois segundos e meio.

— Hum... ano que vem? — respondi, colando sua cabeça ao meu peito enquanto ele mordiscava um mamilo ereto.

— Humm. Tudo bem. Primeiro de janeiro, então — Wes resmungou contra meu seio. Puxou o outro mamilo e chupou com força o primeiro.

— Ah... sim — gemi. — Espera. O quê?

Bati na porta da cobertura de Anton em Nova York. Wes estava a meu lado, um braço ao redor da minha cintura, me mantendo bem perto. A porta se abriu quando eu estava prestes a bater novamente. Fiquei bastante surpresa por ter que bater, já que a recepção

havia nos anunciado.

— Você chegou! — Heather falou, pulando. Ela usava ankle boots abertas na frente que a deixavam muito mais alta do que já era. Seu cabelo loiro estava arrumado do mesmo jeito que sempre usava quando estávamos em Miami, como o de uma estrela do rock. Vestia uma blusa pink justérrima e de mangas compridas que dizia “Pink é o novo preto” em letras brancas sobre os seios. A peça estava por dentro do jeans skinny, com um cinto de tachas que transmitia uma aparência de “sou foda”. Havia mechas em tom de fúcsia no cabelo, que a faziam parecer incrível. Caramba, ela *era* incrível.

Eu realmente precisava sair mais com as meninas. Ginelle vinha me enchendo havia duas semanas para ir fazer compras com ela em L.A. Eu teria que fazer isso quando voltasse.

Heather me tirou dos braços de Wes e me puxou para os seus, me balançando para a esquerda e a direita. Em seguida, se afastou um pouco e me olhou.

— Garota, eu não comprei roupas pra você em Miami? Por que você não usa? — Seu nariz se enrugou sem nenhuma má intenção. Ela só estava sendo honesta.

Gemi e balancei a cabeça.

— Estou confortável assim. — Puxei a camiseta de mangas compridas do show da Lorde, a que havia assistido com Maddy no ano anterior. Aquela garota mandou muito bem, e a camiseta era legal. Eu a combinei com jeans justos, rasgados nas coxas, e botas de caubói com salto de cinco centímetros. Cindy tinha mandado um par para Maddy e outro para mim, para nos lembrar do que nos esperava no Texas. Eram muito legais. De couro preto, com um design interessante no bico, mais quadrado que arredondado. A melhor parte? Tinha uma fivela incrível na altura do tornozelo.

Heather observou meus pés.

— Humm, as botas são bonitas.

Wes pigarreou atrás de mim.

— Ah, merda. Heather, lembra do meu namorado, o Wes? — Fiz um gesto para o ombro dele.

— Hum, acho que você quer dizer noivo, linda. — Ele sorriu e piscou.

Os olhos de Heather se arregalaram, como se ela tivesse sido eletrocutada.

— Santa surpresa, Batman! Você vai se casar? Que incrível! — Ela nos puxou para um abraço coletivo, colocando os braços ao redor do nosso pescoço. — Aí sim! O Anton vai adorar a notícia. Casamento é com ele mesmo.

Eu ri.

— Como assim? Que eu saiba ele nunca se casou.

— Não, mas foi noivo muitas vezes — ela disse casualmente. Heather nos levou pela cobertura espaçosa até a cozinha, onde encontramos Anton balançando os quadris diante do fogão de seis bocas, num ritmo que só ele podia ouvir. O cheiro era absolutamente divino. Senti um toque de algo apimentado, que me fez lembrar da comida do sul.

— Quem vai se casar? — Anton se virou com uma espátula de madeira na mão. — *Lucita!* Você? Me diz que não é verdade. — Ele cruzou as mãos sobre o coração e se apoiou na borda da bancada.

Eu ri. Wes não. Ele passou um braço sobre meus ombros.

— É sim. Mostre o anel pra eles. Nós vamos nos casar no dia 1º de janeiro. — As palavras dele estavam repletas de orgulho viril.

Levantei a mão e olhei para Wes, confusa.

Os olhos de Anton se arregalaram.

— Tão rápido. Uau. Como a minha avó diria, vocês não perderam tempo. — Ele sorriu e piscou.

— Ainda não marcamos a data. — Levantei o olhar para meu namorado.

Suas sobrancelhas subiram muito.

— Acho que marcamos sim, um pouco antes de virmos pra cá. Lembra?

— Qualquer coisa discutida no calor do sexo não conta. Isso é coerção! — Fiz beicinho.

Wes sorriu.

— Que pena. Você concordou. Agora só falta decidir o lugar. — Ele entrelaçou os dedos em minha nuca, massageando a tensão de um dia inteiro de viagem que ainda estava lá, para não mencionar o peso de ficar noiva. Eu ainda nem tinha contado para Maddy ou Gin. Elas iriam pirar se ele falasse alguma coisa antes de eu ter a chance de contar para elas.

— Vamos falar sobre isso mais tarde. Tudo bem? — Eu me inclinei e o beijei uma vez, depois outra, por via das dúvidas. Assim ele saberia que eu não o estava rejeitando.

Ele segurou meu rosto. Rapidamente, virei a cabeça e beijei a palma de sua mão. Seus olhos estavam desconfiados, mas eu podia ver que provavelmente tinha a ver com quem e onde estávamos.

— Tudo bem, linda. Mais tarde. Amanhã. — Sua resposta foi firme e tinha uma ponta de autoridade.

Acordo era acordo.

— Combinado. Agora, Anton, me conte o que tem feito. Seu último álbum arrebentou, por sinal!

— Ah, *Lucita*, esse álbum foi foda. Você gostou da música em que eu dublei a voz de uma garota?

— Muito! E, Heather, como vai a carreira de empresária?

Na última vez em que nos vimos, ela havia acabado de ser promovida. Anton não tinha percebido que estava explorando sua melhor amiga e assistente pessoal. Quando ele estava prestes a perdê-la, ofereceu um aumento para que ela ficasse. Até onde eu sabia, estava tudo ótimo agora.

Antes que ela pudesse responder, Anton se intrometeu, o que não era totalmente incomum para ele, que adorava ser o centro das atenções. Bem adequado a sua profissão de rapper de sucesso também.

— AH é *asombrosa*... como vocês dizem? Incrível! Os shows que ela está negociando, os contratos com marcas de roupa. Fantásticos! Promover essa garota foi a melhor decisão que eu já tomei. Fico feliz de ter pensado nisso.

— Você?! — Heather e eu gritamos ao mesmo tempo e, em seguida, tivemos um ataque de riso.

— Tudo bem, talvez a ideia não tenha sido minha. Mas eu concordei.

Revirei os olhos. Heather sorriu e cruzou os braços.

— Tanto faz, Anton. O que você está preparando para o jantar? — perguntei, me aproximando e esbarrando em seu quadril.

Ele não parou de mexer o molho, que observava como um falcão.

— Ah, a comida preferida da minha família, e minha também. *Arroz con pollo*.

— Reconheci a palavra “arroz”, mas o que mais tem?

Ele riu.

— Basicamente arroz com frango.

— Vejo que você está se esforçando bastante — falei, inexpressiva.

Anton afastou meu cabelo do ombro e passou o polegar em minha bochecha.

— Pra você, *Lucita*, o mundo. — Seu tom era sério, mas o brilho nos olhos mostrava diversão.

Eu ri.

— Com frango e arroz?

Suas sobrancelhas se estreitaram.

— Ei, não brinque com isso. Todo mundo adora frango e arroz, *sí*?

— *Sí*, Anton. Wes, quer beber alguma coisa? — Eu me virei e olhei para Weston.

Ele estava fuzilando a nuca de Anton, e eu não fazia ideia do motivo. — Wes? — perguntei novamente, até que seus olhos verdes focaram em mim. — Bebida?

Heather se aproximou e abriu o freezer.

— Tenho uma Cristal gelando. Acho que devíamos fazer um brinde agora, em vez de tomar os martínis que eu ia preparar. Com certeza nós temos motivo pra comemorar, já que você vai se casar! Meu Deus! Você está surtando? — ela perguntou enquanto ia até um armário e pegava quatro taças de champanhe.

Inspirei profundamente e deixei toda a tensão sair de meus ombros enquanto segurava minha mão e olhava para o anel.

— Surtando, não. Mais feliz do que pensei que estaria neste momento da minha vida? Com certeza!

Olhei para Wes, e todo o seu corpo pareceu se suavizar. A tensão que ele parecia carregar um minuto antes se esvaiu com minhas palavras. Seus ombros estavam relaxados, e ele apoiou o queixo na palma da mão e o cotovelo no balcão da cozinha, em uma postura casual.

— Que mulher não ficaria louca de felicidade?

Eu me debrucei sobre o balcão e segurei a mão dele. Ele a levantou e beijou a palma. Os arrepios começaram na parte inferior das minhas costas, e eu os segui mentalmente enquanto faziam cócegas pela coluna. Eles se transformaram em ondas de calor quando ele passou o polegar pelo centro da minha palma. Juro que era como um botão de acesso direto ao meu clitóris. No momento em que ele deslizou a unha na carne macia da minha mão, tive que abafar um gemido. Agora não era o momento nem o lugar para isso. Ainda teríamos uma noite inteira pela frente antes que pudéssemos nos perder um no outro mais uma vez. E era o que faríamos. Ah, sim, com certeza.

Decidi ali mesmo que deixaria meu namorado tão duro que ele perderia a cabeça de tesão antes mesmo de me levar de volta para o hotel.

Entrando no jogo, segurei sua mão e puxei seu braço. Então, passei o dedo na parte interna do antebraço, do cotovelo até o pulso, onde tracei várias vezes um padrão em forma de oito. Seus olhos brilharam e ele sorriu, mostrando os dentes brancos e os lábios deslumbrantes, que eu nunca me cansava de beijar. Por um momento me preocupei: meu plano secreto de seduzi-lo e deixá-lo louco de desejo poderia se voltar contra mim. Meu namorado era rápido no gatilho. Dei a volta no balcão da cozinha e parei ao lado dele. Ele me reivindicou no mesmo instante.

Heather serviu o champanhe ridiculamente caro.

— Vem, Anton. Baixe o fogo e venha aqui — ela insistiu.

Anton virou alguns botões, girou na ponta dos pés, como se estivesse em um clipe do Michael Jackson, inclinou o corpo para trás, estendeu o pé e deslizou até ela.

— Exibido — tossi.

Naquele momento, Wes começou a rir. Meu namorado estava finalmente relaxando, mas acho que, em primeiro lugar, tinha muito a ver com o fato de eu estar usando a aliança; em segundo, com o fato de eu estar presa a seu lado; e, em terceiro, com o fato de Anton ser um completo palhaço. Sexy pra caramba, mas ainda assim um palhaço. A primeira parte eu nunca admitiria, nem mesmo sob extrema pressão, pois Wes perderia a cabeça. Se as fãs do Anton soubessem quão fofo ele era, ainda o amariam, porque sua música era perfeita e ele era absolutamente gostoso, mas o fato de ser um palhaço talvez o fizesse conseguir algumas garotas legais. Eu esperava que sim.

Anton levantou a taça, e todos nós o imitamos.

— À *Lucita* e ao seu *hombre*. Que vocês brilhem tanto quanto o sol e compartilhem muitos dias perdidos de amor. *Salud.*

Abri um sorriso enorme, e, pela primeira vez, Wes realmente sorriu para Anton e assentiu. Anton olhou para meu namorado e depois para mim, inclinou o queixo e bebeu a taça inteira de uma só vez. Terminou com um caloroso:

— *Segunda ronda.*

Wes apertou meu ombro, e eu olhei para ele.

— Estou contente de estarmos aqui — admitiu.

Fechei os olhos, inspirei e encostei a testa em seu pescoço.

— Eu também. Eles são bons amigos e só querem o melhor pra mim. Que. É. Você — cutuquei sua bochecha com o nariz a cada palavra.

Wes pegou meu rosto e deu um selinho em meus lábios.

— Eu sei disso. A minha cabeça ainda está... você sabe... contaminada — ele falou tão baixo que só eu pude ouvir. Não importava, porque, depois do nosso brinde, Anton retornou para a cozinha e Heather voltou a encher as taças. Em seguida, se afastou para colocar uma música para tocar.

— Não. — Acariciei sua têmpora. — Mande as preocupações embora. Nunca vai haver outro. Eu juro.

Ele assentiu e se inclinou perto o suficiente para que eu pudesse sentir sua respiração em meus lábios. Eu quase podia saborear as notas do champanhe em seu hálito.

— E eu vou garantir isso — ele sussurrou em minha boca antes de tomar meus lábios num beijo profundo, molhado, muito mais intenso do que era apropriado para o

lugar.

Terminamos o beijo ao som de aplausos e gritos dos nossos espectadores do outro lado do balcão. A noite seria longa.

A garota do calendário – Outubro

Skoob do livro
https://www.skoob.com.br/a-garota-do-calendario-outubro-601229ed601355.html

Skoob da autora
https://www.skoob.com.br/autor/15764-audrey-carlan

Site da autora
http://www.audreycarlan.com/

Goodreads da autora
http://www.goodreads.com/author/show/7831156.Audrey_Carlan

Facebook da autora
https://www.facebook.com/AudreyCarlan/

Twitter da autora
https://twitter.com/audreycarlan

Vídeo sobre a série no Youtube
https://www.youtube.com/watch?v=CjCo6E20uHw

Instagram da autora
https://www.instagram.com/audreycarlan/